

3 1761 04483 7169







**ESPUMAS FLUCTUANTES**



CASTRO ALVES

---

# ESPUMAS FLUCTUANTES

---

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA E AUGMENTADA

---

COM UM JUIZO CRITICO

---

DE

---

ALBERTO DE OLIVEIRA

---



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109  
RIO DE JANEIRO

| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS

PQ  
9697  
C35E8  
1913





## AO PUBLICO

---

A presente edição das *Espumas Fluctuantes* sae conforme ao texto da primeira, dada á publicidade ainda em vida do poeta, em 1870. Terá assim o publico esta preciosa collecção restituida ao seu original, sem as alterações que se encontram em algumas das edições que ahi correm.

Achamos dever juntar-lhe uma parte supplementar, abrangendo todas as mais poesias do auctor, que até agora têm sido publicadas. Entre estes versos figuram alguns ineditos, dos quaes gentilmente permittiu cópia a amigo nosso uma das dignas irmãs do poeta, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Amelia R. da Cunha.

Sobre tão valioso accrescimo, sae esta nova edição abrihantada com um retrato do pranteado escriptor, e enriquecida nas ultimas paginas de alguns dos

melhores cantos que em homenagem lhe foram consagrados por outros poetas.

Acreditamos, reeditando assim esta obra, prestar mais um serviço ao publico e ás letras do paiz.

O EDITOR.

## CASTRO ALVES

---

Se a maior ou menor procura das obras de um auctor desse estalão para justamente medil-o, os maiores poetas brasileiros, consoante este criterio, seriam Castro Alves e Casimiro de Abreu. Das *Espumas Fluctuantes* e das *Primaveras* é pena e sensível lacuna em nossa bibliographia se não saiba ao certo o numero das edições que circulam no paiz, reparo este já feito por José Verissimo, que na carencia de dados estatisticos e a julgar apenas pela venda das obras, dá Castro Alves como o mais popular dos poetas dos ultimos trinta ou quarenta annos.

A sensibilidade morbida de Casimiro, a repassar-lhe as estrophes balouçadas num rhythmico de paixão e tristeza, e o entusiasmo do cantor do *Livro e a America* e tambem seu lyrisimo ardente creio justificam a predilecção, entrando tambem aqui, como elemento de sympathia, a vida de ambos cortada

em flôr e ainda quanto ao primeiro o seu infortunio.

Em favor de Castro Alves accresce a qualidade de combatente na causa intensamente popular que foi entre nós a da abolição do elemento servil, podendo-se affirmar haverem-se vulgarizado tanto como o *Ashaverus* ou o *Gondoleiro do amor*, as *Vozes d'Africa* e o *Navio negroiro*.

Ser bem acceito ao publico não constitue, porém, regra absoluta para julgar do merecimento de qualquer escriptor. « A popularidade de um artista — pondera avisadamente o illustre critico acima citado — tanto pôde ser um signal de sua superioridade, como de sua inferioridade, se bem eu esteja convencido de que, de uma maneira geral, e bem pesado o merecimento dessa popularidade, ella prova pelo menos que o artista soube impressionar o povo, transmittir-lhe a sua emoção e excitar o seu sentimento. »

E' o caso do poeta bahiano. Seu communicativo enthusiasmo, o calor e apaixonado sentimento de seus versos, realçados quando elle os recitava, por uma palavra magica, que suggeriu a Ruy Barbosa a reminiscencia da pagina homericã ao referir-se o poeta grego a Thalthybios, arauto de Agammenon, « semelliante aos deuses pela voz », perduram, captivando ainda os que o lêem. Não são mais os homens de seu tempo, ou pelo menos não são os moços como elle, de sua epoca, mas é a mesma alma nacional que ali está e continúa de admirar-o e querer-lhe.

E' que o poeta em certo periodo da vida collectiva soube representar essa alma, communicar-lhe a propria emoção, dar cópia do sentimento della, no que ha neste mais ardente e mais intimo. Foi o verso o instrumento maravilhoso de que para tal fim se serviu. A sua arte é completa, porque para tanto lhe foi bastante.

---

Não vamos reparar na frouxidão de alguns versos ou no ás vezes desmaiado matiz das rimas e até em algumas que não o são. O apuro destas cousas veio mais tarde. Tão pouco lhe estranhemos a falta de ordem e connexão em varias estrophes, as extravagancias da hyperbole, o abuso da antithese. Não lhe esmiucemos tambem senões de palavras, ou o que ha nellas destoante da pureza classica. Elle tinha vinte annos ou pouco mais. Julgando-o em sua idade e seu tempo, dentro desta dupla circumstancia, não ha contradictar que, á parte a assombrosa precocidade de Alvares de Azevedo, é elle o mais genial dos nossos cantores. Menos daquelles annos, dezeseite apenas contava, e já era o poeta da *Mocidade morta* e *Dalila*. Aos dezoito escrevia *Pedro Ivo*. E essas *Vozes d'Africa*, e os *Jesuitas* e o *Navio negreiro*, por não mencionar tantos outros primores, sorprendem-nos — paginas excepcionaes de alta inspiração em nossa poesia — como producções de um espirito que mal despertava. Ha ali a irradiação

crescente e colorido do madrugar espiritual de um Hugo, Schelley ou G. Leopardi.

Raymundo Corrêa em um de seus admiraveis sonetos, caracterizando em traço rapido as musas dos nossos principaes poetas romanticos, ao chegar a vez da de Castro Alves, glosa-lhe um bello alexandrino e mostra-a, em lugar da harpa de ouro,

*Tendo*

*Na mão brilhante a trompa bronzuada.*

Assim a imagina o poeta das *Pombas*; vemo-l'a tambem assim, e não de outro modo a sentiu, ao approximar-se, a virgem serrana das cadenciadas quintilhas do *Hospede* :

*Uma buzina restrugiu no valle,  
Junto aos barrancos onde geme o rio...  
De teu cavallo o galopar soava  
E teu cão, ululando, replicava  
Aos surdos roncões do trovão bravo.*

Essa buzina de amazona, a cujos accentos em outras occasiões, como á de Oberon-Shakespeare, acodem mil sêres phantasticos, emite não raro sons epicos.

A musa de Castro Alves, tão altanada e possuida de ardor bellico como a de Tobias, ama tambem o fumo da guerra. Exceptas algumas estancias ca-

moneanas, não conheço em nossa lingua outros versos tão vibrantes de estro mavortico como estes da *Ode ao dois de Julho* :

*No entanto a lucta recrescia indomita...  
As bandeiras, como aguias erriçadas,  
Se abysmavam com as azas desdobradas  
Na selva escura da fumaça atroz...  
Tonto de espanto, cego da metralha,  
O archanjo do triumpho vacillava...  
E a gloria desgrenhada acalentava  
O cadaver sangrento dos heroes !...*

E' nestas inspirações, quando elle, qual Phaeton á quadriga apollinea, mal póde reger as bridas á imaginação vertiginosa, que o tacham de *condoreiro*. Ha realmente nas producções deste genero extravagancias que não se explicam ou só se explicam pelos excessos propios de escolas literarias. Não foram menores desvios do bom gosto as empolas e arrebiques de estylo dos marinistas e gongoristas.

Amamol-o, entretanto, ainda assim, com todos os desequilibrios do vôo impetuoso, pois se hoje temos olhos que os notem e até reprovem, diverso era o nosso sentir, quando sem reservas o applaudiamos, ás primeiras leituras da mocidade.

ALBERTO DE OLIVEIRA.





# ESPUMAS FLUCTUANTES



À MEMORIA

DE

*meu pae, de minha mãe e de meu irmão.*

O. D. C.



## PROLOGO

---

Era por uma dessas tardes em que o azul do céo oriental — é pallido e saudoso ; em que o rumor do vento nas vergas — é monotonico e cadente, e o quebro da vaga na amurada do navio — é queixoso e tetrico.

Das bandas do occidente o sol se atufava nos mares « como um brigue em chammas »... e daquelle vasto incendio do crepusculo alastrava-se a cabeça loura das ondas.

Além... os cerros de granito dessa formosa terra de Guanabara, vacillantes, a luctarem com a onda invasora de azul que descia das alturas.... recortavam-se indecisos na penumbra do horizonte.

Longe, inda mais longe... os cimos fantasticos da serra dos Orgãos embebiam-se na distancia,

sumiam-se, abysmavam-se n'uma especie de naufragio celeste.

Só e triste, encostado á borda do navio, eu seguia com os olhos aquelle esvaecimento indefinido e minha alma apegava-se á forma vacillante das montanhas — derradeiras atalaias dos meus arraiaes da mocidade.

É que lá dessas terras do sul, para onde eu levava o fogo de todos os enthusiasmos, o viço de todas as illusões, os meus vinte annos de seiva e de mocidade, as minhas esperanças de gloria e de futuro... é que dessas terras do sul, onde eu penetrara « como o moço Raphael subindo as escadas do Vaticano »... volvia agora silencioso e alquebrado... trazendo por unica ambição — a esperança de repouso em minha patria.

Foi então que, em face destas duas tristezas — a noite que descia dos céos, — a solidão que subia do oceano, — recordei-me de vós, ó meus amigos!

E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira onde vagara; nem sequer a lembrança desta alma, que comvosco e por vós vivêra e sentira, gemêra e cantára...

O' espiritos errantes sobre a terra! O' vélas enfundadas sobre os mares!... Vós bem sabeis quanto sois ephemerous... — passageiros que vos absorveis no espaço escuro, ou no escuro esquecimento.

E quando — comediantes do infinito — vos obum-

---

brais nos bastidores do abysmo, o que resta de vós?

— Uma esteira de espumas... — flôres perdidas na vasta indiferença do oceano. — Um punhado de versos... — espumas fluctuantes no dorso féro da vida !...

E o que são na verdade estes meus cantos ?...

Como as espumas que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, elles são filhos da musa — este sopro do alto ; do coração — este pelago da alma.

E como as espumas são, ás vezes, a flora sombria da tempestade, elles por vezes rebentaram ao estalar fatidico do latego da desgraça.

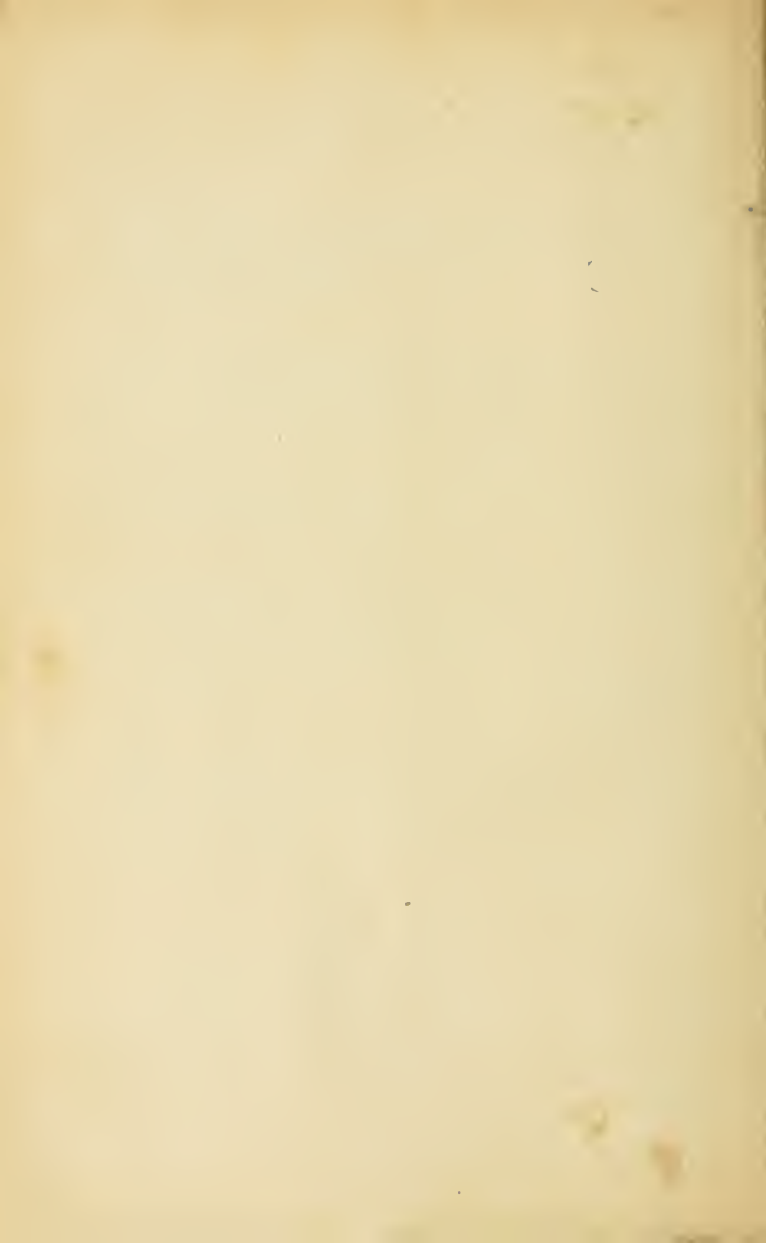
E como tambem o aljofre dourado das espumas reflecte as opalas rutilantes do arco-iris, elles por acaso reflectiram o prisma fantastico da ventura ou do enthusiasmo — estes signos brilhantes da alliança de Deus com a juventude !

Mas, como as espumas fluctuantes levam, boiando nas solidões marinhas a lagrima saudosa do marujo.. possam elles, ó meus amigos ! — ephemeros filhos de minh'alma — levar uma lembrança de mim ás vossas plagas !...

S. Salvador — Fevereiro de 1870.

CASTRO ALVES.

---





## DEDICATORIA

---

A pomba d'alliança o vôo espraia  
Na superficie azul do mar immenso,  
Rente... rente da espuma já desmaia  
Medindo a curva do horizonte extenso...  
Mas um disco se avista ao longe... A praia  
Rasga nitente o nevoeiro denso !...  
O' pouso ! ó monte ! ó ramo de oliveira !  
Ninho amigo da pomba forasteira !...

Assim, meu pobre livro as azas larga  
Neste oceano sem fim, sombrio, eterno...  
O mar atira-lhe a saliva amarga,  
O céu lhe atira o temporal de inverno...  
O triste verga á tão pesada carga !

Quem abre ao triste um coração paterno ?...  
É tão bom ter por arvore — uns carinhos !  
É tão bom de uns affectos — fazer ninhos !

Pobre orphão ! Vagando nos espaços  
Embalde ás solidões mandas um grito !  
Que importa ? De uma cruz ao longe os braços  
Vejo abrirem-se ao misero precito...  
Os tumulos dos teus dão-te regaços !  
Ama-te a sombra do salgueiro afflicto...  
Vai, pois, meu livro ! e como louro agreste  
Traz-me no bico um ramo de... cypreste !

Bahia, Janeiro de 1870.

---

# O LIVRO E A AMERICA

AO GREMIO LITTERARIO

---

Talhado para as grandezas,  
P'ra crescer, crear, subir,  
O Novo Mundo nos musculos  
Sente a seiva do porvir.  
— Estatuario de colossos —  
Cansado d'outros esboços  
Disse um dia Jehovah :  
« Vai, Colombo, abre a cortina  
« Da minha eterna officina...  
« Tira a America de lá. »

Molhado inda do diluvio,  
Qual Tritão descommunal,

O continente desperta  
 No concerto universal.  
 Dos oceanos em tropa  
 Um — traz-lhe as artes da Europa,  
 Outro — as bagas de Ceylão...  
 E os Andes petrificados,  
 Como braços levantados,  
 Lhe apontam para a amplidão.

Olhando em torno então brada :  
 « Tudo marcha !... O' grande Deus !  
 « As cataractas — p'ra terra,  
 « As estrellas — para os céos.  
 « Lá, do polo sobre as plagas,  
 « O seu rebanho de vagas  
 « Vai o mar apascentar...  
 « Eu quero marchar com os ventos,  
 « Com os mundos... co'os firmamentos !!! »  
 E Deus responde — « Marchar ! »

« Marchar !... Mas como ?... Da Grecia  
 « Nos doricos Parthenons  
 « A mil deuses levantando  
 « Mil marmoreos Pantheons ?...  
 « Marchar co'a espada de Roma  
 « — Leôa de ruiva coma  
 « De presa enorme no chão,  
 « Saciando o odio profundo...

- « — Com as garras nas mãos do mundo,  
« — Com os dentes no coração ?..

- ! Marchar !.. Mas como a Allemanha  
! Na tyrannia feudal,  
« Levantando uma montanha  
« Em cada uma cathedral ?..  
« Não !.. Nem templos feitos de ossos,  
« Nem gladios a cavar fossos  
« São degrãos do progredir...  
« Lá brada Cesar morrendo :  
« No pugilato tremendo  
« Quem sempre vence é o porvir ! »

Filhos do sec'lo das luzes !  
Filhos da *Grande Nação* !  
Quando ante Deus vos mostrardes,  
Tereis um livro na mão :  
O livro — esse audaz guerreiro  
Que conquista o mundo inteiro  
Sem nunca ter Waterloo...  
Eolo de pensamentos,  
Que abraza a gruta dos ventos  
Donde a Egdaldade voou !

Por uma fatalidade,  
Dessas que descem de além,  
O sec'lo que viu Colombo,  
Vio Guttenberg tambem.

Quando no toско estaleiro  
Da Allemanha o velho obreiro  
A ave da imprensa gerou...  
O Genovez salta os mares  
Busca um ninho entre os palmares  
E a *patria da imprensa* achou.

Por isso na impaciencia  
Desta sêde de saber,  
Como as aves do deserto —  
As almas buscam beber...  
Oh ! Bemdito o que semêa  
Livros... livros á mão cheia...  
E manda o povo pensar !  
O livro cahindo n'alma  
É germen — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.

Vós, que o templo das ideas  
Largo — abris ás multidões,  
P'ra o baptismo luminoso  
Das grandes revoluções,  
Agora que o trem de ferro  
Acorda o tigre no cerro  
E espanta os caboc'los nús,  
Fazei desse « rei dos ventos »  
— Ginete dos pensamentos,  
— Arauto da grande luz !...

---

Bravo ! a quem salva o futuro,  
Fecundando a multidão !...  
N'um poema amortalhada  
Nunca morre uma nação.  
Como Goethe moribundo  
Brada « Luz ! » o Novo Mundo  
N'um brado de Briareu...  
Luz ! pois, no valle e na serra...  
Que, se a luz rola na terra,  
Deus colhe genios no céu !...

Bahia.





# HEBRÉA

Flos campi et lilium convallium.

*Cant. dos Canticos.*

---

Pomba d'esp'rança sobre um mar d'escolhos !  
Lyrio do valle oriental, brilhante !  
Estrella vesper do pastor errante !  
Ramo de murta a rescender cheirosa !...

Tu és, ó filha de Israel formosa...  
Tu és, ó linda, seductora Hebréa...  
Pallida rosa da infeliz Judéa  
Sem ter o orvalho que do céo deriva !

Porque descoras quando a tarde esquiva  
Mira-se triste sobre o azul das vagas ?  
Serão saudades das infindas plagas,  
Onde a oliveira no Jordão se inclina ?

Sonhas acaso, quando o sol declina,  
A terra santa do Oriente immenso ?  
E as caravanas no deserto extenso ?  
E os pegureiros da palmeira á sombra ?!...

Sim, fôra bello na relvosa alfombra,  
Junto da fonte onde Rachel gemêra,  
Viver contigo qual Jacob vivêra,  
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas aguas do cheiroso banho  
— Como Suzana a estremecer de frio —  
Fitar-te, ó flor do babilonio rio,  
Fitar-te a medo no salgueiro occulto...

Vem pois !... Contigo no deserto inculto  
Fugindo ás iras de Saul embora,  
David eu fôra, — se Michol tu fôras,  
Vibrando na harpa do propheta o canto..

Não vês?... Do seio me gotteja o pranto  
Qual da torrente do Cedron deserto !...  
Como luctara o patriarcha incerto  
Lutei, meu anjo, mas cahi vencido.

Eu sou o Lothus para o chão pendido.  
Vem ser o orvalho oriental, brilhante !...  
Ai ! guia o passo ao viajor perdido,  
Estrella vesper do pastor errante ...

QUEM DÁ AOS POBRES, EMPRESTA  
A DEUS (\*)

---

Eu, que a pobreza de meus pobres cantos  
Dei aos heróes — aos miseraveis grandes, —  
Eu, que sou cégo, — mas só peço luzes...  
Que sou pequeno, — mas só fito os Andes...  
Canto nest'hora, como o bardo antigo  
Das priscas éras, que bem longe vão,  
O grande NADA dos heróes que dormem,  
Do vasto pampa no funereo chão...

(\*) Ao Gabinete Portuguez de Leitura, por occasião de offerecer o  
producto de um beneficio ás familias dos soldados mortos na  
guerra.

Duas grandezas neste instante cruzam-se !  
Duas realezas hoje aqui se abraçam !...  
Uma — é um livro laureado em luzes...  
Outra — uma espada, onde os laureis se enlaçam.  
Nem córa o livro de hobrear co' o sabre...  
Nem córa o sabre de chamal-o irmão...  
Quando em loureiros se biparte o gladio,  
Do vasto pampa no funereo chão.

E foram grandes teus heróes, ó patria,  
— Mulher fecunda, que não crêa escravos, —  
Que ao trom de guerra soluçaste aos filhos :  
« Partí — soldados, mas voltai-me — bravos ! »  
E qual Moema desgrenhada, altiva,  
Eis tua prole, que se arroja então,  
De um mar de glorias apartando as vagas,  
Do vasto pampa no funereo chão.

E esses Leandros do Hellesponto novo  
Se resvalaram — foi no chão da historia..  
Se tropeçaram — foi na eternidade...  
Se naufragaram — foi no mar da gloria...  
E hoje o que resta dos heróes gigantes ?..  
Aqui — os filhos que vos pedem pão...  
Além — a ossada, que branquêa a lua,  
Do vasto pampa no funereo chão.

Ai ! quantas vezes a criança loura  
Seu pae procura, pequenina e núa,

E vai brincando co'o vetusto sabre,  
Sentar-se á espera no portal da rua...  
Misera mãe, sobre teu peito aquece  
Esta avesinha que não tem mais pão !...  
Seu pae descansa — fulminado cedro —  
Do vasto pampa no funereo chão.

Mas já que as aguias lá no sul tombaram  
E os filhos d'aguias o Poder esquece...  
É grande, é nobre, é gigantesco, é santo !...  
Lançai — a esmola, e colhereis — a prece !...  
Oh ! dai a esmola... que do infante lindo  
Por entre os dedos da pequena mão,  
Ella transborda... e vai cahir nas tumbas,  
Do vasto pampa no funereo chão.

Ha duas cousas neste mundo santas :  
— O rir do infante, — o descansar do morto...  
O berço — é a barca, que encalhou na vida,  
A cova — é a barca do sidereo porto...  
E vós dissestes para o berço — Avante ! —  
Emquanto os nautas que ao Eterno vão,  
Os ossos deixam, qual na praia as ancoras,  
Do vasto pampa no funereo chão.

É santo o laço em qu'hoje aqui s'estreitam  
De heroicos troncos — os rebentos novos ! —  
É que são gêmeos dos heróes os filhos  
Inda que filhos de diversos povos !

Sim ! me parece que n'est'hora augusta  
Os mortos saltam da feral mansão...  
E um « bravo ! » altivo de além-mar partindo,  
Rola do pampa no funereo chão!...

S. Salvador. 31 de Outubro de 1867.  

---

## O LAÇO DE FITA

---

Não sabes, criança? 'stou louco de amores...  
Prendi meus affectos, formosa Pepita.  
Mas onde? No templo, no espaço, nas nevoas?!  
Não rias, prendi-me  
N'um laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,  
Nos negros cabellos da moça bonita,  
Fingindo a serpente qu'enlaça a folhagem,  
Formoso enroscava-se  
O laço de fita.

Meu ser que voava nas luzes da festa,  
Qual passaro bravo, que os ares agita,

Eu vi de repente captivo, submisso  
Rolar prisioneiro

N'um laço de fita.

E agora enleuada na tenue cadêa  
Debalde minh'alma se embate, se irrita...  
O braço que rompe cadêas de ferro,  
Não quebra teus élos,

O' laço de fita !

Meu Deus ! As phalenas têm azas de opala,  
Os astros se libram na plaga infinita.  
Os anjos repousam nas pennas brilhantes...  
Mas tu... tens por azas

Um laço de fita !

Ha pouco voavas na célere walsa,  
Na walsa que anceia, que estúa e palpita.  
Por que é que tremeste ? Não eram meus labios...  
Beijava-te apenas...

Teu laço de fita.

Mas ai ! findo o baile, despindo os adornos  
N'alcova onde a vela ciosa... crepita,  
Talvez da cadêa libertes as tranças,  
Mas eu... fico preso

No laço de fita.



---

Pois bem ! Quando um dia, na sombra do valle  
Abrirem-me a cova... formosa Pepita !  
Ao menos arranca meus louros da frente,  
E dá-me por c'róa...

'Teu laço de fita.

S. Paulo, Julho de 1863.

---



## AHASVERUS E O GENIO

AO POETA E AMIGO J. FELIZARDO JUNIOR

---

Sabes quem foi Ahasverus?... — o precito,  
O misero Judeu que tinha escripto  
    Na fronte o sello atroz !  
Eterno viajor de eterna senda...  
Espantado a fugir de tenda em tenda,  
Fugindo embalde á *vingadora* voz !

Miserrimo! Correu o mundo inteiro,  
E no mundo tão grande... o forasteiro  
    Não teve onde pousar.  
Co' a mão vazia — viu a terra cheia,  
O deserto negou-lhe — o grão de areia.  
A gotta d'agua — rejeitou-lhe o mar.

D'Asia as florestas — lhe negaram sombra,  
A savana sem fim — negou-lhe alfombra,  
O chão negou-lhe o pó!...  
Tabas, serralhos, tendas e solares...  
Ninguem lhe abriu a porta de seus lares  
E o triste seguiu só.

Viu povos de mil climas, viu mil raças,  
E não pôde, entre tantas populaças,  
Beijar uma só mão...  
Desde a virgem do norte á de Sevilhas,  
Desde a ingleza á crioula das Antilhas  
Não teve um coração!...

E caminhou!... E as tribus se afastavam  
E as mulheres tremendo murmuravam  
Com respeito e pavor.  
Ai! fazia tremer do valle á serra...  
Elle que só pedia sobre a terra  
— Silencio, paz e amor! —

No entanto á noite, se o Hebreu passava,  
Um murmurio de inveja se elevava,  
Desde a flôr da campina ao colibri.  
« Elle não morre » a multidão dizia...  
E o precito comsigo respondia :  
— Ai! mas nunca vivi! —

O Genio é como Ahasverus... solitario  
A marchar, a marchar no itinerario  
Sem termo do existir.

Invejado ! a invejar os invejosos,  
Vendo a sombra dos alamos frondosos...  
E sempre a caminhar... sempre a seguir...

Pede uma mão de amigo—dão-lhe palmas ;  
Pede um beijo de amor—e as outras almas  
Fogem pasmas de si. .

E o misero de gloria em gloria corre...  
Mas quando a terra diz : —« Elle não morre »  
Responde o desgraçado : —« Eu não vivi!... »

S. Paulo, Outubro de 1863.



## MOCIDADE E MORTE

---

E perto avisto o porto  
Immenso, nebuloso e sempre noite  
Chamado — Eternidade.  
(Laurindo.)

Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate  
(Dante.)

Oh! eu quero viver, beber perfumes  
Na flôr silvestre que embalsama os ares;  
Ver minh'alma adejar pelo infinito,  
Qual branca vela n'amplidão dos mares.  
No seio da mulher ha tanto aroma...  
Nos seus beijos de fogo ha tanta vida...  
— Arabe errante, vou dormir á tarde  
A' sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria:  
— Terás o somno sob a lagea fria.

Morrer... quando este mundo é um paraíso,  
É a alma um cysne de douradas plumas :  
Não ! o seio da amante é um lago virgem...  
Quero boiar á toña das espumas.  
Vem ! formosa mulher — camelia pallida,  
Que banharam de pranto as alvoradas.  
Minh'alma é a borboleta que espaneja  
O pó das azas lucidas, douradas...

E a mesma voz repete-me terrível,  
Com gargalhar sarcástico : — Impossível !

Eu sinto em mim o borbulhar do genio:  
Vejo além um futuro radiante :  
Avante ! — brada-me o talento n'alma  
E o echo ao longe me repete — Avante !  
O futuro... o futuro... no seu seio...  
Entre louros e benções dorme a gloria!  
Após — um nome do universo n'alma,  
Um nome escripto no Pantheon da historia.

E a mesma voz repete funeraria :  
— Teu Pantheon — a pedra mortuaria !

Morrer — é ver extincto dentre as nevoas  
O phanal, que nos guia na tormenta :  
Condemnado — escutar dobres de sino,  
— Voz da morte, que a morte lhe lamenta.



Ai! morrer — é trocar astros por cirios,  
Leito macio por esquite immundo,  
Trocar os beijos da mulher — no visco  
Da larva errante no sepulchro fundo.

Ver tudo findo... só na lousa um nome  
Que o viandante a perpassar consome.

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito  
Um mal terrível me devora a vida :  
Triste Ahasverus, que no fim da estrada,  
Só tem por braços uma cruz erguida.  
Sou o cypreste, qu'inda mesmo flórido,  
Sombra de morte no ramal encerra !  
Vivo — que vaga sobre o chão da morte,  
Morto — entre os vivos a vagar na terra.

Do sepulchro escutando triste grito  
Sempre, sempre bradando-me : — Maldicto ! —

E eu morro, ó Deus ! na aurora da existencia,  
Quando a sêde e o desejo em nós palpita...  
Levei aos labios o dourado pomo,  
Mordi no fructo podre do Asphaltita.  
No triclinio da vida — novo Tantaló —  
O vinho do viver ante mim passa...  
Sou dos convivas da legenda hebraica,  
O stylete de Deus quebra-me a taça.

É que até minha sombra é inexoravel,  
Morrer ! morrer ! soluça-me implacavel.

Adeus ! pallida amante dos meus sonhos !  
Adeus, vida ! Adeus, gloria ! amor ! anhelos !  
Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga  
Os prantos de meu pae nos teus cabellos.  
Fôra louco esperar ! fria rajada  
Sinto que do viver me extingue a lampa...  
Resta-me agora por futuro — a terra,  
Por gloria — nada, por amor — a campa.

Adeus !... arrasta-me uma voz sombria,  
Já me fuge a razão na noite fria !...

1864.

## AO DOUS DE JULHO

(RECITADA NO THEATRO DE S. JOÃO)

---

É a hora das epopéas,  
Das Iliadas reaes.  
Ruge o vento — do passado  
Pelos mares sepulchraes.  
É a hora em que a Eternidade  
Dialoga a Immortalidade...  
Falla o heróe com Jehovah !...  
E Deus — nas celestes plagas —  
Colhe da gloria nas vagas  
Os mortos de Pirajá.

Ha destes dias augustos  
Na tumba dos Briaréos.

Como que Deus baixa á terra  
Sem mesmo descer dos céos.  
É que essas lousas rasteiras  
São — gigantes cordilheiras  
Do Senhor aos olhos nós.  
É que essas brancas ossadas  
São — columnas arrojadas  
Dos infinitos azues.

Sim ! Quando o tempo entre os dedos  
Quebra um sec'lo, uma nação...  
Encontra nomes tão grandes  
Que não lhe cabem na mão !...  
Heróes ! Como o cedro augusto  
Campêa rijo e vetusto  
Dos sec'los ao perpassar,  
Vós sois os cedros da historia,  
A cuja sombra de gloria  
Vai-se o Brasil abrigar.

E nós que somos faiscas  
Da luz desses arrebóes,  
Nós, que somos borboletas  
— Das chrysalidas de avós,  
Nós, que entre as bagas dos cantos,  
Por entre as gottas dos prantos  
Inda os sabemos chorar,  
Podemos dizer : — a Das campas

Sacudi as frias tampas !  
Vinde a Patria abençoar !...

Erguei-vos, santos fantasmas !  
Vós não tendes que corar...  
(Porque eu sei que o filho torpe  
Faz o morto soluçar...)  
Gemem as sombras dos Gracchos,  
Dos Catões, dos Spartacos,  
Vendo seus filhos tão vis...  
Dize-o tu, soberbo Mario !  
Tu, que ensopas o sudario  
Vendo Roma — meretriz !...

Ai ! Que lagrimas candentes  
Choram orbitas sem luz !  
Que idéa terá Leonidas  
Vendo Sparta nos paúes ? !...  
Alta noite, quando pena  
Sobre Arcole, sobre Iena,  
Bonaparte — o reidos reis,  
Que d'òr d'alma lhe rebenta.  
Ao ver su'aguia sangrenta  
No sabre de Juarez ? !...

Porém aqui não ha grito,  
Nem pranto, nem ai, nem d'òr...  
O presente não desmente  
Do seu ninho de condor...

Mãos, que, outr'ora de crianças  
A rir — dentaram as lanças  
Dos velhos de Pirajá...  
De homens hoje, as empunhando,  
Nas batalhas afiando,  
Vão caminho de Humaitá !...

Basta !... Curvai-vos, ó povo !...  
Eil-os os vultos sem par,  
Só de joelhos podemos  
Nest'hora augusta fitar  
Riachuelo e Cabrito,  
Que sobem para o infinito  
Como jungidos leões,  
Puxando os carros dourados  
Dos meteóros largados  
Sobre a noite das nações.

Bahia — 1867.

---

## OS TRES AMORES

---

### I

Minh'alma é como a fronte sonhadora  
Do louco bardo, que Ferrara chora...  
Sou Tasso !... a primavera de teus risos  
De minha vida as solidões enflora...  
Longe de ti eu bebo os teus perfumes,  
Sigo na terra de teu passo os lumes ..  
— Tu és Eleonora...

### II

Meu coração desmaia pensativo,  
Scismando em tua rosa predilecta,  
Sou teu pallido amante vaporoso,  
Sou teu Romeu... teu languido poeta !...

Sonho-te ás vezes virgem... semi-núa...  
Roubo-te um casto beijo á luz da lua...  
— E tu és Julieta...

### III

Na volupia das noites andaluzas  
O sangue ardente em minhas veias rola...  
Sou D. Juan!... Donzellas amorosas,  
Vós conheceis-me os threnos na viola!  
Sobre o leito do amor teu seio brilha...  
Eu morro, se desfaço-te a mantilha...  
Tu és — Julia a Hespanhola!...

Recife, Setembro de 1866

---



## O FANTASMA E A CANÇÃO

---

Orgulho! desce os olhos dos céos sobre ti  
mesmo; e vê como os nomes mais poderosos  
vão se refugiar n'uma canção.

(Byron.)

— Quem bate? — « A noite é sombria! »

— Quem bate? — « É rijo o tufão!... »

Não ouvís? a ventania

Ladra á lua como um cão. »

— Quem bate? — « O nome qu'importa? »

Chamo-me dor... abre a porta!

Chamo-me frio... abre o lar!

Dá-me pão... chamo-me fome!

Necessidade — é o meu nome! »

— Mendigo! pódes passar!

« Mulher, se eu fallar, promettes  
 A porta abrir-me ? » — Talvez.  
 — « Olha... Nas cans deste velho  
 Verás fanados laureis.  
 Ha no meu craneo enrugado  
 O fundo sulco traçado  
 Pela c'roa imperial.  
 Foragido, errante espectro,  
 Meu cajado — já foi sceptro!  
 Meus trapos — manto real ! »

— Senhor, minha casa é pobre...  
 Ide bater a um solar !  
 « De lá venho... O Rei-fantasma  
 Baniram do proprio lar.  
 Nas largas escadarias,  
 Nas vetustas galerias,  
 Os pagens e as cortezans  
 Cantavam !... Reinava a orgia!...  
 Festa ! Festa ! E ninguem via  
 O rei coberto de cans ! »

— Fantasma ! Aos grandes que tombam,  
 É palacio o mausoléo !  
 Tambem meu tumulo morreu.  
 — « Silencio ! De longe eu venho...  
 O sec'lo — traça que medra  
 Nos livros feitos de pedra,  
 Róe o marmore, cruel.

O tempo — Attila terrível,  
Quebra co'a pata invisível  
Sarcophago e capitel.

— « Desgraça então para o espectro,  
Quer seja Homero ou Solon,  
Se, medindo a treva immensa,  
Vai bater ao Pantheon...  
O motim — Nero profano —  
No ventre da cova insano  
Mergulha os dedos crueis.  
Da guerra nos paroxismos  
Se abysmani mesmo os abysmos  
E o morto morre outra vez!

« Então, nas sombras infindas,  
S'esbarram em confusão  
Os fantasmas sem abrigo  
Nem no espaço, nem no chão...  
As almas angustiadas,  
Como aguias desaninhadas,  
Gemendo voam no ar.  
E enchem de vagos lamentos  
As vagas negras dos ventos,  
Os ventos do negro mar!

« Bati a todas as portas  
Nem uma só me acolheu!...

— Entra! — Uma voz argentina  
Dentro do lar respondeu.  
— « Entra, pois, sombra exilada!  
Entra! O verso — é uma pousada  
Aos reis que perdidos vão.  
A estrophe é a purpura extrema,  
Ultimo throno — é o poema!  
Ultimo asylo — a *Canção!*...

Bahia, 13 de Dezembro de 1869.  

---

# O GONDOLEIRO DO AMOR

BARGAROLA

— DAMA NEGRA —

---

Teus olhos são negros, negros,  
Como as noites sem luar...  
São ardentes, são profundos,  
Como o negrume do mar ;

Sobre o barco dos amores,  
Da vida boiando á flor,  
Douram teus olhos a fronte  
Do Gondoleiro do amor.

Tua voz é a cavatina  
Dos palacios de Sorrento,  
Quando a praia beija a vaga,  
Quando a vaga beija o vento ;

E como em noites de Italia,  
Ama um canto o pescador,  
Bebe a harmonia em teus cantos  
O Gondoleiro do amor.

Teu sorriso é uma aurora,  
Que o horizonte enrubesceu.  
— Rosa aberta com o biquinho >  
Das aves rubras do céo ;

Nas tempestades da vida,  
Das rajadas no furor,  
Foi-se a noite, tem auroras  
O Gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada  
Ao tibio clarão da lua,  
Que ao murmúrio das volúpias  
Arqueja, palpita núa :

Como é doce, em pensamento,  
Do teu collo no langor.  
Vogar, naufragar, perder-se  
O Gondoleiro do amor ? !

---

Teu amor na tréva é um astro.  
No silencio uma canção,  
É briza — nas calmarias,  
É abrigo — no tufão;

Por isso eu te amo, querida,  
Quer no prazer, quer na dor...  
Rosa! Canto! Sombra! Estrella!  
Do Gondoleiro do amor.

Recife, Janeiro de 1867.

---





# SUB TEGMINE FAGI

A MELLO MORAES

Dieu parle dans le calme plus haut que dans la tempête

(*Mickiewicz*).

Deus nobis hæc otia fecit.

(*Virgílio*).

---

Amigo! O campo é o ninho do poeta...

Deus falla, quando a turba está quieta,

As campinas em flor.

— Noivo — Elle espera que os convivas saiam...

E n'alcova onde as lampadas desmaiam

Então murmura. — Amor!

Vem commigo scismar risonho e grave...

A poesia — é uma luz... e alma — uma ave...

Querem trévas e ar.

A andorinha, que é a alma — pede o campo,  
A poesia quer sombra — é o pyrilampo...

P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus ! Quanta belleza nessas trilhas...

Que perfume nas doces maravilhas,

Onde o vento gemeu!...

Que flores d'ouro pelas veigas bellas !

Foi um anjo co'a mão cheia de estrellas

Que na terra as perdeu.

Aqui o ether puro se adelgaça...

Não sobe esta blasphemia de fumaça

Das cidades p'ra o céo.

E a Terra é como o insecto friorento

Dentro da flor azul do firmamento,

Cujo calix pendeu !...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas

Leva a concha dourada... e traz das plagas

Coraes em turbilhão,

A mente leva a prece a Deus — por perolas,

E traz, volvendo após das praias cerulas,

— Um brilhante — o perdão !

A alma fica melhor no descampado...

O pensamento indomito, arrojado

Galopa no sertão.

Qual nos steppes o corsel fogoſo  
Relincha e parte turbulento, eſtoſo,  
Sôlta a crina ao tufão.

Vem ! Nós iremos na floresta densa,  
Onde na arcada gothica e suspensa  
Reza o vento feral.

Enorme sombra cae da enorme rama...  
É o *Pagode* fantastico de Brahma  
Ou velha cathedral.

Irei contigo pelos ermos — lento,  
Scismando, ao pôr do sol, n'um pensamento  
Do noſso velho Hugo.  
— Mestre do mundo ! Sol da eternidade !...  
Para ter por planeta a humanidade,  
Deus n'um *cerro* o *fixou*.

Ao longe, na quebrada da collina,  
Enlaça a trepadeira purpurina  
O negro mangueiral...  
Como no *Dante* a pallida *Francesca*,  
Mostra o sorriso rubro e a face fresca  
Na estrophe sepulchral.

O povo das formosas *Amaryllis*  
Embala-se nas balsas, como as *Willis*  
Que o *Norte* imaginou.

O antro — falla... o ninho s'estremece...  
 A Dryade entre as folhas apparece...  
 Pan na flauta soprou l...

Mundo estranho e bizarro da chimera,  
 A fantasia desvairada gera  
 Um paganismo aqui.  
 Melhor eu comprehendo então Virgilio...  
 E vendo os Faunos lhe dansar no idyllo  
 Murmuro crente: — eu vi ! —

Quando penetro na floresta triste,  
 Qual pela ogiva gothica o anthiste  
 Que procura o Senhor,  
 Como bebem as aves peregrinas  
 Nas amphoras de orvalho das boninas,  
 Eu bebo crença e amor l...

E á tarde, quando o sol — condor sangrento,  
 No occidente se aninna somnolento,  
 Como a abelha na flor...  
 E a luz da estrella tremula se irmana  
 Co'a fogueira nocturna da cabana,  
 Que accendêra o pastor,

A lua — traz um raio para os mares...  
 A abelha — traz o mel... um threno aos lares  
 Traz a rola a carpir...

---

Tambem deixa o poeta a selva escura  
E traz alguma estrophe, que fulgura,  
P'ra legar ao porvir !...

Vem ! Do mundo leremos o problema  
Nas folhas da floresta ou do poema,  
Nas trévas ou na luz...

Não vês?... Do céu a cupola azulada,  
Como uma taça sobre nós voltada,  
Lança a poesia á flux!...

Boa-Vista. — 1867.

---



## AS TRES IRMÃS DO POETA

(TRADUZIDO DE E. BERTHOUD)

---

É noite ! as sombras correm nebulosas.  
Vão tres pallidas virgens silenciosas  
Atravez da procella irrequieta.  
Vão tres pallidas virgens... vão sombrias  
Rindo collar n'um beijo as bocas frias...  
Na fronte scismadora do — Poeta — .

— « Saude, irmão, eu sou a *Indifferença*.  
Sou eu quem te sepulta a idéa immensa,  
Quem no teu nome a escuridão projecta...  
Fui eu que te vesti do meu sudario...  
Que vais fazer tão triste e solitario ?.. »

— « Eu luctarei ! » — responde-lhe o Poeta.

— « Saude, meu irmão ! Eu sou a *Fome*.  
Sou eu quem o teu negro pão consome...  
O teu misero pão, misero athleta !  
Hoje, amanhã, depois... depois (qu'importa ?  
Virei sempre sentar-me á tua porta... »

— « Eu soffrerei ! » — responde-lhe o Poeta.

— « Saude, meu irmão ! Eu sou a *Morte*.  
Suspende em meio o hymno augusto e forte.  
Marquei-te a fronte, misero propheta !  
Volve ao nada ! Não sentes neste enleio  
Teu cantico gelar-se no meu seio ? »

— « Eu cantarei no céo » — diz-lhe o Poeta !

S. Paulo, 25 de Agosto de 1868.

---



## O VÔO DO GENIO

A<sup>a</sup> ACTRIZ EUGENIA CAMARA

---

Um dia, em que na terra a sós vagava  
Pela estrada sombria da existencia,  
Sem rosas — nos vergeis da adolescencia,  
Sem luz d'estrella — pelo céo d'amor ;  
Senti as azas de um archanjo errante  
Roçar-me brandamente pela fronte,  
Como o cysne, que adeja sobre a fonte,  
A's vezes toca a solitaria flor.

E disse então : — Quem és, pallido archanjo !  
Tu, que o poeta vens erguer do pégo ?  
Eras acaso tu, que Milton cego  
Ouvia em sua noite erma de sol ?

Quem és tu ? Quem és tu ? — « Eu sou o genio.  
Disse-me o anjo ; vem seguir-me o passo,  
Quero contigo me arrojar no espaço,  
Onde tenho por c'roas o arrebol. »

— Onde me levas, pois ?... — « Longe te levo  
Ao paiz do ideal, terra das flores,  
Onde a briza do céo tem mais amores  
E a fantasia — lagos mais azues... »  
E fui... e fui... ergui-me no infinito,  
Lá onde o vôo d'aguia não se eleva...  
Abaixo — via a terra — abysmo em tréva!  
Acima — o firmamento — abysmo em luz !

— Archanjo ! archanjo ! que ridente sonho !  
— « Não, poeta, é o vedado paraizo,  
Onde os lyrios mimosos do sorriso  
Eu abro em todo o seio que chorou,  
Onde a loura comedia canta alegre,  
Onde eu tenho o condão de um genio infindo.  
Que a sombra de Molière vem sorrindo  
Beijar na fronte, que o Senhor beijou... »

— Onde me levas mais, anjo divino ?  
— « Vem ouvir, sobre as harpas inspiradas  
O canto das espheras namoradas,  
Quando eu encho de amor o azul do céo.  
Quero levar-te das paixões nos mares,  
Quero levar-te a dedalos profundos,

Onde refervem sóes... e céos... e mundos...  
Mais sóes... mais mundos, e onde tudo é meu... »

— Mulher ! mulher ! Aqui tudo é volupia :  
A briza morna, a sombra do arvoredos,  
A lympha clara, que murmura a medo,  
A luz que abraça a flor e o céu ao mar.  
*O' princeza, a razão já se me perde,*  
És a sereia da encantada Scylla,  
Anjo, que transformaste-te em Daliã,  
Samsão de novo te quizerã ama !

Porém não páras neste vôo errante !  
A que outros mundos elevar-me tentas ?  
Já não sinto o soprar de auras sedentas,  
Nem bebo a taça de um feroso amor.  
Sinto que rolo em barathros profundos...  
Já não tens azas, aguia da Thessalia,  
Maldição sobre ti !... Tu és Omphalia,  
Ninguem te ergue das trévas e do horror.

Porém silencio ! No maldicto abysmo,  
Onde cahi contigo, criminosa,  
Canta uma voz, sentida e maviosa,  
Que arrependida sobe a Jehovah !  
Perdão, perdão, Senhor ! p'ra quem soluça,  
Talvez seja algum anjo peregrino...  
Mas não ! inda eras tu, genio divino,  
Tambem sabes chorar, como Eloah !

Não mais, ó seraphim ! suspende as azas !  
Que atravez das estrellas arrastado  
Meu ser arqueja louco, deslumbrado,  
Sobre as constellações e os céos azues.  
Archanjo ! Archanjo ! basta... Já contigo  
Mergulhei das paixões nas vagas cerulas...  
Mas nos meus dedos — já não cabem — perolas —  
Mas na minh'alma — já não cabe — luz !...

Recife, Maio de 1866.

## ○ « ADEUS » DE THEREZA

---

A vez primeira que eu fitei Thereza,  
Como as plantas que arrasta a correnteza,  
A walsa nos levounos gyros seus...  
E amámos juntos... E depois na sala  
— Adeus ! — eu disse-lhe a tremer co'a falla...

E ella, córando, murmurou-me : — Adeus !

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...  
E da alcova sahia um cavalleiro  
Inda beijando uma mulher sem véos...  
Era eu... Era a a pallida Thereza !  
— Adeus ! — lhe disse conservando-a presa...

E ella entre beijos murmurou-me : Adeus !

---

Passaram tempos... sec'los de delirio  
Prazeres divinaes... gozos do Emyrio...  
Mas um dia volvi aos lares meus.  
Partindo eu disse : — Voltarei!... descansa !...  
Ella, chorando mais que uma criança,  
Ella em soluços murmurou-me : — Adeus !

Quando voltei... era o palacio em festa !...  
E a voz d'*Ella* e de um homem lá na orchestra  
Preenchiam de amor o azul dos céos.  
Entrei !... Ella me olhou, branca... surpresa !  
Foi a ultima vez que eu vi Thereza !...  
E ella arquejando murmurou-me : — Adeus !

S. Paulo, 28 de Agosto de 1868

---

## A VOLTA DA PRIMAVERA

Aime, et tu renaitras; fais-toi fleur pour éclore.  
Après avoir souffert, il faut souffrir encore;  
Il faut aimer sans cesse, après avoir aimé.

(A. DE MUBERT.)

---

Ai! não maldigas minha fronte pallida,  
E o peito gasto ao refter de amores.  
Vegetam louros — na caveira esqualida  
E a sepultura se reveste em flores.

Bem sei que um dia o vendavaí da sorte  
Do mar lançou-me na gelada arêa.  
Serei... que importa? o D. Juan da morte,  
Dá-me o teu seio — tu serás Haydéa!

Pousa esta mão — nos meus cabellos humidos!...  
Ensina á briza ondulações suaves!

Dá-me um abrigo nos teus seios tumidos!  
Falla!... que eu ouço o pipilar das aves!

Já viste ás vezes, quando o sol de Maio  
Inunda o valle, o matagal e a veiga?  
Murmura a relva: — Que suave raio!  
Responde o ramo: — Como a luz é meiga!

E ao doce influxo do clarão do dia  
O junco exausto, que cedêra á enchente.  
Levanta a frente da lagôa fria...  
Mergulha a frente na lagôa ardento...

Se a natureza apaixonada acorda  
Ao quente afago do celeste amante,  
Diz: — Quando em fogo o teu olhar transborda,  
Não vês minh'alma reviver ovante?

É que teu riso me penetra n'alma,  
Como a harmonia de uma orchestra sancta,  
É que teu riso tanta dôr acalma...  
Tanta descrença!... tanta angustia!... tanta!

Que eu digo ao ver tua celeste frente:  
— O céo consola toda a dôr que existe.  
Deus fez a neve para — o negro monte!  
Deus fez a virgem para — o bardo triste!

Rio de Janeiro, Junho de 1839.



## A MACIEL PINHEIRO

Dieu soit en aide au pieux pèlerin.

(BOUCHARD.)

---

Partes, amigo, do teu antro de aguias,  
Onde gerava um pensamento enorme,  
Tingindo as azas no levante rubro,  
Quando nos valles inda a sombra dorme...  
Na frente vasta, como um céu de idéas,  
Aonde os astros surgem mais e mais...  
Quizeste a luz das boreaes auroras...  
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Verás a terra da infeliz Moema,  
Bem como a Venus se elevar das vagas ;  
Das serenatas ao luar dormida,  
Que o mar murmura nas douradas plagas.

Terra de glórias, de canções e brios,  
Sparta, Athenas, que não têm rivaes...  
Que á voz da patria deixa a lyra e ruge...  
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E quando o barco atravessar os mares  
Quaes pandas azas, desfraldando a veia,  
Ha de surgir-t'esse *gigante immenso*,  
Que sobre os morros campeando vela...  
Symb'lo de pedra, que o cinzel dos raios  
Talhou nos montes, que se alteam mais...  
Atlas com a fórma do gigante povo...  
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Vai nas planicies dos infindos pampas  
Erguer a tenda do soldado vate...  
Livre... bem livre a *Marselhesa* aos echos  
Soltar bramindo no feroz combate ..  
E após do fumo das batalhas tinto  
Canta essa terra, canta os seus *geraes*,  
Onde os gaúchos sobre as egoas voam...  
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E n'esse lago de poesia virgem,  
Quando boiares nas sublis espumas,  
Sacode estrophes, qual do rio a garça  
Perolas solta das brilhantes plumas.

---

Pallido moço — como o bardo errante —  
Teu barco vôa na amplidão fugaz.  
A nova Grecia quer um Byron novo...  
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E eu, cujo peito como uma harpa homérica  
Ruge estridente do que é grande ao sopra.  
Saúdo o artista, que ao talhar a gloria,  
Pega da espada, sem deixar o escopro.  
Da caravana guarda a arêa a pégada.  
No chão da historia o passo teu verás...  
Deus, que o Mazeppa nos steppes guia...  
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Recife. 1863.

---



# A UMA TAÇA FEITA DE UM CRANEO HUMANO

TRADUZIDO DE BYRON

---

Não recues! De mim não foi-se o espirito...  
Em mim verás — pobre caveira fria —  
Unico craneo, que ao envez dos vivos,  
Só derrama alegria.

Vivi! amei! bebi qual tu. Na morte  
Arrancaram da terra os ossos meus.  
Não me insultes! empina-me!... que a *larva*  
Tem beijos mais sombrios do que os teus.

Mais val guardar o sumo da parreira  
Do que ao verme do chão ser pasto vil;  
— Taça — levar dos deuses a bebida,  
Que o pasto do reptil.

Que este vaso, onde o espirito brilhava,  
Vá nos outros o espirito accender.  
Ai! Quando um craneo já não tem mais cerebro,  
Podeis de vinho o encher!

Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,  
Quando tu e os teus fordes nos fossos,  
Póde do abraço te livrar da terra,  
E ebria folgando profanar teus ossos.

E por que não? Se no correr da vida  
Tanto mal, tanta dôr ahí repousa?  
É bom, fugindo á podridão do lodo,  
Servir na morte emfim p'ra alguma cousa!..

Bahia, 15 de Dezembro de 1869.

---

## PEDRO IVO

Sonhava nesta geração bastarda  
Glorias e liberdade!...

.....  
Era um leão sangrento que rugia,  
Da gloria nos clarins se embriagava,  
E vossa gente pallida recuava,  
Quando elle apparecia.

(ALVARES DE AZEVEDO.)

---

### I

Rebramam os ventos... Da negra tormenta  
Nos montes de nuvens gaiopa o corse!...  
Relincha... troveja... galgando no espaço  
Mil raios desperta co'as patas revel.

É noite de horrores... nas grunas celestes,  
Nas naves ethereas o vento gemeu...  
E os astros fugiram, qual bando de garças  
Das aguas revoltas do lago do céo.

E a terra é medonha... As arvores núas  
Espectros semelham fincados de pé,  
Com os braços de mumias, que os ventos retorcem,  
Tremendo a esse grito, que estranho lhes é.

Desperta o infinito... Co'a boca entreaberta  
Respira a borrasca do largo pulmão.  
Ao longe o oceano sacode as espaduas  
— Encélado novo calcado no chão.

É noite de horrores... Por invio caminho  
Um vulto sombrio sósinho passou,  
Co'a noite no peito, co'a noite no busto  
Subiu pelo monte... nas cimas parou.

Cabellos esparsos ao sopro dos ventos,  
Olhar desvairado, sinistro, fatal,  
Dirieis estatua roçando nas nuvens,  
P'ra qual a montanha se fez pedestal.

Rugia a procella — nem elle escutava!...  
Mil raios choviam — nem elle os fitou!  
Com a dextra apontando bem longe a cidade,  
Após largo tempo sombrio fallou!

. . . . .



## II

Dorme, cidade maldicta,  
Teu somno de escravidão !...  
Dorme, vestal da pureza,  
Sobre os cochins do *Sultão* !...  
Dorme, filha da Georgia,  
Prostituta em negra orgia,  
Sê hoje Lucrecia Borgia  
Da deshonra no balcão !...

Dormir ? !... Não ! Que a infame grita  
Lá se alevanta fatal...  
Corre o champagne e a deshonra  
Na orgia descommunal...  
Na frente já tens um laço...  
Cadêas de ouro no braço,  
De perolas um baraço,  
— Adornos da satural !

Louca !... Nem sabe que as luzes,  
Que accendeu p'ra as saturnaes,  
São do enterro de seus brios  
Tristes cirios funeraes...  
Que o seu grito de alegria  
É o estertor da agonia,  
A que responde a ironia,  
Do riso de Satanaz !...

Morreste... E ao teu sahimento  
Dobra a procella no céo,  
E os astros — olhar dos mortos —  
A mão da noite escondeu.  
Vê !... Do raio mostra a lampa  
Mão de espectro, que destampa  
Com dedos de ossos a campa,  
Onde a gloria adormeceu.

E erguem-se as lapidas frias,  
Saltam bradando os heróes :  
« Quem ousa da eternidade  
Roubar-nos o somno a nós ? »  
Responde o espectro ; — A desgraça !  
Que a realeza que passa,  
Com o sangue de vossa raça,  
Cospe lodo sobre vós !... »

Fugi, fantasmas augustos !  
Caveiras que coram mais  
Do que essas faces vermelhas  
Dos infames pariás !...  
Fugi do solo maldicto !...  
Embuçai-vos no infinito !...  
E eu por detrás do granito  
Dos montes occidentaes.

Eu tambem fujo... Eu... fugindo !...  
Mentira desses vilões !

Não foge a nuvem trevosa  
Quando em azas de tufões  
Sobe dos céos á esplanada,  
Para tomar emprestada  
De raios uma outra espada,  
Á luz das constellações...

Como o tigre na caverna  
Afia as garras no chão,  
Como em Elba amola a espada  
Nas pedras — Napoleão,  
Tal eu — vaga encapellada,  
Recúo de uma paßada,  
P'ra levar de derribada  
Rochedos, reis, multidão... !

## III

« Pernambuco ! Um dia eu vi-te  
Dormido immenso ao luar,  
Com os olhos quasi cerrados,  
Com os labios — quasi a fallar...  
Do braço o clarim suspenso,  
— O punho no sabre extenso  
De pedra — *recife* immenso,  
Que rasga o peito do mar...

E eu disse : — Silencio, ventos !  
Cala a boca, furacão !

No sonho daquelle somno  
 Perpassa a Revolução !  
 Este olhar que não se move  
 Stá fito em — Oitenta e Nove —  
 Lê Homero — escuta Jove...  
 Robespierre — Dantão.

Naquelle craneo entra em ondas  
 O verbo de Mirabeau...  
 Pernambuco sonha a escada,  
 Que tambem sonhou Jacob ;  
 Scisma a Republica alçada,  
 E pega os copos da espada,  
 Emquanto em su'alma brada :  
 « Somos irmãos, Vergniaud ! »

Então repeti ao povo :  
 — Desperta do somno teu !  
 Samsão ! derroca as columnas !  
 Quebra os ferros, Prometheu !  
 Vesuvio curvo — não pares,  
 Ignea coma solta aos ares,  
 Em lavas inunda os mares,  
 Mergulha o gladio no céu.

Republica!... Vôo ousado  
 Do homem feito condor !

Raio de aurora inda occulta,  
Que beija a fronte ao 'Thabor!  
Deus ! Porqu' emquanto que o monte  
Bebe a luz desse horizonte,  
Deixas vagar tanta fronte,  
No valle envolto em negror ?!...

Inda me lembro... Era ha pouco  
A lucta!... horror!... confusão!...  
A morte vóa rugindo  
Da garganta do canhão!...  
O bravo a fileira cerra!...  
Em sangue ensopa-se a terra!...  
E o fumo — o corvo da guerra —  
Com as azas cobre a amplidão...

Chegueit... Como nuvens tontas,  
Ao bater no monte... além,  
Topam, rasgam-se, recuam...  
Taes a meus pés vi tambem  
Hostes mil na lucta ingloria...  
Da pyramide da gloria  
São degráos... Marcha a victoria,  
Porque este braço a sustem.

Foi uma lucta de bravos,  
Como a lucta do jaguar,

De sangue enrubesce a terra,  
 De fogo enrubesce o ar !...  
 Oh !... mas quem faz que eu não vença ?  
 — O acaso... — avalanche immensa.  
 Da mão do Eterno suspensa,  
 Que a idéa esmaga ao tombâr !...

Não importa ! A liberdade  
 É como a hydra, o Antheu.  
 Se no chão rola sem forças,  
 Mais forte do chão se ergueu...  
 São os seus ossos sangrentos  
 Gladios terríveis, sedentos...  
 E da cinza solta aos ventos  
 Mais um Graccho appareceu !...

.....

Dorme, cidade maldicta,  
 Teu somno de escravidão !  
 Porém no vasto sacrario  
 Do templo do coração,  
 Atêa o lume das lampas,  
 Talvez que um dia dos pampas  
 Eu, surgindo, quebre as campas,  
 Onde te colam no chão.

Adeus ! Vou por ti, maldicto,  
 Vagar nos ermos paúes.

Tu ficas morta, na sombra,  
Sem vida, sem fé, sem luz !...  
Mas quando o povo acordado  
Te erguer do tredo vallado,  
Virá livre, grande, ousado,  
De pranto banhar-me a cruz !...

## IV

Assim fallara o vulto errante e negro,  
Como a estatua sombria do revez.  
Uiva o tufão nas dobras de seu manto,  
Como um cão do senhor ulula aos pés...

Inda um momento esteve solitario  
Da tempestade semelhante ao deus,  
Trocando phrases com os trovões no espaço,  
Raios com os astros nos sombrios céos...

Depois sumiu-se dentre as brumas densas  
Da negra noite — de su'alma irmã...  
E longe... longe... no horizonte immenso  
Resonava a cidade cortezã !...

Vai !... Do sertão esperam-te as Thermopylas;  
A liberdade inda pulula ali...  
Lá não vão vermes perseguir as aguias,  
Não vão escravos perseguir a ti !

Vai !... Que o teu manto de nil balas roto  
 É uma bandeira que não tem rival.  
 — Desse suor é que Deus faz os astros.  
 Tens uma espada, que não foi punhal.

Vai, tu que vestes do bandido as roupas  
 Mas não te cobres de uma vil libré.  
 Se te renega teu paiz ingrato,  
 O mundo, a gloria tua patria é!...

.....

## V

E foi-se... E inda hoje nas horas errantes,  
 Que os cedros farfalham, que ruge o tufão,  
 E os labios da noite murmuram nas selvas  
 E a onça vaguêa no vasto sertão.

Se passa o tropeiro nas ermas devezas,  
 Caminha medroso, figura-lhe ouvir  
 O infrene galope d'*Espectro soberbo*,  
 Com um grito de gloria na boca a rugir.

Que importa se o tum'lo ninguem lhe conhece?  
 Nem tem epitaphio, nem leito, nem cruz!...  
 Seu tumulo é o peito do vasto universo,  
 Do espaço — por cupola — as conchas azues!...



---

Mas contam que um dia rolara o oceano  
Seu corpo na praia, que a vida lhe deu...  
Emquanto que a gloria rolava sua alma  
Nas margens da historia, na arêa do céu l...

Recife, Maio de 1865,



## OITAVAS A NAPOLEÃO

(TRADUCÇÃO DO HESPANHOL DE LOZANO)

---

Aguia das solidões !... Ninho atrevido  
Foram-te as borrascosas tempestades,  
Flammigero cometa suspendido  
Sobre o céu infinito das idades.  
Tu, que no lago intermino do olvido,  
Lançaste tuas regias claridades...  
Deus cahido do throno dos mais deuses...  
Quem recebeu teus ultimos adeuses ?...

Não foram as Pyramides, que ouviram  
De teus passos o som e se inclinaram...  
Nem as aguas do Nilo, que te viram,  
E co'as ondas teu nome murmuraram...

Não foram as cidades, que brandiram  
As torres como facho... e te aclararam...  
Quem foi? Silencio!... tremulo de medo  
Vejo apenas — um mar... vejo um — rochedo...

A terra, o mar, os céos... espaço estreito  
Eram p'ra tua planta de gigante.  
Para tecto dos paços teus foi feito  
O firmamento colossal, fluctuante  
Como diadema — os sóes... E como leito  
O antarctico pólo de diamante...  
Teu feretro, qual foi?... Titão do Sena,  
O penhasco fatal de Santa Helena...

Assassina do Encelado da guerra  
Só tu foste, Albion... do mar senhora...  
Porque? Por um pedaço ahi de terra  
Foi pedir-te o gigante em negra hora...  
E lhe deste um penhasco... Oh! lá s'encerra  
Tua lenda mais horrida... Traidora!  
Lá seu espectro envolto na mortalha  
Aos quatro céos a maldição espalha...

Ao leão que temias, enjaulaste;  
E de longe escutando seu rugido,  
Tu, senhora do mar... tu desmaiaste!  
Pelo punhal traidor elle ferido

---

Cahiu-te aos pés... Então tu respiraste,  
Cobarde vencedora do vencido...  
Nem mesmo todo o oceano poderia  
Lavar este padrão de covardia...

Tu não és tão culpada !... Aonde estava  
A França tão potente e tão temida ?...  
Oh ! por que o não salvou ?... se o contemplava  
Lá dos gelos dos Alpes — soerguida ? !...  
E elle que a fez tão grande ?... Ella folgava !...  
Emquanto ao longe do colosso a vida  
Como um vulcão antigo e moribundo  
Lento expirava nesse mar profundo.

S. Paulo.

---



## BOA NOITE

Veux-tu donc partir? Le jour est encore éloigné;  
C'était le rossignol et non pas l'alconette,  
Dont le chant a frappé ton oreille inquiète;  
Il chante la nuit sur les branches de ce grenadier.  
Crois-moi, cher ami, c'était le rossignol.

(SHAKSPERE.)

---

Boa noite, Maria! Eu vou-me embora.  
A lua nas janellas bate em cheio.  
Boa noite, Maria! É tarde... é tarde...  
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite!... E tu dizes — Boa noite.  
Mas não m'o digas assim por entre beijos...  
Mas não m'o digas descobrindo o peito,  
— Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céo! Ouve... a *calhandra*  
Já rumoreja o canto da matina.  
Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...  
Quem cantou foi teu halito, divina!

Se a estrella d'alva os derradeiros raios  
Derrama nos jardins do *Capuleto*,  
Eu direi, me esquecendo d'alvorada :  
É noite ainda em teu cabelo preto...

É noite ainda! Brilha na cambraia  
— Desmanchado o roupão, a espadua núa —  
O globo de teu peito entre os arminhos,  
Como entre as nevoas se balouça a lua...

É noite, pois! Durmamos, Julieta!  
Rescende a alcova ao trescalar das flores.  
Fechemos sobre nós estas cortinas...  
— São as azas do archanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lampada  
Lambe voluptuosa os teus contornos...  
Oh! deixa-me aquecer teus pés divinos  
Ao doudo afago de meus labios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos  
Treme tua alma como a lyra ao vento,  
Das teclas de teu seio que harmonias,  
Que escalas de suspiros bebo attento!



---

Ai! canta a cavatina do delirio,  
Ri, suspira, soluça, aneia e chora...  
Marion! Marion!... É noite ainda.  
Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,  
Sobre mim desenrola teu cabelo...  
E deixa-me dormir balbuciando:  
— Boa noite! formosa Consuelo!...

S. Paulo, 27 de Agosto de 1865.

---



## ADORMECIDA

Ses longs cheveux épars la couvrent toute entière.  
La croix de son collier repose dans sa main,  
Comme pour témoigner qu'elle a fait sa prière,  
Et qu'elle va la faire en s'éveillant demain.

(A. DE MUSET.)

---

Uma noite, eu me lembro... Ella dormia  
N'uma rêde encostada mollemente...  
Quasi aberto o roupão, solto o cabelo,  
E o pé descalço do tapete rente.

Stava aberta a janella. Um cheiro agreste  
Exhalavam as silvas da campina...  
E ao longe, n'um pedaço do horizonte,  
Via-se a noite placida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,  
Indiscretos entravam pela sala,  
E de leve oscillando ao tom das auras,  
Iam na face tremulos — beijal-a.

Era um quadro celeste!... A cada afago  
Mesmo em sonhos a moça estremecia...  
Quando ella serenava... a flor beijava-a...  
Quando ella ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-hia que naquelle doce instante  
Brincavam duas candidas crianças...  
A briza, que agitava as folhas verdes,  
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E o ramo ora chegava, ora afastava-se...  
Mas quando a via despeitada a meio,  
P'ra não zangal-a... sacudia alegre  
Uma chuva de petalas no seio...

Eu, fitando esta scena, repetia  
N'aquella noite languida e sentida:  
— O' flor! — tu és a virgem das campinas!  
— Virgem! tu és a flor de minha vida!...

S. Paulo, Novembro de 1863.

---

# JESUITAS

(SECULO XVIII)

O mes frères, je viens vous apporter mon Dieu

Je viens vous apporter ma tête.

V. Hugo (*Châtiments*).

---

Quando o vento da Fé soprava Europa,  
Como o tufão que impelle ao ar a tropa  
Das aguias, que pousavam no alcantil,  
Do zimbório de Roma — a ventania  
O bando dos apost'los sacudia  
Aos cerros do Brasil.

Tempos idos! Extinctos luzimentos!  
O pó da catechese aos quatro ventos  
Revoava nos céos...

Floria após na India ou na Tartaria,  
 No Mississippi, no Perú, na Arabia  
 Uma palmeira — Deus !

O navio maltez, do Lacio a vela,  
 A lusa não, as quinas de Castella,  
 Do hollandez a galé  
 Levavam sem saber ao mundo inteiro  
 Os *vandalos* sublimes do cordeiro,  
 Os *Attilas* da Fé.

Onde ia aquella não ? — Ao Oriente.  
 A outra ? — Ao pólo. A outra ? — Ao Occidente.  
 Outra ? — Ao norte. Outra ? — Ao sul.  
 E o que buscava ? A phoca além do pólo ;  
 O ambar, o cravo no indiano sólo,  
 Mulheres em Stambul.

Ouro — na Australia ; pedras — em Misora !...  
 « Mentira ! respondia em voz canora  
 O filho de Jesus . . .  
 « Pescadores ! . . . nós vamos no mar fundo  
 Pescar almas p'ra o Christo em todo mundo,  
 Com um anzol — a cruz ! »

Homens de ferro ! Mal na vaga fria  
 Colombo ou Gama um trilho descobria  
 Do mar nos escarcéos,

Um padre atravessava os equadores,  
Dizendo : « Genios !... sois os *batedores*  
Da *matilha* de Deus. »

Depois as solidões surpresas viam  
Esses homens inerimes, que surgiam  
Pela primeira vez.  
E a onça recuando s'esgueirava  
Julgando o crucifixo... alguma clava  
Invencível talvez !

O martyrio, o deserto, o cardo, o espinho.  
A pedra, a serpe do sertão maninho,  
A fome, o frio, a dor ;  
Os insectos, os rios, as lianas,  
Chuvvas, miasmas, settas e savanas,  
Horror e mais horror...

Nada turbava aquellas frontes calmas,  
Nada curvava aquellas grandes almas  
Voltadas p'ra amplidão...  
No entanto elles só tinham na jornada  
Por couraça — a sotaina esfarrapada ..  
E uma cruz — por bordão.

Um dia a *taba* do Tupi selvagem  
Tocava alarma... embaixo da folhagem  
Rangera estranho pé...

O caboc'lo da rêde ao chão saltava,  
A setta hervada o arco recurvava...

Estrugia o boré.

E o tacape brandindo, a tribu féra  
De um tigre ou de um jaguar ficava á espera  
Com gesto ameaçador...

Surgia então no meio do terreiro  
O padre calmo, santo, sobranceiro,

O *Piaga* do amor.

Quantas vezes então sobre a fogueira,  
Aos estalos sombrios da madeira,

Entre o fumo e a luz...

A voz do martyr murmurava unvida :

« Irmãos ! Eu vim trazer-vos — minha vida...

Vim trazer-vos — Jesus ! »

Grandes homens ! Apostolos heroicos !...

Elles diziam mais do que os stoicos :

« Dôr — tu és um prazer !

Grelha — és um leito ! Braza — és uma gemma !

Cravo — és um sceptro ! Chamma — um diadema !

O' morte — és o viver ! »

Outras vezes no eterno itinerario

O sol, que vira um dia no Calvario

Do Christo a santa cruz ;



---

Enfiava de vir achar nos Andes  
A mesma cruz, abrindo os braços grandes  
Aos indios rubros, nús.

Eram elles que o verbo do Messias  
Prégavam desde o valle ás serranias,  
Do pólo ao Equador...  
E o Niagara ia contar aos mares...  
E o Chimborazo arremessava aos ares  
O nome do Senhor !...

S. Paulo, 1863.

---



# POESIA E MENDICIDADE

NO ALBUM DA EXMA. SRA. D. MARIA JUSTINA  
PROENÇA PEREIRA PEIXOTO

---

## I

Senhora! A poesia outr'ora era a estrangeira,  
Pallida, aventureira, errante a viajar,  
Batendo em duas portas—ao grito das procellas,  
Ao céo—pedindo estrellas, á terra—um pobre lar!

Visão de aureos laureis, porém de manto esqualido,  
Mulher de labio pallido e olhar cheio de luz.  
Seus passos nos espinhos em sangue se assignalam...  
E os astros lhe resvalam á flor dos hombros nós...

## II

Olhai ! O sol descamba... A tarde harmoniosa  
Envolve luminosa a Grecia em frouxo véo.  
Na entrada ao som da vaga, ao suspirar do vento,  
De um marco poeirento um velho então se ergueu.

Ergueu-se tacteando.. é cégo... o cégo anceia...  
Porém o que tacteia aquella augusta mão?...  
Talvez busca pegar o sol, que lento expira!...  
Fado cruel!... mentira!... Homero pede pão!

## III

Mas ai ! volvei, senhora, os vossos bellos olhos  
Daquelle mar d'abrolhos a um novo quadro ; olhai!  
Do vasto salão gothico eu ergo o reposteiro...  
O lar é hospitaleiro... Entrai, senhora, entrai!

Estamos na média idade. Arnez, gladio, armadura  
Servem de compostura á sala vasta e chã.  
A um lado um galgo esvelto ameiga e acariciã  
A mão suave, esguia — á loura castellã.

Vai o banquete em meio... O bardo se alevanta  
Pega da lyra... canta uma canção de amor...  
Ouvi-o ! Para ouvil-o a estrella pensativa  
Alonga pela ogiva um raio de languor!

Dos ramos do carvalho a briza se debruça...  
Na sala alguém soluça... (amor ou languidez?)  
Subito a nota extrema anceia, treme, rola...  
Alguem pede uma esmola... Senhora, não olheis!...

Assim nos tempos idos a musa canta e pede...  
Genio e mendigo... vêde... o abysmo de irrisões!  
Tasso implora um olhar! Vai Ossian mendicante...  
Caminha roto o Dante! e pede pão Camões.

## IV

Bem sei, senhora, que ao talento agora  
Surgiu a aurora de uma luz amena.  
Hoje ha salario p'ra qualquer trabalho,  
Cinzel ou malho, ferramenta ou penna!

Melhor que o Rei sabe pagar o pobre  
Melhor que o nobre — protector verdugo!  
Foi surdo um *throno*... á maior gloria vossa...  
Abre-se a choça aos *Miseraveis* de Hugo.

Porém não sei se é por costume antigo,  
Que inda é mendigo do cantor o genio.  
Mudem-se os pannos do scenario a esmo,  
O vulto é o mesmo... n'um melhor proscenio...

## V

Hoje o poeta — caminheiro errante,  
Que tem saudades de um paiz melhor,  
Pede uma perola — á maré montante,  
Do seio ás vagas — pede um outro amor.

Alma sedenta de ideal na terra  
Busca apagar aquella sêde atroz!  
Pede a harmonia divinal, que encerra  
Do ninho o chilro... da tormenta a voz.

E o rir da folha, o sussurrar da falla,  
Threnos da estrella no amoroso estio,  
Voz que dos póros o universo exhala  
Do céo, da gruta, do alcantil, do rio!

Pede aos pequenos, desde o verme ao tojo,  
Ao fraco, ao forte... — preces, gritos, uivos...  
Pede das aguias o possante arrojo,  
Para encontrar os meteoros ruivos.

Pede á mulher que seja boa e linda.  
— Vestal de um typo que o *ideal* revela...  
Pois ser formosa é ser melhor ainda...  
Se és boa—és luz... mas se és formosa—estrella...

E pede á sombra, p'ra aljofrar de orvalhos  
A fronte azul da solidão nocturna.  
E pede ás auras, p'ra afagar os galhos  
E pede ao lyrio, p'ra enfeitar a furna.

Pede ao olhar a maciez suave  
Que tem o arminho e o edredon macio,  
O avelludado da pennugem d'ave,  
Que afaga ás plumas no palmar sombrio.

.....

E quando encontra sobre a terra ingrata  
Um reverbero do clarão celeste,  
— Alma formada de uma essencia grata,  
Que a lua doura, e que um perfume veste ;

Um rir que nasce, como o broto em Maio,  
Mostrando seivas de bondade infinda,  
Fronte que guarda — a claridade e o raio,  
— Virtude e graça — o ser bondosa e linda...

Então, senhora, sob tanto encanto  
*Pede* o poeta (que não tem renome)  
— Versos — á briza p'ra vos dar um canto.....  
Raios ao sol — p'ra vos traçar o nome !...

Bahia, 26 de Janeiro de 1870.

---





## HYMNO AO SOMNO

---

O' somno ! ó noivo pallido  
Das noites perfumosas,  
Que um chão de *nebulosas*  
Trilhas pela amplidão !  
Em vez de verdes pampanos,  
Na branca fronte enrolas  
As languidas papoulas,  
Que agita a viração.

Nas horas solitarias,  
Em que vagueia a lua,  
E lava a planta núa,  
Na onda azul do mar ;  
Com um dedo sobre os labios,  
No vôo silencioso,

Vejo-te cauteloso  
No espaço viajar!

Deus do infeliz, do misero!  
Consolação do afflicto!  
Descanso do precito,  
Que sonha a vida em ti!  
Quando a cidade tetrica  
De angustias e dor não geme...  
É tua mão que espreme  
A dormideira ali.

Em tua branca tunica  
Envolves meio mundo...  
É teu seio fecundo  
De sonhos e visões;  
Dos templos aos prostibulos,  
Desde o tugurio ao paço,  
Tu lanças lá do espaço  
Punhados de illusões...!

Da vide o sumo rubido,  
Do *hatchis* a essencia,  
O opio, que a indolencia  
Derrama em nosso ser,  
Não valem, genio magico,  
Teu seio, onde repousa  
A placidez da lousa  
E o gozo do viver...

O' somno ! unge-me as palpebras...  
Entorna o esquecimento  
Na luz do pensamento  
Que abraza o craneo meu.  
Como o pastor da Arcadia,  
Que uma ave errante aninha...  
Minh'alma é uma andorinha..  
Abre-lhe o seio teu.

Tu que fechaste as petalas  
Do lirio que pendia,  
Chorando a luz do dia  
E os raios do arrebol ;  
Tambem fecha-me as palpebras...  
Sem *Ella* o que é a vida ?...  
Eu sou a flor pendida  
Que espera a luz do sol.

O leite das euphorbias  
P'ra mim não é veneno...  
Ouve-me, ó deus sereno !  
O' deus consolador !  
Com teu divino balsamo  
Cala-me a anciedade !  
Mata-me esta saudade,  
Apaga-me esta dor.

Mas quando, ao brilho rutilo  
Do dia deslumbrante,

Vires a minha amante  
Que volve para mim ;  
Então ergue-me subito...  
É minha aurora linda...  
Meu anjo... mais ainda...  
É minha amante emfim !

O' somno ! O' deus noctivago !  
Doce influencia amiga !  
Genio que a Grecia antiga  
Chamava de Morpheu.  
Ouve !... E se minhas supplicas  
Em breve realizares...  
Voto nos teus altares  
Minha lyra de Orpheu !

S. Paulo, 12 de Julho de 1868

---

NO ALBUM DO ARTISTA LUIZ  
C. AMOEDO

---

Nos tempos idos... o alabastro, o marmore  
Reveste as fôrmas desnudadas, madidas  
De Venus ou Phryné.

Nem um véo p'ra occultar o seio tremulo,  
Nem um thyrsos a velar a coxa pallida...  
O olhar não sonha... vê!

Um dia o artista, n'um momento lucido,  
Entre *gazas de pedra* a loura Aspasia  
Amoroso envolveu.  
Depois, surpreso!... viu-a inda mais languida...  
Sonhou mais doido aquellas fôrmas lubricas...  
Mais nûtas sob um véo.

É o mysterio do espirito... A modestia  
É dos talentos — reis a santa purpura...

Artista, és bello assim...

Este *santo pudor* é só dos genios!

Tambem o espaço esconde-se entre nevoas...

E no entanto é... sem fim!

S. Paulo, Abril de 1869.

## VERSOS DE UM VIAJANTE

Ail nenhum Mago do Chaldéa sabia  
A dor abrandará que me devora.

(F. VARELLA)

---

Tenho saudade das cidades vastas,  
Dos invios cerros, do ambiente azul...  
Tenho saudade dos ceruleos mares,  
Das bellas filhas do paiz do sul!

Tenho saudade de meus dias idos  
— Pet'las perdidas em fatal paul —  
Pet'las que outr'ora desfolhámos juntos,  
Morenas filhas do paiz do sul!

Lá onde as vagas nas arêas rolam,  
Bem como aos pés da Oriental Stambul.,  
E da Tijuca na nitente espuma  
Banham-se as filhas do paiz do sul.

Onde ao sereno a magnolia esconde  
Os pyrilampos de *lanterna azul*,  
Os pyrilampos, que trazeis nas coifas,  
Morenas filhas do paiz do sul.

Tenho saudades... ai! de ti, São Paulo,  
— Rosa de Hespanha no hibernal Friul —  
Quando o estudante e a serenata acordam  
As bellas filhas do paiz do sul.

Das varzeas longas, das manhãs brumosas,  
Noites de nevoa, ao rugitar do sul,  
Quando eu sonhava nos morenos seios,  
Das bellas filhas do paiz do sul

Em caminho, Fevereiro de 1870.

---



## ONDE ESTÁS ?

---

É meia noite... e rugindo  
Passa triste a ventania,  
Como um verbo de desgraça.  
Como um grito de agonia.  
E eu digo ao vento que passa  
Por meus cabellos fugaz :  
« Vento frio do deserto,  
Onde ella está ? Longe ou perto ? »  
Mas como um halito incerto,  
Responde-me o echo ao longe :  
« Oh ! minh' amante, onde estás ?... »

Vem ! É tarde ! Por que tardas ?  
São horas de brando somno.  
Vem reclinar-te em meu peito  
Com teu languido abandono '...

Stá vasio nosso leito...  
Stá vazio o mundo inteiro ;  
E tu não queres qu'eu fique  
Solitario nesta vida...  
Mas por que tardas, querida?...  
Já tenho esperado assás...  
Vem depressa, que eu deliro ;  
Oh ! minh'amante, onde estás ?...

Estrella — na tempestade,  
Rosa — nos ermos da vida,  
Iris — do naufrago errante.  
Illusão — d'alma descrida ;  
Tu foste, mulher formosa !  
Tu foste, Ó filha do céu !...  
E hoje que o meu passado  
Para sempre morto jaz...  
Vendo finda a minha sorte,  
Pergunto aos ventos do norte :  
— Oh ! minh'amante, onde estás ?...

Bahia.

---

## A BOA-VISTA

Sonha, poeta, sonha! Aqui sentado,  
No tosco assento da janella antiga,  
Apolas sobre a mão a face pallida,  
Sorrindo—dos amores á cantiga.

(ALVARES DE AZEVEDO.)

---

Era uma tarde triste, mas limpida e suave...  
Eu—pallido poeta — seguia triste e grave  
A estrada, que conduz ao campo solitario,  
Como um filho, que volta ao paternal sacrario,  
E ao longe abandonando o murmur da cidade,  
— Som vago que gagueja em meio a immensidade,  
No drama do crepusculo eu escutava attento  
A *surdina* da tarde ao sol, que morre lento.

A poeira da estrada meu passo levantava,  
Porém minh'alma ardente no céu azul marchava  
E os astros sacudia no vôo violento  
— Poeira que dormia no chão do firmamento.

A pavida andorinha, que o vendaval fustiga,  
Procura os corucheus da cathedral antiga.  
Eu—andorinha entregue aos vendavaes do inverno,  
Ia seguindo triste p'ra o velho lar paterno.

---

Como a aguia que do ninho talhado no rochedo  
Ergue o pescoço calvo por cima do fragedo,  
(P'ra ver no céu a nuvem, que espuma o firmamento,  
E o mar — corcel que espuma ao latego do vento...)  
Longe o feudal castello levanta a antiga torre,  
Que aos raios do poente brilhante sol escorre !  
Eil-o soberbo e calmo o abutre de granito  
Mergulhando o pescoço no seio do infinito,  
Está de cima olhando com seus clarões vermelhos  
Os tectos, que a seus pés parecem de joelhos !...

---

Não ! minha velha torre ! Oh ! atalaia antiga,  
Tu olhas esperando alguma face amiga,  
E perguntas talvez ao vento, que em ti chora :  
« Por que não volta mais o meu senhor d'outr'ora ?  
Por que não vem sentar-se no banco do terreiro,  
Ouvir das criancinhas o riso feiticeiro,

E pensando no lar, na sciencia, nos pobres  
Abrigar nesta sombra seus pensamentos nobres?

•

.....

Onde estão as crianças — grupo alegre e risonho  
— Que escondiam-se atrás do cypreste tristonho...  
Ou que enforcaram rindo um feio *Pulchinello*.  
Emquanto a doce mãe, que é toda amor, desvelo  
Ralha com um rir divino o grupo folgazão,  
Que vem correndo alegre beijar-lhe a branca mão?...

•

.....

---

É nisto que tu scismas, ó torre abandonada,  
Vendo deserto o parque e solitaria a estrada.  
No emtanto eu, estrangeiro, que tu já não conheces,  
No limiar de joelhos só tenho pranto e preces.

Oht deixem-me chorar!... Meu lar... meu doce ninho!  
Abre a vetusta grade ao filho teu mesquinho!  
Passado... mar immenso! inunda-me em fragrancia!  
Eu não quero laureis, quero as rosas da infancia.

Ai! Minha triste fronte, aonde as multidões  
Lançaram misturadas glorias e maldições...  
Acalenta em teu seio, ó solidão sagrada!  
Deixa est'alma chorar em teu hombro encostada!

Meu lar está deserto... Um velho cão de gua da  
Veiu saltando a custo roçar-me a testa parda,  
Lamber-me após os dedos, porém a sós consigo  
Rusgando com o direito, quetem um velho amigo...

Como tudo mudou-se l... O jardim 'stá inculto .  
As roseiras morreram do vento ao rijo insulto...

A herva inunda a terra ; o musgo trepa os muros  
A urtiga silvestre enrola em nós impuros  
Uma estatua cahida, em cuja mão nevada  
A aranha estende ao sol a têa delicada !...  
Mergulho os pés nas plantas selvagens, espalmadas,  
As borboletas fogem-me em lucidas manadas...  
E ouvindo-me as passadas tristonhas, taciturnas,  
Os grilos que cantavam, calaram-se nas furnas...

O' jardim solitario ! Reliquia do passado !  
Minh'alma, como tu, é um parque arruinado !  
Morreram-me no seio as rosas em fragrancia,  
Veste o pezar os muros dos meus vergeis da infancia.  
A estatua do talento, que pura em mim s'erguia,  
Jaz hoje—e nella a turba enlaça uma ironia !...  
Ao menos como tu, lá d'alma n'um recanto  
Da casta poesia ainda escuto o canto,  
— Voz do céo, que consola, se o mundo nos insulta,  
E na gruta do seio murmura um threno occulta.

Entremos!... Quantos echos na vasta escadaria,  
Nos longos corredores respondem-me á porfia!...

Oh! casa de meus paes!... A um craneo já vasio,  
Que o hospede largando deixou calado e frio,  
Compara-te o estrangeiro—caminhando indiscreto  
Nestes salões immensos, que abriga o vasto tecto.

Mas eu no teu vasio—vejo uma multidão,  
Falla-me o teu silencio—ouço-te a solidão!...  
Povoam-se estas salas ..

E eu vejo lentamente

No solo resvalarem fallando tenuemente  
Dest'alma e deste seio as sombras venerandas,  
Fantasmas adorados — visões subtis e brandas...

Aqui...além...mais longe...por onde eu movo o passo,  
Como aves que espantadas arrojam-se ao espaço,  
Saudades e lembranças s'erguendo—bando alado—  
Rojam por mim as azas, voando p'ra o passado.

Boa Vista 18 de Novembro de 1867.

---





## A UMA ESTRANGEIRA

(LEMBRANCA DE UMA NOITE NO MAR)

Sens-tu mon cœur, comme il palpite !  
Le tien comme il battait gaiement !  
Je n'en vois pourtant, ma petite,  
    Bien loin, bien vite,  
    Toujours t'aimant.

(Chanson.)

---

Ignorez ! nas terras distantes,  
Aonde vives talvez,  
Inda lebram-te os instantes  
Daquella noite divina?...  
Estrangeira, peregrina,  
Quem sabe? — Lembras-te, Ignorez ?

Branda noite! A noite imensa  
Não era um ninho? — Talvez!...  
Do Atlantico a vaga extensa  
Não era um berço? — Oh! Se o era...  
Berço e ninho... ai, primavera!  
O ninho, o berço de Ignez.

Às vezes estremecias...  
Era de febre? Talvez!...  
Eu pegava-te as mãos irias  
P'ra aquental-as em meus beijos...  
Oh! pallidez! Oh! desejos!  
Oh! longos cilios de Ignez!

Na prôa os nautas cantavam,  
Eram saudades?... Talvez!  
Nossos beijos estalavam  
Como estala a castanhola...  
Lembras-te acaso, hespanhola?  
Acaso lembras-te, Ignez?

Meus olhos nos teus morriam...  
Seria vida? — Talvez!  
E meus prantos te diziam:  
— Tu levas minh'alma, ó filha,  
Nas rendas desta mantilha...  
Na tua mantilha, Ignez!

De Cadix o aroma ainda  
Tinhas no seio... Talvez !  
De Buenos Ayres a linda,  
Volvendo aos lares, trazia  
As rosas de Andaluzia  
Nas lisas faces de Iguez !

E volvia a Americana  
Do Plata ás vagas... Talvez !  
E a briza amorosa, insana,  
Misturava os meus cabellos  
Aos cachos escuros, bellos,  
Aos negros cachos de Iguez !

As estrellas acordavam  
Do fundo do mar... Talvez !  
Na prôa as ondas cantavam.  
E a serenata divina  
Tu, com a ponta da botina,  
Marcavas no chão... Iguez !

Não era cumplicidade  
Do céo, dos mares? Talvez !  
Dir-se-ia que a immensidade  
— Conspiradora mimosa —  
Dizia á vaga amorosa :  
— Segreda amores á Iguez ! —

E como um véo transparente,  
Um véo de noiva... Talvez,  
Da lua o raio tremente  
Te enchia de casto brilho.,  
E a rastos no tombadilho  
Cahia a teus pés... Ignez !

E essa noite delirante  
Pudeste esquecer ? — Talvez...  
Ou talvez que neste instante,  
Lembrando-te inda saudosa,  
Suspires, moça formosa !...  
Talvez te lembres... Ignez! . .

Currálinho, 2 de julho de 1870

# PERSEVERANDO

A REGUEIRA COSTA

(TRADUÇÃO DE V. HUGO)

---

A aguia é o genio... Da tormenta o passaro,  
Que do monte arremette o altivo pincaro,  
Qu'ergue um grito aos fulgores do arrebol,  
Cuja garra jámais se pêa em lodo,  
E cujo olhar de fogo troca raios

— Contra os raios do sol.

Não tem ninho de palhas... tem um antro  
— Rocha tallhada ao martellar do raio,  
— Brecha em serra, ant'a qual o olhar tremeu...  
No flanco da montanha — asylo tremulo,  
Que sacode o tufão entre os abysmos

— O precipicio e o céu,

Nem pobre verme, nem dourada abelha,  
 Nem azul borboleta... sua prole  
 Faminta, boquiaberta espera ter...  
 Não! São aves da noite, são serpentes.  
 São lagartos immundos, que ella arroja  
 Aos filhos p'ra viver.

Ninho de rei!... palacio tenebroso,  
 Que a avalanche a saltar cerca tombando!...  
 O genio ahí enserva a geração...  
 E ao céo lhe erguendo os olhos flammejantes  
 Sob as azas de fogo aquenta às almas  
 Que um dia voarão.

Por que espantas-te, amigo, se tua fronte  
 Já de raios pejada choca a nuvem?...  
 Se o reptil em teu ninho se debate?...  
 É teu folgar primeiro... é tua festa!...  
 Aguias! P'ra vós cad'hora é uma tormenta,  
 Cada festa um combate!...

Radia!... É tempo!... E se a lufada erguer-se  
 Muda a noite feral em prisma fulgido!  
 De teu alto pensar completa a lei!...  
 Irmão! — Prende esta mão de irmão na minha!  
 Toma a lyra — Poeta! Aguiá! — esvoaça!  
 Sobe, sobe, astro — rei!...

De tua aurora a bruma vai fundir-se,  
Aguia ! faz-te mirar do sol, do raio ;  
Arranca um nome no febril cantar.  
Vem ! A gloria, que é o alvo de vis settas,  
É bandeira arrogante, que o combate  
Embelleza ao rasgar.

O meteoro real — de coma fulgida —  
Rola e se engrossa ao devorar dos mundos...  
Gigante ! Cresces todo dia assim !...  
Tal teu genio, arrastando em novos trilhos  
No curso audaz constellações de idéas,  
Marcha e recresce no marchar sem fim !...

Pernambuco, Santo Amaro —1867.

---





## O CORAÇÃO

---

O coração é o colibri dourado  
Das veigas puras do jardim do céu.  
Um — tem o mel da granadilha agreste,  
Bebe os perfumes, que a bonina deu.

O outro — vôa em mais virentes balsas,  
Pousa de um riso na rubente flor  
Vive do mel — a que se chama — crenças,  
Vive do aroma — que se diz — amor.

Beoife. 1865.

---



## MURMURIOS DA TARDE

Écoute ! tout se tait ; songe à ta bien-aimée,  
Ce soir, sous les tilleuls à la sombre ramée,  
Le rayon du couchant laisse un adieu plus doux ;  
Ce soir, tout va fleurir : l'immortelle nature  
Se remplit de parfums, d'amour et de murmure,  
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.

A. DE MUSSET.

Rosa ! Rosa de amor purpurea e bella.

GARRETT.

---

Hontem á tarde, quando o sol morria,  
A natureza era um poema santo.  
De cada mouta a escuridão sahia,  
De cada gruta rebentava um canto,  
Hontem á tarde, quando o sol morria.

Do céo azul na profundeza escura  
Brilhava a estrella, como um fructo louro,  
E qual a fouce, que no chão fulgura,  
Mostrava a lua o semi-circ'lo d'ouro,  
Do céo azul na profundeza escura.

Larga harmonia embalsamava os ares :  
Cantava o ninho — suspirava o lago...  
E a verde pluma dos subtis palmares  
Tinha das ondas o murmurio vago...  
Larga harmonia embalsamava os ares.

Era dos seres a harmonia immensa,  
Vago concerto de saudade infinda !  
— Sol ! não me deixes, diz a vaga extensa.  
— Aura ! não fujas, diz a flor mais linda ;  
Era dos seres a harmonia immensa !

— Leva-me ! leva-me em teu seio amigo —  
Dizia ás nuvens o choroso orvalho.  
— Rola, quefoges ! diz o ninho antigo,  
— Leva-me ainda para um novo galho...  
Leva-me ! leva-me em teu seio amigo. —

— Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!  
— Inda um calor, antes que chegue o frio... —  
E mais o musgo se conchega á penha

E mais á penha se conchega o rio...

— Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha! —

E tu no entanto no jardim vagavas,

Rosa de amor, celestial Maria...

Ai! como esquivava sobre o chão pisavas,

Ai! como alegre a tua boca ria...

E tu no entanto no jardim vagavas.

Eras a estrella transformada em virgem!

Eras um anjo, que se fez menina!

Tinhas das aves a celeste origem,

Tinhas da lua a pallidez divina,

Eras a estrella transformada em virgem!

Flor! Tu chegaste de outra flor mais perto,

Que bella rosa! que fragancia meiga!

Dir-se-ia um riso no jardim aberto,

Dir-se-ia um beijo, que nasceu na veiga...

Flor! Tu chegastes de outra flor mais perto!...

E eu, que escutava o conversar das flores,

Ouvi que a rosa murmurava ardente :

— Colhe-me, ó virgem, — não terei mais dores,

Guarda-me, ó bella, no teu seio quente... —

E eu escutava o conversar das flores.

Leva-me ! leva-me, ó gentil Maria ! —  
Tambem então eu murmurei scismando...  
— Minh'alma é rosa, que a geada esfria...  
Dá-lhe em teus seios um asylo brando...  
Leva-me ! leva-me, ó gentil Maria !... —

Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1869

---

## PELAS SOMBRAS

AO PADRE FRANCISCO DE PAULA

C'est que je suis frappé du doute,  
C'est que l'étoile de la fol  
N'éclaire plus ma noire route ;  
Tout est abîme autour de moi!

(LA MORVONNAIS.)

---

Senhor! A noite é brava... a praia é toda escolhos,  
Ladram na escuridão das *Circes* as *cadellas*...  
As lividas marés atiram, a meus olhos,  
Cadaveres que riem á face das estrellas!

Da garça do oceano as ensopadas pennas  
O morbido suor enxugam-me da testa.  
Na aresta do rochedo o pé se firma apenas...  
No entanto ouço do abysmo a rugidora festa!...

Nas orlas de meu manto o vendaval s'enrola...  
 Como invisível dextra açouta as faces minhas...  
 Enquanto que eu tropeço... um grito ao longe rola...  
 — Quem foi ? perguntam rindo as solidões marinhas.

Senhor ! Um facho ao menos empresta ao cami-  
 nhante.  
 A tréva me assoberba... O' Deus ! dá-me um clarão !

---

E uma voz respondeu nas sombras triumphante :  
 -- Accende, ó viajor ! — o facho da Razão ! —

.....

Senhor ! Ao pé do lar, na quietação, na calma,  
 Póde a flamma subir brilhante, loura. eterna ;  
 Mas quando os vendavaes, rugindo, passam n'alma,  
 Quem póde resguardar a tremula lanterna ?

Torcida... desgrenhada aos dedos da lufada  
 Bateu-me contra o rosto... e se abysmou na tréva.  
 Eu vi-a vacillar... e minha mão queimada  
 A lampada sem luz embalde ao raio eleva.

Quem fez a gruta — escura, o pyrilampo cria !  
 Quem fez a noite — azul, inventa a estrella clara !  
 Na frente do oceano — accende uma ardentia !  
 Com o flóco do Santelmo — a tempestade aclara !



---

Mas ai! Que a tréva intrsna—a duvida constante—  
Deixaste assoberbar-me em funda escuridão!...

---

E uma voz respondeu nas sombras triumphante :  
— Accende, ó viajor! a fé no coração... —

Currallinho, 5 de Junho de 1870.



## ODE AO DOUS DE JULHO

(RECITADA NO THEATRO DE S. PAULO)

---

Era no Dous de Julho. A pugna immensa  
Travára-se nos cerros da Bahia...

O anjo da morte pallido cosia

Uma vasta mortalha em Pirajá.

— Neste lençol tão largo, tão extenso,

Como um pedaço roto do infinito...

O mundo perguntava erguendo um grito!

— Qual dos gigantes morto rolará?!...

Debruçados do céu... a noite e os astros

Seguiam da peleja o incerto fado...

Era a tocha — o fuzil avermelhado!

Era o Circo de Roma — o vasto chão!

Por palmas — o troar da artilharia!  
 Por feras — os canhões negros rugiam!  
 Por atletas — dous povos se batiam!  
 Enorme amphitheatro — era a amplidão!

Não! Não eram dous povos que abalavam  
 Naquelle instante o sólo ensanguentado..  
 Era o porvir — em frente do passado,  
 A liberdade — em frente á escravidão.  
 Era a lucta das aguias — e do abutre,  
 A revolta do pulso — contra os ferros,  
 O pugilato da razão — com os erros,  
 O duelo da tréva — e do clarão!...

No entanto a lucta recrescia indomita...  
 As bandeiras — como aguias eriçadas  
 Se abysmavam com as azas desdobradas  
 Na selva escura da fumaça atroz...  
 Tonto de espanto, cégo de metralha  
 O archanjo do triumpho vacillava...  
 E a gloria desgrenhada acalentava  
 O cadaver sangrento dos heróes!..

.....  
 .....

Mas quando a branca estrella matutina  
 Surgiu do espaço... e as brizas forasteiras

---

No verde leque das gentis palmeiras  
Foram cantar os hymnos do arrebol,  
Lá do campo deserto da batalha  
Uma voz se elevou clara e divina :  
Eras tu — liberdade peregrina !  
Esposa do porvir — noiva do sol !...

Eras tu que com os dedos ensopados  
No sangue dos avós mortos na guerra,  
Livre sagravas a Columbia terra,  
Sagravas livre a nova geração !  
Tu que erguias, subida na pyramide,  
Formada pelos mortos do Cabrito,  
Um pedaço de gladio — no infinito...  
Um trapo de bandeira — n'amplidão !...

S. Paulo, Julho de 1868.

---



## A DUAS FLORES

---

São duas flores unidas,  
São duas rosas nascidas  
Talvez no mesmo arrebol,  
Vivendo no mesmo galho,  
Da mesma gotta de orvalho,  
Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como as pennas  
Das duas azas pequenas  
De um passarinho do céu...  
Como um casal de rolinhas,  
Como a tribu de andorinhas  
Da tarde no frouxo véo.

Unidas, bem como os prantos,  
Que em parrelha descem tantos  
Das profundezas do olhar...  
Como o suspiro e o desgosto,  
Como as covinhas do rosto,  
Como as estrellas do mar.

Unidas.. Ai ! quem pudera  
N'uma eterna primavera  
Viver, qual vive esta flor.  
Juntar as rosas da vida  
Na rama verde e florida,  
Na verde rama do amor !

Currallinho, Março de 1870.  

---



## O TONEL DAS DANAIDES

### DIALOGO

---

Na torrente caudal de seus cabellos negros  
Alegre eu embarquei da vida a rubra flor.

— Poeta ! Eras o Doge o anel lançando ás ondas...  
Ao fundo de um abysmo... arremeçaste o amor.

Depois minh'alma ao som da lyra de cem vozes  
Sublimes fantasias em notas desfolhou.

— Cleopatra tambem p'ra erguer no Tibre a espuma  
As per'las do collar nas vagas desfiou !

Depois fiz de meu verso a purpura escarlata  
Por onde ella pizasse em marcha triumphal !

— Como Hercules, volveste aos pés da insana  
Omphale

O fuso feminino de uma paixão fatal

Um dia ella me disse : — Eu sou uma exilada ! —  
Ergui-me... e abandonei meu lar e meu paiz...

— Assim o filho prodigo atira as vestes quentes  
E treme no caminho aos pés da meretriz.

E quando debrucei-me á beira daquella alma  
P'ra ver toda riqueza e affectos que lhe dei !...

— Ai ! nada mais achaste ! o abysmo os devorára...  
O pégo se esqueceu da dadiva do Rei !

Na gruta do chacal ao menos restam ossos...  
Mas tudo sepultou-me aquelle amor cruel !

— Poeta ! O coração da fria Messalina  
É das fataes Danaides o perfido Tonel !

14 de Outubro de 1869.

## A LUIZ

(NO DIA DE SEU NATALICIO)

A imaginação, com o vôo ousado, aspira a principio a eternidade... Depois um pequeno espaço basta em breve para os destroços de nossas esperanças illudidas !..

(GETHE)

---

Comoum perfume de longinquas plagas  
Traz o vento da patria ao peregrino,  
O' meu amigo ! que saudade infinda  
Tu me trazes dos tempos de menino !

É o ledo enxame de subtís abelhas  
Que vem lembrar á flor o mel d'aurora...  
Acres perfumes de uma idade ardente  
Quando o labio sorri... mas nunca chora !

Que tempos idos ! que esperanças louras !  
Que scismas de poesia e de futuro !  
Nas paginas do triste Lamartine,  
Quanto sonho de amor pousava puro !...

E tu fallavas de um amor celeste,  
De um anjo, que depois se fez esposa...  
— Moça, que troca os risos de criança  
Pelo meigo scismar de mãe formosa.

Oh ! meu amigo ! neste doce instante  
O vento do passado em mim suspira,  
E minh'alma estremece de alegria,  
Como ao beijo da noite geme a lyra.

Tu paraste na tenda, ó peregrino !  
Eu vou seguindo do deserto a trilha ;  
Pois bem... que a lyra do poeta errante  
Seja a benção do lar e da familia.

Rio FEVEREIRO de 1868.

---

## DALILA

Fair defect of nature.

MILTON — *Paradise lost.*

---

Foi desgraça, meu Deus !... Não !... Foi loucura  
Pedir seiva de vida — á sepultura,  
    Em gelo — me abraçar,  
Pedir amores — á Marco sem brio,  
E a rebolcar-me em leito immundo e frio  
    — A ventura buscar.

Errado viajor — sentei-me á alfombra  
E adormeci da mancenilha á sombra  
    Em berço de setim..  
Embalava-me a briza no meu leito..  
Tinha o veneno a lacerar-me o peito  
    — A morte dentro em mim...

Foi loucura !... No occaso tomba o astro,  
 A estatua branca e pura de alabastro  
     — Se mancha em lodo vil...  
 Quem rouba a estrella — á tumba do occidente ?  
 Que Jordão lava na lustral corrente  
     O marmoreo perfil ?...

.....

Talvez !... Foi sonho !... Em noite nevoenta  
 Ella passou sósinha, macilenta,  
     Tremendo a soluçar...  
 Chorava -- nenhum echo respondia...  
 Sorria — a tempestade além bramia...  
     E ella sempre a marchar.

E eu disse-lhe : — Tens frio ? — arde minha alma.  
 — Tens os pés a sangrar ? — podes em calma  
     Dormir no peito meu.  
 Pomba errante — é meu peito um ninho vago !  
 Estrella — tens minha alma — immenso lago —  
     Reflecte o rosto teu !...

E amámos.. Este amor foi um delirio...  
 Foi ella minha crença, foi meu lyrio,  
     Minha estrella sem véo...  
 Seu nome era o meu canto de poesia,  
 Que com o sol — penna de ouro — eu escrevia  
     Nas laminas do céo.

Em seu seio escondi-me... como á noite  
Incauto colibri, temendo o açoite  
    Das iras do tufão,  
A cabecinha esconde sob as azas,  
Faz seu leito gentil por entre as gazas  
    Da rosa do Japão.

E depois... embalei-a com meus cantos  
Seu passado esqueci... lavei com prantos  
    Seu lodo e maldição...  
Mas um dia acordei... E mal desperto  
Olhei em torno a mim... — Tudo deserto..  
    Deserto o coração...

Ao vento, que gemia pelas franças  
Por ella perguntei... de suas tranças  
    Á flor que ella deixou...  
Debalde... Seu logar era vasio...  
E meu labio queimado e o peito frio,  
    Foi ella que o queimou...

Minha alma nodou no osculo immundo,  
Bem como Satanaz — beijando o mundo —  
    Manchou a criação ;  
Simoun — crestou-me da esperança as flores.  
Tormenta — ella afogou nos seus negros  
    A luz da inspiração...

Vai, Dalila! É bem longa tua estrada...

É suave a descida — terminada

Em barathro cruel.

Tua vida — é um banho de ambrosia...

Mais tarde a morte e a lampada sombria

Pendente do bordel.

Hoje flores... A musica soando...

As per'las do champagne gottejando

Em taças de crystal.

A volupia a escaldar na louca insomnia...

Mas suffoca os festins de Babylonia

A legenda fatal.

Tens o seio de fogo e a alma fria.

O sceptro empunhas lubrico da orgia

Em que reinas tu só !...

Mas que finda o ranger de uma mortalha,

A enxada do coveiro que trabalha

A revolver o pó.

Não te maldigo, não !... Em vasto campo

Julguei-te — estrella — e eras — pyrilampo

Em meio á cerração. .

Prometheu — quiz dar luz á fria argila...

Não pudé... Pede a Deus, louca Dalila,

A luz da redempção ! !...



## AS DUAS ILHAS

SOBRE UMA PAGINA DA POESIA DE V. HUGO, COM O  
MESMO TITULO

---

Quando á noite — ás horas mortas —  
O silencio e a solidão  
— Sob o docel do infinito —  
Dormem do mar n'amplidão,  
Vê-se por cima dos mares,  
Rasgando o tecto dos ares  
Dous gigantescos perfis...  
Olhando por sobre as vagas,  
Attentos, longinquas plagas  
Ao clarear dos fuzis.

Quem os vê, olha espantado  
E a sós murmura ; « O que é ?

Ai ! que atalaias gigantes,  
 São essas além de pé ? !...  
 Adamastor de granito  
 Co'a testa roça o infinito  
 E a barba molha no mar ;  
 E de pedra a cabelleira  
 Sacudind'a onda ligeira  
 Faz de medo recuar...

São — dous marcos milliarios,  
 Que Deus nas ondas plantou,  
 Dous rochedos, onde o mundo  
 Dous Prometheus amarrou !...  
 — Acolá... (Não tenhas medo !...)  
 É Santa Helena o — rochedo  
 Desse Titan que foi rei !...  
 — Alli... (Não feches os olhos !...)  
 Alli... aquelles abrolhos  
 São a ilha de Jersey !...

São elles — os dous gigantes  
 No seculo de pygmeus.  
 São elles — que a magestade  
 Arrancam da mão de Deus.  
 — Este concentra na fronte  
 Mais astros — que o horizonte,  
 Mais luz — do que o sol lançou !..  
 — Aquelle — na dextra alçada

Traz segura sua espada  
— Cometa, que ao céo roubou !...

E olham os velhos rochedos  
O Sena, que dorme além...  
E a França, que entre a caligem  
Dorme em sudario tambem...  
E o mar pergunta espantado :  
— Foi devéras desterrado  
Bonaparte — meu irmão ?... —  
Diz o céo astros chorando :  
— E Hugo ?... — E o mundo pasmando  
Diz : — Hugo... Napoleão !... —

Como vasta reticencia  
Se estende o silencio após...  
És muito pequena, ó França,  
P'ra conter estes heróes...  
Sim ! que estes vultos augustos  
Para o leito de Procustos  
Muito grandes Deus traçou...  
Basta os reis tremam de medo  
Se a sombra de algum rochedo  
Sobre elles se projectou !...

Dizem que, quando, alta noite,  
Dorme a terra — e vela Deus,  
As duas ilhas conversam

Sem temor perante os céos,  
— Jersey curva sobre os mares  
A Santa Helena os pensares  
Segreda do velho Ilugo...  
— E Santa Helena no entanto  
No *Salgueiro* enxuga o pranto  
E conta o que *Elle* fallou...

E olhando o presente infame  
Clamam : — Da turba vulgar  
Nós — infinitos de pedra —  
Nós havemol-os vingar !... —  
E do mar sobre as escumas,  
E do céu por sobre as brumas,  
Um ao outro dando a mão...  
Encaram a immensidade  
Bradando : — A Posteridade !... —  
Deus ri se e diz : — Inda não !...

## AO ACTOR JOAQUIM AUGUSTO

---

Um dia Pygmalião — o estatuário  
Da officina no tosco sanctuario  
    Poz-se a pedra a talhar...  
Surgem contornos languidos, amenos...  
E dos *flocos de marmore* outra Venus  
    Surge dest'outro mar.

De orgulho o mestre ri... A estatua é bella!  
Da Grecia as filhas por inveja della  
    Vão nas grutas gemer...  
Mas o artista soluça: — O' grande Jove!  
Ella é bella... bem sei — mas não se move!  
    É sombra — e não mulher! —

Então do excelso Olympo o deus-tonante  
Manda que desça um raio fulgurante

Á tenda do esculptor.

Vive a estatua! Nos olhos — treme o pejo,  
Vive a estatua!... Na boca — treme um beijo,  
Nos seios — treme amor.

O poeta é — o moderno estatuario  
Que na vigilia crêa solitario

Visões de seio nú!

O marmore da Grecia — é o novo drama!  
Mas o raio vital, quem lá derrama?...

É Jupiter!... És tu!...

Como Gluck nas selvas aprendia

Ao som do violoncelo a melodia

Da santa inspiração,

Assim bebes attento a voz obscura

Do vento das paixões na selva escura

Chamada — multidão.

Gargalhadas, suspiros, beijos, gritos,

Cantos de amor, blasphemias de precitos,

Choro ou reza infantil,

Tudo colhes... e voltas co'as mãos cheias,

— O craneo largo a transbordar de idéas

E de creações mil.

Então começa a lucta, a lucta enorme.  
Desta materia tosca, aspera, informe,  
    Que na praça apanhou,  
Teu genio vai forjar novo thesouro...  
O *cobre escuro* vai mudar-se *em ouro*,  
    Como Fausto o sonhou !

Gloria ao Mestre ! Passando por seus dedos  
Dóe mais a dor... os ricos são mais ledos...  
    O amor é mais do céu...  
Rebenta o *ouro* desta fronte accessa !  
O artista corrigiu a natureza !  
    O alchimista venceu !

Então surges, Actor ! e do proscenio  
Atiras as moedas do teu genio  
    Ás pasmas multidões.  
Prodigo enorme ! a tua enorme esmola,  
Cunhada pela effigie tua, rola  
    Nos nossos corações.

Por isso agora, no teu almo dia  
Vieram dando as mãos a Poesia  
    E o povo, bem os vês ;  
Como nos tempos dessa Roma antiga  
Aos pés desse outro Augusto a plebe amiga  
    Atirava laureis...

Augusto ! E o nome teu não se desmente...

O diadema real na vasta frente

    Cinges... eu bem o sei !

Mandas no povo deste novo Lacio...

E os poetas repetem como Horacio ;

    — Salve ! Augusto ! Rei ! —

S. Paulo, Outubro 1868.

---



# OS ANJOS DA MEIA NOITE

## PHOTOGRAPHIAS

---

### I

Quando a insomnia, qual livido vampiro,  
Como o archanjo da guarda do Sepulchro,  
Vela á noite por nós.

E banha-se em suor o travesseiro,  
E além geme nas franças do pinheiro  
Da briza a longa voz...

Quando sangrenta a luz no alampadario  
Estala, cresce, expira, após resurge,  
Como uma alma a penar,  
E canta aos guizos rubros da loucura  
A febre — a meretriz da sepultura —  
A rir e a soluçar...

Quando tudo vacilla e se evapora  
 Muda e se anima, vive e se transforma,  
     Cambaleia e se esvae...  
 E da sala na magica penumbra  
 Um mundo em trévas rapido se obumbra...  
     E outro das trévas sae...

.....

Então... nos brancos mantos, que arregaçam,  
 Da meia noite os anjos alvos passam  
     Em longa procissão !  
 E eu murmuro, ao fital-os assombrado :  
 — São os anjos de amor de meu passado  
     Que desfilando vão...

Almas, que um dia no meu peito ardente  
 Derramastes dos sonhos a semente,  
     Mulheres, que eu amei !  
 Anjos louros do céu ! virgens serenas :  
 Madonas, Cherubins ou Magdalenas !  
     Surgí ! apparecei !

Vinde, fantasmas ! Eu vos amo ainda ;  
 Acorde-se a harmonia á noite infinda  
     Ao roto bandolim...

.....

E no ether, que em notas se perfuma,  
As visões s'alteando uma por uma  
Vão desfilando assim ...

### Iª SOMBRA

#### MARIETTA

Como o genio da noite, que desata  
O véo de rendas sobre a espadua núa,  
Ella solta os cabellos... Bate a lua  
Nas alvas dobras de um lençol de prata...

O seio virginal, que a mão recata,  
Embalde o prende a mão... cresce, fluctúa...  
Sonha a moça ao relento... Além na rua  
Preludia um violão na serenata !...

Furtivos passos morrem no lagedo...  
Resvala a escada do balcão discreta...  
Matam labios os beijos em segredo...

Afoga-me os suspiros, Marietta !  
Oh surpresa ! oh pallor ! oh pranto ! oh medo !  
Ai ! noites de Romeu e Julieta !..

## 2ª SOMBRA

BARBORA

Erguendo o calix, que o Xerez perfuma,  
Loura a trança alastrando-lhe os joelhos,  
Dentes niveos em labios tão vermelhos,  
Como boiando em purpurina escuma;

Um dorso de Walkyria... alvo de bruma,  
Pequenos pés sob infantis artelhos,  
Olhos vivos, tão vivos, como espelhos,  
Mas como elles tambem sem chamma alguma ;

Garganta de um pallor alabastrino,  
Que harmonias e musicas respira...  
No labio — um beijo... no beijar — um hymno ;

Harpa eolia a esperar que o vento a fira,  
— Um pedaço de marmore divino...  
— É o retrato de Barbora — a Hetaíra. —

## 3ª SOMBRA

ESTHER

Vem ! no teu peito calido e brilhante  
O nardo oriental melhor transpira !...

Enrola-te na longa cachemira,  
Como as Judias molles do Levante,

Alva a chlamyde aos ventos — roçagante...  
Tumido o labio, onde o psalterio gyra...  
O' musa de Israel! pega da lyra...  
Canta os martyrios de teu povo errante!

Mas não... briza da patria além revôa,  
E ao delamber-lhe o braço de alabastro,  
Fallou-lhe de partir... e parte... e vôa...

Qual nas algas marinhas desce um astro...  
Linda Esther! teu perfil se esvae... s'escôa...  
Só me resta um perfume... um canto... um rastro...

#### 4ª SOMBRA

##### FABIOLA

Como teu riso dóe... como na tréva  
Os lémures respondem no infinito :  
Tens o aspecto do passaro maldicto,  
Que em sanie de cadáveres se ceva!

Filha da noite! A ventania leva  
Um soluço de amor pungente, afflicto...  
Fabiola. É teu nome!... Escuta... é um grito,  
Que lacerante para os céos s'eleva!...

E tu folgas, bacchante dos amores,  
E a orgia que a mantilha te arregaça,  
Enche a noite de horror, de mais horrores...

É sangue que referve-te na taça!  
É sangue que borrija-te estas flores!  
E este sangue é meu sangue... é meu... Desgraça!

### 5ª E 6ª SOMBRAS

CANDIDA E LAURA

Como no tanque de um palacio mago,  
Dous alvos cysnes na bacia lisa,  
Como nas aguas que o barqueiro friza,  
Dous nenuphares sobre o azul do lago,

Como nas hastes em balouço vago,  
Dous lyrios roxos que acalenta a briza,  
Como um casal de juritys que pisa  
O mesmo ramo no amoroso affago...

Quaes dous planetas na cerulea esphera,  
Como os primeiros pampanos das vinhas,  
Como os renovos nos ramaes da hera,

Eu vos vejo passar nas noites minhas,  
Crianças, que trazeis-me a primavera....  
Crianças, que lembrais-me as andorinhas !..

## 7ª SOMBRA

## DULCE

Se houvesse ainda talisman bemdicto,  
Que desse ao pantano — a corrente pura,  
Musgo — ao rochedo, festa — á sepultura,  
Das aguias negras — harmonia ao grito....

Se alguém pudesse ao infeliz precito  
Dar logar no banquete da ventura...  
E trocar-lhe o velar da insomnia escura  
No poema dos beijos — infinito....

Certo... serias tu, donzella casta,  
Quem me tomasse em meio do Calvario  
A cruz de angustias que o meu ser arrasta !...

Mas se tudo recusa-me o fadario,  
Na hora de expirar, ó Dulce, basta  
Morrer beijando a cruz de teu rosario !...

## 8ª SOMBRA

## ULTIMO FANTASMA

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso  
Que te elevas da noite na orvallhada!

Tens a face nas sombras mergulhada...  
Sobre as nevoas te libras vaporoso...

Baixas do céo n'um vôo harmonioso !...  
Quem és tu, bella e branca desposada ?  
Da lorangeira em flor a flor nevada  
Cerca-te a fronte, ó ser mysterioso !...

Onde nos vimos nós ?... És d'outra esphera ?  
És o ser que eu busquei do sul ao norte...  
Por quem meu peito em sonhos desespera ?...

Quem és tu ? Quem és tu ? — És minha sorte !  
És talvez o ideal que est'alma espera !  
És a gloria talvez ! Talvez a morte !...

Santa Isabel, Agosto de 1870.

---



## O HOSPEDE

Choro por ver que os dias passam breves  
E te esqueces de mim quando te fores ;  
Como as brizas que passam doudas, leves,  
E não tornam atrás a ver as flores.

THEOPHILO BRAGA.

---

«Onde vaes, estrangeiro ! Por que deixas  
O solitario albergue do deserto ?  
O que buscas além dos horizontes ?  
Por que transpor o pincaro dos montes,  
Quando podes achar o amor tão perto ?...

Pallido moço ! Um dia tu chegaste  
De outros climas, de terras bem distantes...  
Era noite !... A tormenta além rugia...  
Nos abetos da serra a ventania  
Tinha gemidos longos, delirantes.

Uma buzina restrugiu no valle  
Junto aos barrancos onde geme o rio...  
De teu cavallo o galopar soava,  
E teu cão ululando replicava  
Aos surdos roncões do trovão bravo.

Entraste ! A loura chamma do brazido  
Lambia um velho cedro crepitante.  
Éras tão triste ao lume da fogueira...  
Que eu derramei a lagrima primeira  
Quando enxuguei teu manto gottejante !

Onde vaes, estrangeiro ? Por que deixas  
Esta infeliz, miserrima cabana ?  
Inda as aves te afagam do arvoredão...  
Se quizeres... as flores do sylvedo  
Verás inda nas tranças da semana.

Queres voltar a este paiz maldicto  
Onde a alegria e o riso te deixaram ?  
Eu não sei tua historia... mas que importa ?..  
Boia em teus olhos a esperança morta  
Que as mulheres de lá te apunhalaram.

Não partas, não ! Aqui todos te querem !  
Minhas aves amigas te conhecem.  
Quando á tardinha volves da collina,  
Sem receio da longa carabina,  
De lagedo em lagedo as corças descem !

Teu cavallo nitrindo na savana  
Lambe as humidas grammas em meus dedos.  
Quando a *fanfarra* tocas na montanha,  
A matilha dos echos te acompanha  
Ladrando pela ponta dos penedos.

Onde vaes, bello moço ? Se partires,  
Quem será teu amigo, irmão e pagem ?  
E quando a negra insomnia te devora,  
Quem na guitarra que suspira e chora  
Ha de cantar-te seu amor selvagem ?

A choça do desterro é núa e fria !  
O caminho do exilio é só de abrolhos !  
Que familia melhor que meus desvelos ?...  
Que tenda mais subtil que meus cabellos  
Estrellados no pranto de teus olhos ?...

Estranho moço ! Eu vejo em tua fronte  
Esta amargura atroz que não tem cura.  
Acaso fulge ao sol de outros paizes,  
Por entre as balsas de cheirosos lyzes,  
A esposa que tua alma assim procura ?

Talvez tenhas além servos e amantes,  
Um palacio em lugar de uma choupana.  
E aqui só tens uma guitarra e um beijo,  
E o fogo ardente do ideal desejo  
Nos seios virgens da infeliz serrana !.. »

No entanto *Elle* partiu !... Seu vulto ao longe  
Escondeu-se onde a vista não alcança...  
Mas não penseis que o triste forasteiro  
Foi procurar nos lares do estrangeiro  
O fantasma sequer de uma esperança!...

Currallho, 29 de Abril de 1870.  
  

---

## AS TREVAS

(TRADUZIDO DE LORD BYRON)

A MEU AMIGO, O DR. FRANCO MEIRELLES,  
INSPIRADO TRADUCTOR DAS MELODIAS  
HEBRAICAS.

---

Tive um sonho que em tudo não foi sonho !..

---

O sol brilhante se apagára ; e os astros,  
Do eterno espaço na penumbra escura,  
Sem raios e sem trilhos, vagueavam.  
A terra fria balouçava cega  
E tetrica no espaço ermo de lua.  
A manhã ia, vinha... e regressava...

Mas não trazia o dia ! Os homens pasmos  
Esqueciam no horror dessas ruínas  
Suas paixões. E as almas conglobadas  
Gelavam-se n'um grito de egoismo  
Que demandava — luz. Junto ás fogueiras  
Abrigavam-se... e os thronos e os palacios.  
Os palacios dos reis, o albergue e a choça  
Ardiam por fanaes. Tinham nas chammas  
As cidades morrido. Em torno ás brazas  
Dos seus lares os homens se grupavam,  
P'ra a vez extrema se fitarem juntos.  
Feliz de quem vivia junto ás lavas  
Dos volcões sob a tocha alcantilada !

Horrida esp'rança acalentava o mundo !  
As florestas ardiam !... de hora em hora  
Cahindo se apagavam ; crepitando,  
Lascado o tronco desabava em cinzas.  
E tudo... tudo as trévas envolviam.  
As fronteas ao clarão da luz doente  
L'inhavam do inferno o aspecto... quando ás vezes  
As faiscas das chammas borrifavam-nas.  
Uns, de bruços no chão, tapando os olhos  
Choravam. Sobre as mãos cruzadas — outros  
Firmando a barba, desvairados riam.  
Outros correndo á tóa procuravam  
O ardente pasto p'ra funereas pyras.  
Inquietos, no esgar do desvario,

Os olhos levantavam p'ra o céu torvo,  
Vasto sudario do universo — espectro  
E após em terra se atirando em raivas,  
Rangendo os dentes, blasphemos, uivavam !

Lugubre grito os passaros selvagens  
Soltavam, revoando espavoridos  
N'um vôo tonto co'as inúteis azas !  
As feras 'stavam mansas e medrosas !  
As víboras rojando s'enroscavam  
Pelos membros dos homens, sibilantes,  
Mas sem veneno... a fome lhes matavam !  
E a guerra, que um momento s'extinguira,  
De novo se fartava. Só com sangue  
Comprava-se o alimento, e após á parte  
Cada um se sentava taciturno,  
P'ra fartar-se nas trévas infinitas !  
Já não havia amor !... O mundo inteiro  
Era um só pensamento, e o pensamento  
Era a morte sem gloria e sem detença !  
O estertor da fome apascentava-se  
Nas entranhas... Ossada ou carne putrida.  
Resupino, insepulto era o cadaver.

Mordiam-se entre si os moribundos :  
Mesmo os cães se atiravam sobre os donos,  
Todos, excepto um só... que defendia  
O cadaver do seu, contra os ataques

Dos passaros, das feras e dos homens,  
Até que a fome os extinguisse, ou fossem  
Os dentes frouxos saciar algures !  
Elle mesmo alimento não buscava...  
Mas, gemendo n'um uivo longo e triste,  
Morreu lambendo a mão, que inanimado  
Já não podia lhe pagar o affecto.

Faminta a multidão morrêra aos poucos.  
Escaparam dous homens tão sómente  
De uma grande cidade. E se odiavam.  
Foi junto dos tições quasi apagados  
De um altar, sobre o qual se amontoaram  
Sacros objectos p'ra um profano uso,  
Que encontraram-se os dous... e, as cinzas mornas  
Reunindo nas mãos frias de espectros,  
De seus sopros exhaustos ao bafejo  
Uma chamma irrisoria produziram !...  
Ao clarão que tremia sobre as cinzas  
Olharam-se e morreram dando um grito.  
Mesmo da propria hediondez morreram,  
Desconhecendo aquelle em cuja fronte  
Traçára a fome o nome de Duende !

O mundo fez-se um vacuo. A terra esplendida,  
Populosa tornou-se n'uma massa  
Sem estações, sem arvores, sem herva,  
Sem verdura, sem homens e sem vida,  
Cahos de morte, inanimada argila !



---

Calaram-se o oceano, o rio, os lagos !  
Nada turbava a solidão profunda !  
Os navios no mar apodreciam  
Sem marujos ! os mastros desabando  
Dormiam sobre o abysmo, sem que ao menos  
Uma vaga na quéda alevantassem.  
Tinham morrido as vagas ! e jaziam  
As marés no seu tumulto... antes dellas  
A lua que as guiava era já morta !  
No estagnado céo murchára o vento ;  
Esvahiram-se as nuvens. E nas trévas  
Era só trevas o universo inteiro

Bahia, 23 de Dezembro.



## AVES DE ARRIBAÇÃO

Pensava em ti nas horas de tristeza  
Quando estes versos pallidos compuz.  
Cercavam-me planicies sem belleza,  
Pesava-me na fronte um céu sem luz.

Ergue este ramo solto no caminho.  
Sei que em teu seio asylo encontrará.  
Só tu conheces o secreto espinho  
Que dentro d'alma me pungindo está

(FAGUNDES VARELLA.)

Avés, é primavera! á rosa! á rosa!

(THOMAZ RIBEIRO.)

### 1

Era o tempo em que as ageis andorinhas  
Consultam-se na beira dos telhados,  
E inquietas conversam, perscrutando  
Os pardos horizontes carregados...

Em que as rolas e os verdes periquitos  
Do fundo do sertão descem cantando...

Em que a tribu das aves peregrinas,  
Os *Zingaros* do céo formam-se em bando!

Viajar! viajar! A briza morna  
Traz de outro clima os cheiros provocantes.  
A primavera desafia as azas,  
Vôam os passarinhos e os amantes l...

## II

Um dia *Elles* chegaram. Sobre a estrada  
Abriram á tardinha as persianas;  
E mais festiva a habitação sorria  
Sob os festões das tremulas lianas.

Quem eram? Donde vinham? — Pouco importa  
Quem fossem da casinha os habitantes.  
— São ncivos : — as mulheres murmuravam!  
E os passaros diziam : — São amantes !

Eram vozes — que uniam-se co'as brizas !  
Eram risos — que abriam-se co'as flores !  
Eram mais dous clarões — na primavera!  
Na festa universal — mais dous amores !

Astros! Fallae daquelles olhos brandos.  
Trepadeiras! Fallac-lhe dos cabellos!  
Ninhos d'aves! dizei, naquelle seio,  
Como era doce um pipilar d'anhelos.

Sei que ali se occultava a mocidade...  
Que o idyllo cantava noite e dia...  
E a casa branca á beira do caminho  
Era o asylo do amor e da poesia.

Quando a noite enrolava os descampados,  
O monte, a selva, a choça do serrano,  
Ouviam-se, alongando a paz dos ermos,  
Os sons doces, plangentes de um piano.

Depois suave, plena, harmoniosa,  
Uma voz de mulher se alevantava...  
E o passaro inclinava-se das ramas,  
E a estrella do infinito se inclinava.

E a voz cantava o *tremolo* medroso  
De uma ideal sentida *barcarola*...  
Ou nos hombros da noite desfolhava  
As notas petulantes da Hespanhola!

### III

Às vezes, quando o sol nas mattas virgens  
A fogueira das tardes accendia,  
E como a ave ferida ensanguentava  
Os pincaros da longa serraania,

Um grupo destacava-se amoroso,  
Tendo por tela a opala do infinito,  
Dupla estatua do amor e mocidade  
N'um pedestal de musgos e granito.

E embaixo o valle a descantar saudoso  
Na cantiga das moças lavadeiras !...  
E o riacho a sonhar nas cannas bravas,  
E o vento a s'embalar nas trepadeiras.

O' crepusculos mortos ! Voz dos ermos !  
Montes azues ! Sussurros da floresta !  
Quando mais vós tereis tantos affectos,  
Vicejando comvosco em vossa festa ?...

E o sol poente inda lançava um raio  
Do *caçador* na longa carabina...  
E sobre a fronte d'*Ella* por diadema  
Nascia ao longe a estrella vespertina.

#### IV

É noite ! Treme a lampada medrosa  
Velando a longa noite do poeta...  
Além, sob as cortinas transparentes,  
*Ella* dorme... formosa Julieta !

Entram pela janella quasi aberta  
Da meia noite os preguiçosos ventos,  
E a lua beija o seio alvinitente  
— Flor que abraza das noites aos relentos.

O poeta trabalha !... A fronte pallida  
Guarda talvez fatidica tristeza...  
Que importa ? A inspiração lhe accende o verso,  
Tendo por musa — o amor e a natureza !

E como o cactus desabrocha a medo  
Das noites tropicaes na mansa calma,  
A estrophe entreabre a petala mimosa  
Perfumada da essencia de sua alma.

No emtanto *Ella* desperta... n um sorriso  
Ensaia um beijo que perfuma a briza...  
A Casta Diva apaga-se nos montes...  
Luar de amor ! acorda-te, Adalgiza !

## V

Hoje a casinha já não abre á tarde  
Sobre a estrada as alegres persianas.  
Os ninhos desabaram... no abandono  
Murcharam-se as grinaldas de lianas.

Que é feito do viver daquelles tempos ?  
Onde estão da casinha os habitantes ?  
A Primavera, que arrebatou as azas...  
Levou-lhe os passarinhos e os amantes !

Curralinho, 1870.

---



## OS PERFUMES

A. L.

O sandalo é o perfume das mulheres de Stambul e das huris do propheta; como as borboletas, que se alimentam do mel, a mulher do Oriente vive com as gottas dessa essencia divina.

(J. DE ALENCAR.)

---

O perfume é o envolucro invisivel,  
Que encerra as fórmas da mulher bonita.  
Bem como o salamandra em chammas vive,  
Entre perfumes a sultana habita.

Escrinio avelludado onde se guarda  
— Collar de pedras — a belleza esquivada,  
Especie de chrysalida, onde mora  
A borboleta dos salões — a Diva.

Alma das flores — quando as flores morrem,  
Os perfumes emigram para as bellas,  
Trocamos labios de virgens — por boninas,  
Trocamos lyrios — por seios de donzellas!

E alli — sylphos travessos, traiçoeiros  
Voam cantando em languido compasso,  
Occultos nesses calices macios  
Das covinhas de um rosto ou d'um regaço.

Vós, que não entendeis a lenda occulta,  
A linguagem mimosa dos aromas,  
De Magdalena a urna olhaes apenas  
Como um primor de orientaes redomas.

E não vêdes que alli na myrrha e nardo  
Vae toda a crença da Judia loura...  
E que o oleo, que lava os pés do Christo,  
É uma resa tambem da peccadora.

Por mim eu sei que ha confidencias ternas,  
Um poema saudoso, angustiado,  
Se uma rosa de ha muito emmurhecida,  
Rola acaso de um livro abandonado.

O espirito talvez dos tempos idos  
Desperta alli como insensivel nume...  
E o poeta murmura suspirando :  
« Bem me lembro... era este o seu perfume ! »

E que segredo não revela acaso  
De uma mulher a predilecta essencia ?  
Ora o cheiro é lascivo e provantes !  
Ora casto, infantil' como a innocencia !

---

Ora propala os sensuaes anceios  
D'alcova de Ninon ou Margarida,  
Ora o mysterio divinal do leito,  
Onde sonha Cecilia adormecida.

Aqui, na magnolia de Celuta  
Lambe a solta madeixa, que se estira.  
Unge o bronze do dorso da cabocla,  
E o marmore do corpo da Hetaïra.

É que o perfume denuncia o espirito,  
Que sob as fórmãs feminis palpita...  
Pois como a salamandra em chaminas vive,  
Entre perfumes a mulher habita.

Currálinho, 21 de Junho de 1870.

---



## IMMENSIS ORBIBUS ANGUIS

*Sibilla lambebant linguis vibrantibus ora.*

VIRGILIO.

---

### I

Resvala em fogo o sol dos montes sobre a espalda,  
E lustra o dorso nú da índia americana...  
Na selva zumba em tanto o insecto de esmeralda  
E pouisa o colibri nas flores da liana.

Ali — a luz cruel, a calmaria intensa !  
Aqui — a sombra, a paz, os ventos, a cascata...  
E a pluma dos bambús a tremular immensa...  
E o canto de aves mil... e a solidão... e a matta...

É a hora em que fugindo aos raios da esplanada,  
 A Indígena, a gentil matrona do deserto,  
 Amarra aos palmeiraes a rêde mosqueada,  
 Que, leve como um berço, embala o vento incerto...

Então ella abandona-lhe ao beijo apaixonado  
 A perna a mais formosa — o corpo o mais macio,  
 E as palpebras cerrando, ao filho bronzeado  
 Entrega um seio nú, moreno, luzidio.

Porém d'entre os espatos esguios do coqueiro,  
 Do verde gravatá nos cachos reluzentes,  
 Enrosca-se e deslisa um corpo sorrateiro  
 E desce devagar pelos cipós pendentés.

E desce... e desce mais... á rêde já se chega...  
 Da india nos cabellos a longa cauda some...  
 Horror ! aquelle horror ao peito eis que se apega !  
 A baba — quer o leite ! — A chaga — sente fome !

O veneno — quer mel ! — A escama quer a pelle !  
 Quer o almiscar — perfume ! — O immundo  
 quer — o bello !  
 A lingua do reptil — lambendo o seio imbelle !..,  
 Uma cobra — por filho... Horrivel pesadelo !...

## II

Assim, minh'alma, assim um dia adormeceste  
Na floresta ideal da ardente mocidade...  
Abria a fantasia — a petala celeste...  
Zumbia o sonho d'ouro em doce obscuridade...

Assim, minh'alma deste o seio (ó d' r immensa !)  
Onde a paixão corria indomita e fremente !  
Assim bebeu-te a vida, a mocidade e a crença  
Não bocca de mulher... mas de fatal serpente !...

Bio de Janeiro, 13 de Outubro de 1869.





## A UMA ACTRIZ

(NO SEU BENEFICIO)

---

Branco cysne, que vogavas  
Das harmonias no mar,  
Pomba errante de outros climas,  
Vieste aos cerros pousar.  
Inda bem. Sob os palmares  
Na voz do condor, dos mares,  
Das serranias, dos céos...  
Sente o homem — que é poeta,  
Sente o vate — que é propheta,  
Sente o propheta — que é Deus.

Ha alguma cousa de grande  
Deste mundo na amplidão,

Como que a face do Eterno  
Palpita no coração...  
E o homem que olha o deserto,  
Diz consigo : — Deus 'stá perto  
Que a grandeza é o Creador. —  
E sob as paternas vistas  
Larga redeas ás conquistas,  
Pede as azas ao condor.

Inda bem. A gloria é isto...  
É ser tudo... É ser qual Deus ..  
Agitar as selvas d'alma  
Ao sopro dos labios teus...  
Dizer ao peito — suspira !  
Dizer á mente — delira !  
A gloria inda é mais : É ver  
Homens, que tremem — se tremes !  
Homens, que gemem — se gemes !  
Que morrem — se vais morrer !

A gloria é ter com o tridente  
Refreada a multidão,  
— Oceano de pensamentos  
Que tu agitas co'a mão !  
— Montanha feita de idéas,  
Que sustenta as epopéas  
Que é do genio pedestal!  
— Harpa immensa feita de almas,

Que rompe em hymnos e palmas,  
Ao teu toque divinal !

Mas esqueceste... Não basta  
« Chegar, olhar e vencer »  
Do genio a maior grandeza  
O ser divino é soffrer.  
Diz!... Quando ouves a torrente  
Do enthusiasmo na enchente  
Vir espumar-te laureis ;  
Nest' hora grande não sentes  
Louge os silvos das serpentes,  
Que tentam morder-te os pés ?

Inda é a gloria — rainha  
Que jámais caminha só.  
Ai ! Quem sobe ao Capitolio  
Vai precedido de pó.  
Porém tu zombas da inveja...  
Se á noite o raio lampeja  
Tu fazes delle um clarão !  
Pela tormenta embalada  
Ao som da orchestra arroubada  
Vais te perder n' amplidão.

Recife, 27 de Setembro de 1866.

---



## CANÇÃO DO BOHEMIO

(RECITAVO DA « MEIA HORA DE CYNISMO »)

COMEDIA DE COSTUMES ACADEMICOS

Musica de Emilio do Lago.

---

Que noite fria ! Na deserta rua  
Tremem de medo os lampeões sombrios.  
Densa *garóa* faz fumar a lua ;  
Ladram de tedio vinte cães vadios.

Nini formosa ! por que assim fugiste ?  
Embalde o tempo á tua espera conto.  
Não vês, não vês ?... Meu coração é triste  
Como um calouro quando leva *ponto*.

A passos largos eu percorro a sala,  
 Fumo um cigarro, que filei na escola...  
 Tudo no quarto de Nini me falla,  
 Embalde fumo... tudo aqui me *amola*.

Diz-me o relógio, *cynicando* a um canto :  
 — Onde está ella que não veiu ainda ? —  
 Diz-me a poltrona : por que tardas tanto ?  
 Quero aquecer-te, rapariga linda. —

Em vão a luz da crepitante vela  
 De Hugo clarêa uma canção ardente ;  
 Tens um idyllo — em tua fronte bella...  
 Um dithyrambo — no teu seio quente...

Pego o compendio... inspiração sublime !  
 P'ra adormecer... inquietações tamanhas...  
*Violei á noite o domicilio, ó crime !*  
 Onde dormia uma nação... de aranhas...

Morrer de frio quando o peito é braza...  
 Quando a paixão no coração se aninha ? !  
*Vós, todos, todos, que dormís em casa,*  
*Dizei se ha dôr que se compare á minha !...*

Nini ! o horror deste soffrer pungente  
 Só teu sorriso neste mundo acalma...  
 Vem aquecer-me em teu olhar ardente...  
 Nini ! tu és o *cache-nez* dest'alma.

---

Deus do Bohemio !... São da mesma raça  
As andorinhas e o meu anjo louro...  
Fogem de mim se a *primavera* passa,  
Se já nos campos não ha flores de ouro...

E tu fugiste, presentindo o inverno,  
*Mensal inverno* de viver bohemio...  
Sem te lembrar que por um riso terno  
Mesmo eu tomára a *primavera* a *premio*...

No entanto ainda do Xerez fogofo  
Duas garrafas guardo alli... *Que minas!*  
Além, deum lado, o violão saudoso  
Guarda no seio inspirações divinas...

Se tu viesses... de meus labios tristes  
Rompera o canto... *Que esperança ingloria!*...  
Ella esqueceu o que jurar-lhe vistes  
*O' Paulicéa, ó Ponte Grande, ó Gloria!*...

Batem !... *Que vejo!* Eil-a afinal commigo...  
Foram-se as trévas... fabricou-se a luz...  
Nini! pequei... dá-me exemplar castigo!  
Sejam teus braços... do martyrio a cruz !...

S. Paulo, Junho de 1868.

---





## É TARDE!

Olha-me, ó virgem, a fronte,  
Olha-me, os olhos sem luz,  
A pallidez do infortunio  
Por minhas faces transluz ;  
Olha, ó virgem — não te illudas —  
Eu só tenho a lyra e a cruz.

JUNQUEIRA FREIRE.

É tarde. É muito tarde!

MONT'ALVERNE.

---

É tarde ! É muito tarde ! O templo é negro...

O fogo santo já no altar não arde.

Vestal! não venhas tropeçar nas pyras...

É tarde ! É muito tarde !

Treda noite ! E minh'alma era o sacrario,

A lampada do amor velava emtanto,

Virgem flor enfeitava a borda virgem

Do vaso sacrosanto ;

Quando Ella veio — a negra feiticeira —  
A libertina, lugubre bacchante,  
Lascivo olhar, a trança desgrenhada,  
A roupa gottejante.

Foi minha crença — o vinho dessa orgia,  
Foi minha vida — a chamma que apagou-se,  
Foi minha mocidade — o tóro lubrico,  
Minh'alma — o tredo alcouce.

E tu, visão do céu ! Vens tacteando  
O abysmo onde uma luz sequer não arde ?  
Ai ! não vás resvalar no chão lodoso...  
E' tarde ! E' muito tarde !

Ai ! não queiras os restos do banquete !  
Não queiras esse leito conspurcado !  
Sabes ? meu beijo te manchára os labios  
N'um beijo profanado.

A flor do lyrio de celeste alvura  
Quer da luciola o pudíco afago...  
O cysne branco no arrufar das plumas  
Quer o aljofar do lago.

É tarde ! a rôla meiga do deserto  
Faz o ninho na mouta perfumada...  
Rôla de amor ! não vás ferir as azas  
Na ruina gretada.

Como o templo, que o crime encheu de espanto,  
Ermo e fechado ao fustigar do norte,  
Nas ruínas desta alma a raiva geme...

E cresce o cardo — a morte.

Ciúme! dór! sarcasmo! — Aves da noite!  
Vós povoais-me a solidão sombria,  
Quando nas trevas a tormenta ulula  
Um uivo de agonia!...

.....

É tarde! Estrella d'alva! o lago é turvo.  
Dansam fogos no pantano sombrio.  
Pede a Deus que dos céos as cataractas  
Façam do brejo — um rio!

Mas não!... Sómente as vagas do sepulchro  
Hão de apagar o fogo que em mim arde...  
Perdôa-me, senhora!... Eu sei que morro...  
É tarde! É muito tarde!...

Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1869.

---



A MEU IRMAO GUILHERME  
DE CASTRO ALVES

---

Na cordilheira altissima dos Andes  
Os Chimborazos solitarios, grandes,  
Ardem naquellas hibernaes regiões.  
Ruge embalde e fumega a solfatéra...  
É dos labios sangrentos da cratéra  
Que a avalanche vacilla aos furacões.

A escoria rubra com os geleiros brancos  
Misturados resvalam pelos flancos  
Dos hombros friorentos do volcão...

.....  
Assim, poeta, é tua vida immensa,  
Cerca-te o gelo, a morte, a indiferença...  
E são lavas lá dentro o coração.



## QUANDO EU MORRER

En morro, en morro. A matutina briza  
Já não me arranca um riso. A fresca tarde  
Já não me doura as descoradas faces  
Que géldas se encovam.

JUNQUEIRA FREIRE.

---

Quando eu morrer... não lancem meu cadaver  
No fosso de um sombrio cemiterio...  
Odeio o mausoléu que espera o morto,  
Como o viajante desse hotel funereo.

Corre nas veias negras desse marmore  
Não sei que sangue vil de messalina,  
A cova, n'um bocejo indifferente,  
Abre ao primeiro a boca libertina.

Eil-a a náu do sepulchro — o cemiterio...  
Que povo estranho no porão profundo!

Emigrantes sombrios que se embarcam  
Para as plagas sem fim do outro mundo.

Tem os fogos — errantes — por santelmo.  
Tem por velame — os pannos do sudario..  
Por mastro — o vulto esguio do cypreste.  
Por gaivotas — o mocho funerario...

Ali ninguem se firma a um braço amigo  
Do inverno pelas lugubres noitadas...  
No tombadilho indifferentes chocam-se  
E nas trevas esbarram-se as ossadas...

Como deve custar ao pobre morto  
Ver as plagas da vida além perdidas,  
Sem ver o branco fumo de seus lares  
Levantar-se por entre as avenidas !...

Oh! perguntai aos frios esqueletos  
Porque não têm o coração no peito...  
E um delles vos dirá : — Deixei-o ha pouco  
De minha amante no lascivo leito. —

Outro : — Dei-o a meu pai. Outro : Esqueci-o  
Nas innocentes mãos de meu filhinho... —  
Meus amigos ! notai... bem como um passaro  
O coração do morto volta ao ninho!...



# UMA PAGINA DE ESCOLA REALISTA

DRAMA COMICO EM QUATRO PALAVRAS

A tragedia me faz rir; a comedia me faz chorar  
E o drama? Nem rir, nem chorar...

Pensamento de CARNIOLI.

---

## SCENARIO

A alcova é fria e pequena,  
Abrindo sobre um jardim.  
A tarde frouxa e serena  
Já desmaia para o fim.  
No centro um leito fechado  
Deixa um longo cortinado

Sobre o tapete rolar...  
 Ha nas jarras deslumbrantes  
 Camélias frias, brilhantes.  
 Lembrando a neve polar.  
 Livros esparsos por terra,  
 Uma harpa cahida além ;  
 E essa tristeza que encerra  
 O asylo, onde soffre alguém.  
 Fitas, mascaras e flores.  
 Não sei que vagos odores  
 Fallam de amor e prazer.  
 Além da frouxa penumbra  
 Um vulto incerto resumbrá  
 — O vulto de uma mulher.

Vous, qui volez là-bas, légères hirondelles,  
 Dites-moi, dites-moi, pourquoi vais-je mourir.

(MUSSET.)

MARIO (*no leito*)

É tarde ! é tarde ! Abri-me estas cortinas,  
 Deixai que a luz me acaricie a fronte !...  
 O' sol, ó noivo das regiões divinas,  
 Suspende um pouco a luz neste horizonte !

SYLVIA (*abrindo a janella*)

Da noite o frio vento te regela  
 O morbido suor...

## MARIO

Oh! que me importa ?

A tarde doura-me o suor da fronte...

— Ultimo louro desta vida morta !

Crepusc'lo ! mocidade ! natureza !

Inundai de fulgor meu dia extremo...

Quero banhar-me em vagas de harmonia,

Como no lago se mergulha o remo !

E que amores que sonham as espheras !

A briza é de volupia um calafrio.

A estrella sae das folhas do infinito,

Sae dos musgos o verme luzidio...

Tudo que vive, que palpita e sente

Chama o par amoroso para a sombra.

O pombo arrula — preparando o ninho,

A abelha zumbe — preparando a alfombra.

As trévas rolam como as tranças negras,

Que a Andaluza desmancha em mago enleio ;

E entre rendas subtis surge medrosa

A lua plena, qual moreno seio.

Abre-se o ninho... o calice... o regaço...  
Amphitrite, córando, aguarda o noivo...

*(Longa pausa.)*

E tu também esperas teu esposo,  
O' morte! ó moça, que engrinalda o goivo!

*SYLVIA (a meia voz, acompanhando-se na guitarra)*

Dizem as moças galantes  
Que as rolas são tão constantes...

Pois será?

Que morrendo-lhe os amantes,  
Morrem de fome, arquejantes:

Quem dirá?

Dizem sabios arrogantes  
Que nestas terras distantes,

Não por cá,

Sobre pyras fumegantes  
Morrem viúvas constantes,

Pois será?

Não creio nos navegantes  
Nem nas historias galantes,  
Que ha por lá.

Fome e fogueiras brilhantes  
Cá não ha...  
Mas inda morrem amantes  
De saudades lacerantes ;  
Quem dirá ?

*(Aos ultimos harpejos cae-lhe uma lagrima.)*

MARIO (*vendo-a chorar*)

Sylvia ! Deixa rolar sobre a guitarra,  
Da lagrima a harmonia peregrina !  
Sylvia ! cantando — és a mulher formosa !  
Sylvia ! chorando — és a mulher divina !

Oh ! lagrimas e perolas ! — aljofares  
Que rebentais no interno cataclysmo,  
Do oceano — este dedalo insondavel !  
Do coração — esse profundo abysmo !

Sylvia ! dá-me a beber a gotta d'agua,  
Nessa palpebra roxa como o lyrio...  
Como lambe a gazella o brando orvalho  
Nas largas folhas do deserto assyrio.

E quando est'alma desdobrando as azas  
Entrar do céo na região serena,  
Como uma estrella eu levarei nos dedos  
Teu pranto sideral, ó Magdalena !...

SYLVIA (*tem-se ajoelhado aos pés do leito*)

Meus prantos sirvam apenas  
 P'ra humedecer teus cabellos,  
 Como da corça nos velos  
 Fresco orvalho a resvalar!  
 P'ra molhar a flor, que aspires  
 Rolem prantos de meus olhos,  
 P'ra atravessar os escolhos  
 Meus prantos manda rolar!...

.....

Meus prantos sirvam apenas  
 P'ra a terra em que tu pisares,  
 P'ra a sêde em que te abrazares,  
 Terás meu sangue, Senhor!  
 Meus prantos são oleo humido  
 Que eu derramo a tuas plantas...

(*Mario estendo-lhe os braços*)

Mas se acaso me levantas,  
 Meus prantos dizem-te amor!...

MARIO (*tendo-a contra o seio*)

Sentir que a vida vae fugindo aos poucos  
 Como a luz, que desmaia no occidente...  
 E boiar sobre as ondas do sepulchro,  
 Como Ophelia nas aguas da corrente...

Sentir o sangue espadanar do peito  
— Licor de morte — sobre a boca fria,  
E meu labio enxugar nos teus cabellos,  
Como Rolla nas tranças de Maria;

De teus braços fazer o diadema  
De minha vida, que desmaia insana,  
Esquecer o passado em teu regaço,  
Como Byron aos pés da Italiana;

Em teu labio molhado e perfumoso  
O licor entornar de minha vida...  
Escutar-te nas vascas da agonia,  
Como Fausto as canções de Margarida!...

Eis como eu quero — na embriaguez da morte —  
Do banquete no chão pender a fronte...  
Inda a taça empunhando de teus beijos,  
Sob as rosas gentis de Anacreonte!...

*(A noite tem descido pouco a pouco; o luar, penetrando pela alcova,  
alumia o grupo dos amantes)*

## SYLVIA

Que pallidez, meu poeta,  
Se estende na face tua!..

MARIO

São os raios descorados,  
Os alvos raios da lua!

SYLVIA

Mas um suor de agonia  
Teu peito ardente tressúa...

MARIO

São os orvalhos, que descem  
Ao frio clarão da lua.

SYLVIA

Que mancha é esta sangrenta,  
Que no teu labio fluctúa?

MARIO

São as sombras de uma nuvem  
Que tolda a face da lua!

SYLVIA

Como teus dedos esfriam  
Sobre minha espadua nua f...



MARIO (*distrahido*)

Não vês um anjo, que desce,  
No frouxo clarão da lua ?...

SYLVIA

Mario ? Não vês quem te chama ?  
Tua amante... Sylvia... a tua...

MARIO (*desmaiando*)

É a morte que me leva  
N'um frio raio da lua !...

*(O poeta cahe semi-morto sobre o leito. No espasmo, sua mão  
contrahida prende uma trança da moça)*

SYLVIA

Teus brancos dedos fecharam  
De meu cabelo a madeixa,  
Tua amante não se queixa..  
Bem vês... captiva ficou !  
Mas não se prende o desejo  
Que n'alma acaso se aninha !...  
Nunca vistes a andorinha,  
Que alegre o fio quebrou ?

*(Ouve-se um relógio dar horas)*

Já! tão tarde! E embalde tento  
 Abrir-te os dedos fechados...  
 Como frios cadeados,  
 Que o teu amor me lançou.  
 Porém se aqui me captivas,  
 Minh'alma foge-te asinha...  
 Nunca vistes a andorinha,  
 Que alegre o fio quebrou!...

*(Debruça-se a escrever n'uma carteira)*

— Paulo! Vem á meia noite...  
 Mario morre! Mario expira!  
 Vem que minh'alma delira  
 E embalde captiva estou... —

MARIO *(que tem lido por cima de seu hombro)*

Sylvia! a morte abre-me os dedos,  
 És livre, Sylvia... caminha!

*(morrendo)*

Minh'alma é como a andorinha,  
 Que alegre o fio quebrou.

## COUP D'ÉTRIER

---

É preciso partir ! Já na calçada  
Retinem as esporas do arrieiro ;  
Da mula a ferradura taxuada  
Impaciente chama o cavalleiro ;  
A espaços ensaiando uma toada  
*Sincha* as bestas o lepidio tropeiro...  
Sôa a celeuma alegre da partida,  
O pagem firma o lóro e empunha a brida.

Já do largo deserto o sopro quente  
Mergulha perfumado em meus cabellos.  
Ouço das selvas a canção cadente,  
Segredando-me incognitos anhelos.  
A voz dos servos pittoresca , ardente  
Falla de amores fervidos, singelos...

Adeus ! Na folha rota de meu fado  
Traço ainda um — adeus — ao meu passado.

Um adeus ! E depois morra no olvido  
Minha historia de luto e de martyrio,  
As horas que eu vaguei, louco, perdido,  
Das cidades no tetrico delirio ;  
Onde em pantano turvo, apodrecido,  
D'intimas flores não rebenta um lyrio...  
E no drama das noites do prostibulo  
É martyr — alma... a saturnal — patibulo !

Onde o Genio succumbe na asphyxia  
Em meio á turba alvar e zombadora ;  
Onde Musset suicida-se na orgia,  
E Chatterton na fome aterradora !  
Onde, á luz de uma lampada sombria,  
O Anjo — da — Guarda ajoelhado chora,  
Emquanto a cortezan lhe apanha os prantos  
P'ra realce dos lubricos encantos !...

Abre-me o seio, ó Madre Natureza !  
Regaços da floresta americana,  
Acalenta-me a mádida tristeza  
Que da vaga das turbas espadana.  
Troca dest'alma a fria morbidez  
Nessa uberrima seiva soberana !...

O *Prodigo*... do lar procura o trilho...  
Natureza! Eu voltei... e eu sou teu filho!

—

Novo alento selvagem, grandioso,  
Trema nas cordas desta frouxa lyra.  
Dá-me um plectro bizarro e magestoso,  
Alto como os ramaes da sicupira.  
Cante meu genio o dedalo assombroso  
Da floresta que ruge e que suspira,  
Onde a vibora lambe a parasita...  
E a onça fula o dorso pardo agita!

Onde em calix de flor imaginaria  
A cobra de coral rota no orvalho,  
E o vento leva a um tempo o canto vario  
D'araponga e da serpe de chocalho...  
Onde a soidão é o magno estradivario...  
Onde ha musculos em furia em cada galho,  
E as raizes se torcem quaes serpentes...  
E os monstros jazem no hervaçal dormentes.

E se eu devo expirar... se a fibra morta  
Reviver já não póde a tanto alento...  
Companheiro! Uma cruz na selva corta  
E planta-a no meu tosco monumento!...

Da chapada nos ermos... (o qu'importa?)  
Melhor o inverno chora... e geme o vento.  
E Deus para o poeta o céo desata  
emeado de lagrimas de prata!...

Currallinho, 1 de Junho de 1870.

FIM DAS ESPUMAS FLUCTUANTES

## NOTAS

---

### PROLOGO

« Era por uma dessas tardes .. etc. »

Era por uma dessas noites vagarosas do inverno, em que o brilho de um céu sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluto e tetrico.

(*Eurico.* — Cap. 4º.)

### AOS DOUS DE JULHO

« Riachuelo e Cabrito... etc. »

Destes nomes, o primeiro (todos o sabem) recorda a mais gloriosa batalha ferida em aguas da America do Sul: o segundo (menos conhecido talvez), lembra um glorioso feito d'armas dos tempos da Independencia.

A bravura é uma herança nesta nobre terra! E o passado póde repetir ao presente, como o D. Diegue de Corneille:

« Montre-toi digne fils d'un père tel que moi. »

## SUB TEGMINE FAGI

« Como no Dante a pallida Francesca »

Francesca de Rimini é de véras a rosa pallida das estrophas do inferno Dantesco.

## A MACIEL PINHEIRO

Maciel Pinheiro é um destes moços que symbolisam o enthusiasmo e a coragem, a independencia e o talento, nas academias. Poeta e jornalista, o moço estudante, aos reclamos da patria, improvisou-se soldado. Hoje, que o tempo e a distancia nos separam, é-me grato fallar de um dos mais nobres caracteres que tenho conhecido.

## AS TREVAS E A TAÇA

Offerecendo estas traducções ao Dr. Franco Meirelles, o autor junta a um tributo de amizade um preito de admiração ao mimoso e festejado traductor das *Melodias Hebraicas*, do poeta inglez.

## OS JESUITAS

Esta poesia é o verso de uma medalha, cujo reverso (*Os Frades*) sahirá talvez em outro livro, que o autor imagina publicar.

Como quer que seja, talvez fosse mais proprio o titulo de — Apostolos —; estas palavras, porém, são ou foram synonymos na America do Sul. Que o digam Nobrega e Anchieta



## VERSOS DE UM VIAJANTE

« Os pyrilampos que trazeis nas coifas... etc. »

É uma graciosa invenção dos *Trabalhadores do mar*, onde se lê que *as moças do Rio de Janeiro assim, á noite, parecem trazer estrellas no toucado.*

## MURMURIOS DA TARDE

« E como a fouce que no chão fulgura

« Mostrava a lua o semi-circulo d'ouro, etc. »

Creio ter visto nas *Orientaes* ou aléures uma imagem semelhante.

## AS DUAS ILHAS

Victor Hugo escreveu — *As duas ilhas* — a Napoleão.

Ajaccio e Santa Helena — berço e tumulto do heróe — justificam o titulo dessa ode sublime.

Os presentes versos têm por assumpto Jersey e Santa Helena, Hugo e Napoleão. — Duas enormes peanhas — para dous enormes vultos.

Ha não sei que semelhanças nestes dous perfís (aliás tão distinctos), que o espirito do pensador os roune n'uma fraternidade logica.

Parece que, se Hugo tivesse sido guerreiro, chamar-se-ia Napoleão; e que o heróe de Austerlitz — poeta, escreveria Lucrecia Borgia. E depois serem genios não é serem irmãos? E depois não é predestinação esta confraternidade de exilio? estes dous postes? estes dous mares? estas duas solidões? A

Europa os irmanou, arrojando-os do continente... a estes dous leprosos... de divindade.

O autor quiz apenas denunciar a razão de ser destes versos, de cujo merito elle nem ousa fallar depois de haver pronunciado taes nomes.

### A MEU IRMÃO GUILHERME

« Na cordilheira altissima dos Andes, etc. »

Lê-se no *Cosmos*, de Humboldt :

« Les volcans qui s'élèvent au-dessus de la limite des neiges perpétuelles, comme ceux de la chaîne des Andes, présentent des phénomènes particuliers. Les masses de neige qui les recouvrent fondent subitement pendant les éruptions et produisent des inondations redoutables, des torrents qui entraînent pêle-mêle des blocs de glace et des scories fumantes, etc. »

### QUANDO EU MORRER

Estes versos foram escriptos quando julgava o autor repousar em terra estranha.

A febre e o soffrimento fizeram que elles ficassem truncados. Completal-os mais tarde seria de alguma sorte tirar-lhes o unico merito, que por acaso têm.

FIM DAS NOTAS





# SUPPLEMENTO



## DURANTE UM TEMPORAL (1)

---

Vae funda a tempestade no infinito.  
Ruge o cyclone tremido e feroz...  
Uiva a jaula dos tigres da procella.  
— Eu sonho tua voz. —

Cruzam as nuvens refulgentes, negras  
Na mão do vento em desgrenhados elos...  
Eu vejo sobre a seda do corpete  
Teus lubricos cabellos...

Do relampago a luz rasga até o fundo  
Os abysmos interminos do ar...  
Eu sondo o firmamento de tu' alma,  
A luz de teu olhar...

(1) Do album da Exm<sup>a</sup> Sr<sup>a</sup> D. Amelia Rebello da Cunha, irmã do poeta.

Sobre o peito das vagas arquejantes  
Borrifa o espuma em osculos o espaço...  
Eu — penso vêr-te arfando alvinitentes  
As rendas no regaço.

A terra treme... as folhas desseccadas  
Rangem ao choque rijo do granizo...  
Como acalenta um coração afflicto!  
Como é bom teu sorriso!

Que importa o vendaval, a noite, os astros,  
Os trovões predizendo o cataclysmo...  
Se em ti pensando, some-se o universo,  
E em ti sómente eu scismo?...

Tu és a minha vida... o ar que aspiro.  
Não ha tormentas, quando estás em calma...  
Para mim só ha raios em teus olhos,  
Procellas em tu' alma.

A's 7 horas da noite de 2 de Março de 1871.

---



## SE EU TE DISSESSE

---

Se eu te dissesse que scindindo os mares,  
Triste, pendido sobre a vitrea vaga,  
Eu desfolhava de teu nome as petalas  
Ao salso vento, que as marés afaga...

Se eu te dissesse que por ermos cimos,  
Por invios trilhos de um paiz distante,  
Teu casto riso, teu olhar celeste  
Ungia o labio ao viajor errante;

Se eu te dissesse que do alvergue á ermida.  
Do monte ao valle, da chapada á selva,  
Junta commigo vagueou tua alma,  
Junta commigo pernoitou na relva;

Se eu te dissesse que ao relento frio  
Dei minha frente á viração gemente,  
E olhando o rumo de teu lar saudoso,  
Molhei as trévas de meu pranto algente,

Se eu te dissesse, bella flor das salas !  
Que eu dei teu nome dos sertões ás flores...  
E usei, na trova, em que os pastores gemem.  
Por ti, senhora, improvisar de amores ;

Se eu te dissesse que tu foste a concha,  
Que o peregrino traz da Terra Santa,  
Mago amuleto que no seio mora,  
Doce reliquia... talisman, que encanta...

Se eu te dissesse que tu foste a rosa,  
Que ornava a gorra ao menestrel divino ;  
Cruz, que o Templario conchegava ao peito.  
Quando nas naves reboava o hymno ;

Se eu te dissesse que tu és, criança !  
O anjo da guarda, que me orvalha as preces  
Se eu te dissesse... — Foi talvez mentira ! --  
Se eu te dissesse... Tu talvez dissesses !...

Fazenda de Santa Isabel, 15 de Agosto de 1870.

---

## SAUDAÇÃO A PALMARES

---

Nos altos cerros erguido,  
Ninho d'aguias atrevido,  
Salve — paiz do bandido!  
Salve — patria do jaguar!  
Verde serra, onde os Palmares  
— Como indianos cocares —  
No azul dos Columbios ares  
Desfraldam-se em molle arfar!

Salve! Região dos valentes,  
Onde os echos estridentes  
Mandam aos plainos trementes  
Os gritos do caçador!  
**E** ao longe os latidos soam  
**E** as trompas da caça atroam...

E os corvos negros revoam  
Sobre o campo abraçador !...

Palmares ! a ti meu grito !  
A ti, barca de granito,  
Que no sossobro infinito  
Abriste a vela ao trovão,  
E provocaste a rajada,  
Solta a flammula agitada,  
Aos hurrahs da marujada.  
Nas ondas da escravidão !

De bravos soberbo estadio !  
Das liberdades palladio,  
Tomaste o punho do gladio,  
E olhaste rindo p'ra o val.  
— Surgi de cada horizonte,  
Senhores ! Eis-me de frente !...  
E riste... O riso de um monte !  
E a ironia de um chacal !

Cantem eunuchos devassos  
Dos reis os marmoreos paços :  
E beijem os ferreos laços,  
Que não ousam sacudir...  
Eu canto a belleza tua,  
Caçadora semi-nua.

Em cuja perna fluctua  
Ruiva pelle de um tapir!

Creoula! o teu seio escuro  
Nunca deste ao beijo impuro!  
Luzidio, firme, duro  
Guardaste-o p'ra um nobre amor.  
Negra Diana selvagem,  
Que escutas sob a ramagem,  
As vozes que traz a aragem,  
Do teu rijo caçador!

Salve! Amazona guerreira!  
Que nas rochas da clareira  
— Aos urros da cachoeira —  
Sabes beber e lutar...  
Salve — nos cerros erguido —  
Ninho, onde em somno atrevido  
Dorme o condor... e o bandido,  
A liberdade... e o jaguar!

1870



## HORAS DE SAUDADE

---

Tudo vem me lembrar que tu fugiste,  
Tudo que me rodeia de ti falla,  
Inda a almofada, em que pousaste a fronte,  
O teu perfume predilecto exhala.

No piano saudoso, á tua espera,  
Dormem somno de morte as harmonias.  
E a walsa entreaberta mostra a phrase,  
A doce phrase qu'inda ha pouco lias.

As horas passam longas, somnolentas...  
Desce a tarde no carro vaporoso...  
D'Ave-Maria o sino, que soluça,  
É por ti que soluça mais queixoso.

E não vens te sentar perto, bem perto,  
Nem derramas, ao vento da tardinha,

A caçoula de notas rutilantes  
Que tua alma entornava sobre a minha.

E quando uma tristeza irresistivel  
Mais fundo cava-me um abysmo n'alma,  
Como a harpa de David, teu riso santo  
Meu acerbo soffrer já não acalma

É que tudo me lembra que fugiste,  
Tudo que me rodeia de ti falla,  
Como o crystal da essencia do Oriente,  
Mesmo vasio, a sandalo trescala...

No ramo curvo o ninho abandonado  
Relembra o pipilar do passarinho.  
Foi-se a festa de amores e de afagos..  
Eras — ave do céo... minha alma — o ninho!

Por onde trilhas — um perfume expande-se,  
Ha rythmo e cadencia no teu passo!  
És como a estrella que transpondo as sombras,  
Deixa um rasto de luz no azul do espaço...

E teu rasto de amor guarda minh'alma,  
Estrella que fugiste aos meus anhelos,  
Que levaste-me a vida entrelaçada  
Na sombra sideral de teus cabellos !...

2 de Abril de 1870.

---



## FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Eram tres anjos e uma só mulher.

..

---

Quando a infancia corria alegre, á tóa,  
Como a primeira flor, que na lagôa  
Sobre o crystal das aguas se revê,  
Em minha infancia reflectiu-se a tua...  
Beijei-te as mãos suaves, pequeninas,  
Tinhas um palpitar de azas divinas...  
Eras — o anjo da Fé! —

Depois eu te revi... Na fronte branca  
Radiava entre perolas mais franca  
A altiva c'rôa, que a belleza trança!...  
Sobre os traços da diva deslumbrante

Ardente, humilde arremessei minha alma  
Por ti sonhei — triumphador — a palma,  
Ó — anjo da Esperança! —

Hoje é o terceiro marco dessa historia.  
Calcinado aos relampagos da gloria,  
Descri do amor, zombei da Eternidade!  
Ai, não! — celeste e peregrina dea,  
Por ti em rosas mudam-se os martyrios!  
Ha no teu seio a maciez dos lyrios...  
Anjo da Caridade!...

Currallinho, 28 de Junho de 1870.

---

# DEUSA INCRUENTA

## A IMPRENSA

### AO GREMIO LITTERARIO

ANTITHESE Á — TERRIBILIS DEA

---

Quando Ella se alteou das brumas da Allemanha,  
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,  
Na dextra suspendendo a estrella da manhã...  
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...  
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,  
Das cimas do Perú — ás grimpas do Indostan.

Tinha na mão brilhante a trompa bronzeada!  
Vestia o longo véo da vestal inspirada!  
Era Pallas talvez! . . talvez um serafim!

O albor de Beatriz no imaginar do Dante!  
 O olhar da Pythonisa em tripode gigante!  
 Do mundo — Anjo da guarda! enorme cherubim!

Ergueu-se!... Olhou de roda os plainos do universo...  
 No peito das nações seu braço longo immerso,  
 Palpou-lhe o estrepitar do estoso coração!...  
 Genio e santa!... a mulher um grito ergueu profundo,  
 Abriu braços de mãe, p'ra acalentar o mundo,  
 Azas de serafim — p'ra abrigar a amplidão.

Rugiram de terror ao ver-lhe o rir sublime  
 O satrapa, o chacal, a tyrannia, o crime...  
 O abutre, o antro, o mocho, o erro, a escravidão!  
 Disse a gruta p'ra o céu : — Que deusa é esta  
ingente?! —  
 O espaço respondeu : — É a diva do Occidente!...  
 A consciencia do mundo! o Eu da Creação! —

E quando Ella surgiu... — os pólos se abraçaram!  
 O Zenith e o Nadir — surpresos se escutaram!  
 O Norte — ouviu chorando o soluçar do — Sul!  
 O abafado estertor do servo miserando  
 Da deusa no clarim gigante reboando,  
 Clamou da terra verde — ao firmamento azul!...

Uma noite... no chão da Grecia peregrina  
 A deusa ajoelhou... da poeira divina  
 O fantasma de Homero então viram surgir!

- Ainda viajar ! — diz o velho em assombro...  
— Quem és ? — Eu sou teu guia... encosta-te a  
meu hombro.  
— Então levas-me longe ? — Eu levo-te ao porvir.

No Forum colossal da sempiterna Roma  
De Cicero a figura apaixonada assoma,  
E de novo retumba o verbo atroador...  
Tem hoje por tribuna immensa — a Eternidade,  
Por Forum — o Universo ! É plebe — a Humanidade !  
A seus pés — as nações ! os seculos — em redor.

Quando a Bastilha vil tremia desraigada,  
E da mole ao sopé soava a martelada,  
A catapulta humana, a voz de Mirabeau...  
Quando aquelle ideal ! — Quasimodo do abysmo,  
Se agitava a ulular dos reis no cataclysmo,  
Sineiro que o rebate aos seculos tocou !... —

Eriçado, feroz, suado, monstruoso,  
Magnifico de horror, divino, procelloso...  
A deusa se atirou nos braços do titão !  
Mas sentindo que o deus inteiriçado tomba...  
Dos thronos co'a madeira — arvora-lhe a hecatomba,  
Co'as purpuras dos reis — accende-lhe um clarão !

Seguiu do Child errante o yacht aventureiro...  
Beijou-lhe a pallidez ao lord forasteiro

De Veneza, a lasciva — á languida Stambul !  
E quando o Lara — inglez expira, o *Pagem louro*  
É ella !... E falla... e aponta o firmamento d'ouro.  
Gulnar lembra a Conrado o seu paiz d'azul !...

Quando a Polonia casta — essa Lucrecia nova,  
Para fugir a um leito, arroja-se a uma cova...  
E mata-se de nojo... aos beijos de um czar...  
Uma actriz funeral surge no negro palco,  
Tira á chaga o punhal... descobre o catafalco...  
E deixa sobre a Europa... o ferro gottejar...

— Amazona sombria — Ella arrebatada o Goëthe  
Na garupa a fumar do tartaro ginete,  
Pela noite hibernal dos seculos ao sabbat !...  
Anjo ás vezes, no céo fatidico revôa,  
A buzina de cobre os longos ares trôa...  
Ergue-se a meio o chão do escuro Josaphat !...

Salve, deusa incruenta ! immensa divindade !  
Barqueira desse mar chamado — a Eternidade —  
Que ás margens do Coccyto embarcas os herôes...  
Em prol da humanidade a Deus levas o grito...  
Tens os joelhos — na terra ! a boca no infinito !  
A meia-lua — aos pés ! na cabelleira — os sóes...

Quando Ella se alteou das brumas da Allemanha,  
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,

Na dextra suspendendo a estrella da manhã...  
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...  
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes,  
Das cimas do Perú — ás grimpas do Indostan!...

.....

14 de Outubro de 1870.

---





## NO MEETING DO COMITÉ DU PAIN

---

Já que a terra estacou na orbita immensa,  
Já que tudo mentiu — a gloria ! a crença !  
A liberdade ! a cruz !  
E o Sysipho dos seculos — assombrado —  
Viu rolar-lhe do dorso ensanguentado  
O rochedo de luz...

Já que o amor transmudou-se em odio acerbo,  
Que a eloquencia é o canhão, a bala — o verbo,  
O ideal, o horror !  
E nos fastos do seculo os tyrannos  
Traçam com a ferradura dos uhlanos  
O cyclo do terror ;

Já que igual ao florete de Genaro,  
 Um sabre arranca do presente ignaro  
   Este letreiro — Luz ;  
 Já que a gloria recúa (cousa horrenda !)  
 E Attila vai de Washington na senda,  
   E Siva após Jesus ;

Já que a Rousseau succede Machiavelo,  
 Já que a Europa de altar fez-se escabelo,  
   Da guerra meretriz ;  
 Já que o senho de Canning era falso,  
 Já que após abolir-se o cadafalso,  
   Crucificam Pariz ;

Já que é mentira a voz da — Humanidade,  
 Já que riscam da Biblia a Caridade,  
   E d'alma o coração...  
 E a noite da descrença desce feia,  
 E tropeçando em ossos cambaleia  
   Dos povos a razão !...

.....

Filhos do Novo Mundo ! ergamos nós um grito  
 Que abafe dos canhões o horrisono rugir,  
 Em frente do oceano ! em frente do infinito !  
 Em nome do progresso ! em nome do porvir !

Não deixemos, hebreus, que a dextra dos tyrannos  
Manche a Arca ideal das nossas illusões.

A herança de um suor vertido em dous mil annos,  
Ha de intacta chegar ás novas gerações!

Nós que somos a raça eleita do futuro,  
O filho que o Senhor amou, qual Benjamim,  
Que faremos de nós... se é tudo falso, impuro,  
Se é mentira o progresso! e o erro não tem fim!

Não! clamemos bem alto á Europa, ao globo inteiro!  
Gritemos — liberdade — em face da oppressão!  
Ao tyranno dizei — tu és um carniceiro!  
És o crime de bronze — escreva-se ao canhão!

Fallemos de justiça — em frente á mortandade!  
Fallemos de direito — ao gladio que reluz!  
Se elles dizem — rancor — dizei — fraternidade!  
Se erguem a meia-lua, ergamos nós a cruz.

Digamos á criança — o Mestre ama esta idade! —  
Digamos á velhice — honra ás sagradas cans! —  
Digamos á miseria, á fome e á orphandade:  
— É vosso o nosso lar... vós sois nossas irmãs.

Digamos a Strasburg — mereces do universo...  
Digamos... Não! silencio! em frente de Pariz...  
O Amazonas que leve o nosso pranto immerso  
À gloria das vestaes! á herdeira das Judiths.

O' França, dêste a luz, que de teu ser jorrava!  
O' França! colhe agora em recompensa o pão;  
O Christo no deserto os pães multiplicava,  
Faça agora o milagre, ó Christo, o coração!

E se acaso alta noite, em noite de invernada,  
Emquanto no horizonte a chamma lambe o ar,  
Uma debil criança, esqualida e gelada,  
Por ti, patria, encontrar abrigo, pão e lar...

Quando aquelle innocente a sós no campo escuro  
Abençoar de longe os brazileiros céos...  
Sabe que esse menino — é o symbolo do futuro!  
E aquella fragil mão... occulta a mão de Deus!...

9 de Fevereiro de 1871.

---

## MENINA E MOÇA

(NO ALBUM DE D. MARIA JOAQUINA DA SILVA FREIRE.)

---

Menina e moça! Ha no volver das horas  
Esta idade ideal e feiticeira;  
É quando a estrella expira, e rompe a aurora  
Um preludio nos leques da palmeira.

Menina e moça! Ha no viver das flores  
Este instante feliz... É quando a rosa  
Ao relento das noites perfumadas  
Abre o calix, risonha e curiosa.

Menina e moça! Ha no passar dos annos  
Esta estação de amor, quando nas veigas  
Fazem-se em flor as folhas sussurantes,  
Beijam-se as pombas, arrulhando meigas.

Menina e moça! Ha no sonhar da musica  
Som que esta idade festival define,  
Quando a voz de piano espalha aos ermos  
Os lamentos saudosos de Bellini.

Menina e moça! Se a poesia esquece  
Agora o typo da criança bella,  
Quem não te adora a limpida innocencia,  
O' filha de Sorrento! ó Graziella!

Menina e moça! Castidade e pego!  
Crença, frescura, divinal aneeio!  
— Por quem tu scismas? se pergunta á frente;  
— Por quem palpitas? se pergunta ao seio.

Menina e moça! É tão celeste o riso!  
Chamma dourada sobre os olhos brilha!  
Como estalam os beijos nas amigas!  
A donzella tem azas de escumilha!

Menina e moça! Como é doido o baile!  
Como são varias da existencia as scenas!  
Ama-se o canto... se elles são os passaros...  
Ama-se a walsa... se ellas são phalenas...

Menina e moça! Adormecida garça  
Que o mar na riba do ideal balouça!  
O bardo canta na tormenta, ao longe,  
Sonha o teu sonho de — menina e moça.

19 de Novembro de 1870.

## O DERRADEIRO AMOR DE BYRON

---

Num desses dias em que o Lord errante,  
Resvalando em cochins de seda molle,  
A laureada e pallida cabeça  
Sentia-lhe embalar essa condessa,  
Essa languida e bella Guiccioli...

Numa dessas manhães em que Ravena  
Vaidosa de seu *Child* peregrino,  
Sacudindo a poeira dos palacios,  
Ao morno vento que lhe vem dos Lacios,  
Amornava-se ao sôpro bysantino... (\*)

---

\* Conhecemos a seguinte variante, que é talvez preferivel.

Numa dessas manhães, em que Ravena  
Via cruzar o *Child* peregrino  
Dos templos ermos pelo claustro frio,  
Ou longas horas meditar sombrio  
No tumulo do Dante — o gibelino...

Quando aquella mão régia de Madona  
Tomava aos hombros essa cruz insana,  
E do — Giaur — o lugubre segredo,  
E esse crime indizível de Manfredo  
Madornavam aos pés da Italiana...

Numa dessas manhães, emquanto a moça,  
Sorrindo-lhe dos beijos ao resabio,  
Cantava como um'ave ou uma criança,  
Ella sentiu que um riso de esperança  
Abria-lhe do amante labio a labio...

A esperança! a esperança no precito!  
A esperança ness'alma agonisante!  
E mais livida e branca do que a cêra,  
Ella disse a tremer : — George, eu quizera  
Saber qual seja... a vossa nova amante.

— Como o sabes? — Confessas? — Sim, confesso...

— E seu nome? Que importa? — Fala, Alteza!

— Que chamma doida teu olhar espalha...

És ciumenta? — *Mylord*, eu sou da Italia!

— Vingativa? — *Mylord*, eu sou princeza!

— Queres saber então qual seja o archanjo

Que inda vem me animar o ser corrupto,

O sonho que os cadaveres renova,

O amor que o Lazaro arrancou da cova,

O ideal de Satan... — Eu vos escuto!



- 
- Olhae, *signora*... Além destas cortinas,  
O que vêdes? — Eu vejo a immensidade!  
— E eu vejo a Grecia... e sobre a plaga errante,  
Uma virgem chorando... — É vossa amante?  
— Tu o disseste, condessa... é a Liberdade!
-



## REZAS

---

Na hora em que a terra dorme,  
Enrolada em frios véos,  
Eu ouço uma reza enorme  
Enchendo o abysmo dos céos.

Accendem-se os bentos cirios  
Dos vagalumes subtis...  
— Ave! — murmuram os lirios!  
— Ave! — dizem os covis!

Nos boqueirões ha soluços...  
Tem remorso o vendaval...  
O mar se atira de bruços,  
Com a barba pelo areial.

As nuvens, ajoelhadas  
Nos claustros ermos e vãos,  
Passam, quaes contas douradas,  
As estrellas — pelas mãos...

A açucena, por criança,  
Junta os dedos, reza e ri;  
A palmeira larga a trança,  
Reza nua como a huri.

Pelo sipó solitario  
Em fio o sereno cae,  
Como as bagas do rosario  
Da filha que chora o pae.

A ventania, que embocca  
Pela serra colossal,  
E' organista que toca  
Nos siphões da cathedral.

Que fanatismos divinos  
Nas lapas do campo alvar!  
Da onça os olhos felinos  
Dizem rezas... ao luar.

Ha luzes phosphorescentes  
Accesas pelos marneis...  
São as larvas penitentes  
Rezando pelos fieis.

Monstro e anjo a noite agrupa  
No pedestal da oração...  
Quem sabe se a catadupa  
Bate nos peitos do chão?

---

Reza tudo que tem bocca  
Cheio de graça ou terror...  
O ninho — junto da toca,  
Ao pé da cratera — a flor !

Só, enquanto a reza enorme  
Rebôa pela amplidão,  
Como Loth — o homem dorme  
No collo da Creação !

---



## FATALIDADE

---

Adeus ! adeus ! ó meu extremo abrigo !  
Adeus ! eu digo-te a chorar de dor !  
E' o derradeiro suspirar das crenças  
Que se despedem das visões do amor.

Pallido e triste, atravessei a vida,  
Sempre orgulhoso, concentrado e só...  
E' que eu sentia que um fadario estranho  
Meus sonhos todos reduzia a pó.

Mas tu vieste... e acreditei na vida...  
Abri os braços... caminhei p'ra a luz...  
E a borboleta da fatal chrysalida  
Soltou as azas pelos céos azues.

O tronco morto refloriu de novo,  
Ergueu-se vivo, perfumado em flor,  
Abençoando a primavera amiga...  
Ai ! primavera de meu santo amor!

Porém, que importa, se ha fadarios negros,  
Frontes voltadas do sepulcro ao chão,  
Pedras colladas de um abysmo á beira,  
Astros sem norte, de cruel clarão ! ?

Quem mostra o trilho ao viajor nas sombras ?  
Quem ergue o morto que esfriou no pó ?  
Quem diz á pedra que não desça ao pego ?  
Quem segue a estrella desgraçada e só ?

Ninguem ! Na terra tudo vae... gravita  
Lá para o ponto que lhe marca Deus.  
Os raios tombam, as estrellas sobem !  
Luctar com a sorte — é combater os céos !

Vae, pois, ó rosa, que em meu seio outrora  
Acalentava a suspirar e a rir...  
Deixas minh'alma como um chão deserto. —  
Vae, flor virente, mais além florir.

Vae, flor virente, no rumor das festas,  
Entre esplendores, como o sol, viver ;  
Emquanto eu subo, tropeçando incerto,  
Pelo patib'lo — que se diz soffrer !

Que resta ao triste, sem amor, sem crenças ?  
Seguir a sina... se occultar no chão...  
— Mas quando, estrella ! pelo céu voares,  
Banha-me a lousa de feral clarão.



## PASSARO VIAJANTE

---

Pelo infinito errante,  
Sem norte, sem roteiro.  
Que buscas, pobre passaro viajheiro?

A terra está distante,  
E o manto nebuloso  
A noite estende pelo ar saudoso.

Que queres? não deixaste  
Teu ninho á ribanceira?  
Que buscas, pois, pela azulada esteira?

E vieste e cançaste...  
Mas segue teu caminho;  
E' sina tua vaguear sósinho!

Levas tantos pesares  
E vaes só, a chorar.  
Ai! tambem vago longe de meu lar,

Errante pelos mares,  
Sem norte, sem roteiro  
Como tu, pobre passaro viajero!

---

## CONSUELO

Oh! Consuelo de mi alma'  
(SAND.)

---

### I

Nunca leste *Consuelo*, a pagina fulgente  
Que George Sand, a loura, encheu de encanto e luz,  
Este sonho, onde o céu da terra passa rente,  
Onde o amor, a harmonia e a graça brincam nus?

Vem! dá-me a tua mão! voemos a Sorrento!  
Por barco a phantasia... e flammula — teu véo!  
Seja o cabello negro a véla solta ao vento!  
Vem commigo sonhar a Italia, a noite, o céu!

A Italia! a Italia santa! a patria peregrina  
Do artista e do poeta! o magico paiz!  
Lá, onde o amor da terra chamou-se — Fornarina.  
Lá, onde o amor do céu chamou-se — Beatriz!

Terra que deu á luz a cavatina e a dhalia,  
 A espadua de alabastro e o laranja em flor;  
 Onde o sôpro da noite em pleno céo espallia  
 As lavas do Vesuvio e as explosões do amor.

. . . . .  
 Vem commigo, formosa! A sombra vae profunda...  
 Dos astros o cardume a trecho aclara o mar.  
 O tardo gondoleiro o remo n'agua afunda...  
 Veneza — o cysne eterno, engolpha-se a sonhar!

Do nicho da Madona o frouxo alampadario  
 Dos Doges alumia o lugubre frontal.  
 Silencio... Quebra a paz a voz do estradivario  
 E uma gondola passa em aguas do canal...

Dentro : o grupo do amor ! Fusão de primaveras ;  
 Dois risos soletrando o verbo do beijar ;  
 Ventura — que produz a inveja das espheras  
 E que faz de ciuime aos anjos descorar.

O crente ao pé da santa ! o riso — junto á bocca,  
 Um anhelar sem termo ! um fulgurar sem fim !  
 Ella... bella ! a fazer a terra inteira louca...  
 Alma feita de um astro ! o corpo... de um jasmim.

O' divina Consuelo ! A vaga de Adriatico  
 F'ez-te nascer, talvez, de um beijo dado ao sol ;  
 A espuma foi teu berço, aleyone sympathico,  
 Tens por irmãos o cysne, o amor e o rouxinol.

O amor, que accende o riso-ao labio da franceza,  
Que dá filtros fataes á filha de Madrid,  
Que mais languida torna a pensativa ingleza...  
A grega mais audaz, mais indolente a huri!

O amor na italiana estala em harmonia...  
Sóbe ao labio tremente... espalha-se no céo...  
Amor não é palavra... amor é melodia...  
Não ha musica assim como dizer — sou teu!

E o seio que palpita a rebentar a seda...  
E a garganta de cysne a desmaiar o alvor...  
E a trança a descair... e a mão que a trança arreda...  
Angioleto a seus pés... as sombras em redor...

A divina Consuelo em frente á noite immensa,  
No gesto dominando as furias do escarceu,  
Na voz clara, sonora, ardente, larga, extensa,  
— Escada de Jacob — prendia a terra ao Céo!

## II

Horas de amor, porque voaes tão cedo?  
Extasis santos, porque assim passaes?  
Plantam-se risos no fatal rochedo...  
Vinga a seara dos sombrios ais!

Um dia, a fronte já não surge vivida...  
 Aperta o seio em desespero a mão...  
 — Que foi? pergunta se á criança livida,  
 Ai! não respondas, Consuelo, não!

Apanha a essencia destas fundas maguas,  
 Concentra o fogo nos teus seios nus;  
 Na gruta — mudam-se em crystal as aguas,  
 No abysmo — a pedra se transforma em luz.

Pallor e pranto, desespero e choro!  
 Como no genio esta corôa diz!...  
 Desta cicuta vaes fazer um louro...  
 Cahiste martyr, e te ergueste... actriz!

### III

Passou pela terra tão casta e nitente,  
 Qual raio de lua que bate no gêlo.  
 O Sanzio invejara-lhe a fronte innocente,  
 Por isso chamaram-n'a  
 — A pura Consuelo!

Trazia nos olhos fulgor de meteoros,  
 Prendia a procella no escuro cabello.  
 Da aurora lavada nos pallidos raios,  
 A musa da Italia

Tu eras, Consuelo!

Cantava! Su' alma saía-lhe em notas...  
Mysterio ou milagre... Quem pôde sabel-o?  
As nymphas outrora mudavam-se em flores;  
Em lyra tornara-se

A triste Consuelo!

Cruzavam-lhe o canto sussurros de archanjos,  
Suspiros de Laura, delirios de Othelo...  
Se os raios da lua de sons se fizessem,  
Talvez que lembrassem

A voz de Consuelo!

Mas ai! que não acha na estrophe o poeta  
Lampejo de um genio tão fulgido e bello;  
Que versos te espelham, ó flor de Veneza?  
Quem pôde lembrar-te,

Divina Consuelo?

Só vós, bella diva! Da musica aos threnos,  
Meu pallido sonho podeis aquecêl-o;  
Afogue-se a musa nas arias brilhantes...  
E se inda tu queres

Sonhar, ó Consuelo...

Com as mãos no piano, com os olhos no espaço,  
Tremes os seios, revolto o cabello,  
Num mar de harmonias me leva a Sorrento...  
Transporta-me á Italia!

Revive, Consuelo!





## REMORSOS

---

Em que pensa Carlota após a walsa,  
    No tapete  
Atirando o burnu, quando descalça,  
Ou melhor... quando rompe a luva, a fita,  
    Se a presilha, o colchete  
Em leve resistencia a mão lhe irrita?  
Em que pensa Carlota após a walsa?

Em que sonha Carlota á madrugada,  
    Quando aperta  
Ao travesseiro a bocca perfumada.  
E afoga o seio sob a cruz de prata,  
    Pelâ camisa aberta,  
Que um movimento languido desata?  
Em que pensa Carlota á madrugada?

Com quem fala Carlota, ao sol poente,  
Na sombria alameda,  
Quando os cysnes se arrufam na corrente...  
E o vento, pelas grutas cochichando,  
Uns noivos arremeda,  
Que estão, como dois pombos, arrulhando?  
Com quem fala Carlota, ao sol poente?

Porque chora Carlota ao meio dia,  
Quando, nua de adorno,  
Cubriendo os pés... com a trança luzidia,  
Entrega o corpo ao vacillar da rede,  
E, olhando o campo morno,  
Os labios morde... p'ra matar a sede?  
Porque chora Carlota ao meio dia?

O que scisma, o que sente, por quem chora  
A soberba Carlota?  
A rainha das salas já descora...  
Foge o sceptro do leque aos dedos frouxos...  
E a turba alegre nota  
O fundo circ'lo de seus olhos roxos.  
E não diz o que scisma e por quem chora!

Quem te mata, Carlota, são remorsos  
De algum divino crime?  
São ciumes que escondem teus esforços?  
Tens vergonha, talvez, dêsse rosario  
Que tua mão comprime,

Porque um sôpro roçou no relicario?  
E desmaias, Carlota, de remorsos?

Se é por isso, não pizes tanto os olhos...

Formosa creatura!

O mundo é um mar de perfidos escolhos.  
Quem te pode lançar primeiro a pedra?

Amor e formosura!

Deus não corta a roseira, porque medra...  
Se é por isso, não pizes tanto os olhos!

Mas não! chora! teu mal é sem remedio...

Serás martyr sem palma,

Pregada numa cruz... na cruz do tedio!

Fria Carlota! cobre-te de pejo!

Mataste á sêde um'alma!

Fizeste o crime... de negar um beijo!

Chora! que este remorso é sem remedio!

Bahia, 31 de Maio de 1871.

---



\* \* \* \* \*

---

O' pallida madona dos meus sonhos,  
Bella filha dos cerros de Engadí,  
Vem inspirar os cantos do poeta,  
Rosa branca da lyra de David.

Todo o amor que em meu peito repousava,  
Como o orvalho das noites ao relento,  
A teu seio elevou-se, como as nevoas  
Que se perdem no azul do firmamento.

Aqui, além, mais longe, em toda a parte,  
Meu pensamento segue o passo teu,  
Tu és a minha luz, sou tua sombra,  
Eu sou teu lago, se tu és meu céu.

A' tarde, quando chegas á janella,  
A trança solta onde suspira o vento,  
Minh'alma te contempla de joelhos,  
A teus pés vae gemer meu pensamento.

Nos theatros, ao sons das harmonias,  
Vendo-te a fronte altiva e peregrina,  
Eu apertava o peito murmurando :  
— Oh! mata-me de amor, mulher divina!

Ainda hontem, á noite, no piano  
Os dêdos teus corriam no teclado;  
E ás caricias dessas mãos tão lindas  
Suspirava e gemia apaixonado.

Depois cantaste, e a aria suspirosa  
Veio n'alma accender-me mais desejos;  
Dir-se-ia que essas notas eram doces  
Como sussurro de amorosos beijos.

Oh! diz-me, diz-me que inda posso um dia  
De teus labios beber o mel dos céos:  
Que en te direi, mulher dos meus amores:  
— Amar-te ainda é melhor do que ser Deus!

---

## ELEGIA

(LAMARTINE)

---

Colham-se as rosas na manhã da vida ;  
Ao menos, no fugir da primavera,  
Das flôres os perfumes se respirem.  
O peito se franqueie aos castos gosos ;  
Amemos sem medida, ó cara amante !

Quando o nauta, no meio da tormenta,  
Vê o fragil batel quasi a afundir-se,  
Às praias que deixou dirige as vistas,  
E tarde chora a paz que alli gosava.  
Ah ! quanto dera por volver o triste  
Aos amigos da aldeia, ao lar paterno,  
E de novo passar junto à que adora  
Dias talvez sem gloria, mas tranquillos !

Assim um velho, curvo ao pêso d'annos,  
Da mocidade em vão os tempos chora ;  
Diz : — voltei-me essas horas profanadas,  
De que eu, ó céos, não soube aproveitar-me.  
Só lhe responde a morte ; os céos são surdos  
E inflexiveis o arrojam ao sepulcro,  
Não consentindo que se abaixe, ao menos  
A apanhar essas flôres desprezadas.

Amemos, vida minha !  
E riamos do afan que os homens levam  
Atraz de um fumo vão, que lhes consome  
Metade da existencia, espedigada  
Em sonhos e chimeras.

Não invejemos seu orgulho esteril ;  
Deixemos á ambição os seus castellos.  
Mas nós, da hora incertos,  
Tratemos de esgottar da vida a taça,  
Emquanto as mãos a empunham.

Quer os louros nos cinjam  
E nos fastos sangrentos de Bellona  
Nosso nome se inscreva em bronze e marmore ;  
Quer da singela flôr que as bellas colhem  
Se entrance a humilde c'rôa,  
Vamos todos saltar na mesma praia.



De que val, no momento do naufragio,  
Em pomposo galeão ir navegando,  
    Ou num batel ligeiro,  
    Solitario viajante,  
Ter só junto da margem bordejado?

---



## MEU SEGREDO

A' SENHORA D...

---

### I

Eu tenho dentro d'alma o meu segredo  
Guardado como a perola no mar,  
Occulto ao mundo como a flôr silvestre  
Escondida no valle a vicejar.

Eu guardo-o no meu peito .. É um thesouro,  
Meu unico thesouro desta vida,  
— Sonho de phantasia — flôr ephemera,  
Uma nuvem, talvez, no céu perdida...

Mas que importa? É uma crença de minh'alma,  
— Gotta de orvalho d'alva da existencia,  
Ultima flôr, que vive aos raios mornos  
Do sol do amor na quadra da innocencia.

Só, quando a terra dorme solitaria  
E ergue-se á meia noite, branca, a lua,  
E a briza geme cantos de tristeza  
No ramo do pinheiro, que fluctua ;

E quando o orvalho pende do arvoredro,  
Que se debruça p'ra beijar o rio,  
E as estrellas no céo scintillam languidas  
— Perolas soltas de um collar sem fio ;

Então eu vou sentar-me sobre a relva,  
Eu vou sonhar meus sonhos ao relento,  
E só conto o segredo de minh'alma  
Das horas mortas ao tristonho vento.

## II

Eu sei como este mundo ri de escarneo  
Deste aereo sonhar da phantasia.  
Eu sei... P'ra cada crença de noss'alma  
Elle tem uma phrase de ironia...  
Ah! deixae-me guardar o meu segredo!  
Deste riso cruel eu tenho medo...

Meu segredo? É o canto de poesia  
Que suspirou, saudoso, o gondoleiro,

Que vae morrer gemente sobre as praias ;  
Da despedida pranto derradeiro,  
Mais aereo que as vozes da sereia,  
Alta noite sentada sobre a areia.

Meu segredo ? É o soluço d'alma triste  
Que conta sua dôr á brisa errante ;  
É o pulsar tresloucado de meu peito  
A repetir um nome delirante ;  
Indeciso anhelar de edeneo goso,  
Castello que eu creei vertiginoso.

Creei-o numa noite não dormida,  
Após vê-la, entre todas, a rainha ;  
Creei-o nessas horas de delirio,  
Em que sentira em fogo a fronte minha ;  
E o sangue galopava-me nas veias  
E o cerebro doia-me de idéas...

E quem na vida não amara um dia  
E nunca despertara ao som de um beijo ?  
Quem nunca na vigilia empallecera,  
Ao seguir com o pensar louco desejo ?  
Quem não sonhara ao collo voluptuoso  
Da sultana louçã morrer de goso ?

Uma noite tentei fechar as palpebras,  
Debalde revolvi-me sobre o leito...

A alma adejava em phantasias de ouro,  
Arfava ardente o coração no peito.  
A imagem que eu seguia? É um segredo!  
Seu nome? Não o digo... tenho medo.

Ai? dóe muito calar dentro em noss'alma  
Este anhelar fremente de desejos!  
Ai! dóe muito calar o roseo sonho  
Que sonhamos: — dormir entre mil beijos  
Num seio que de amor todo estremece,  
Quando o olhar de volupias esmorece...

Dóe muito... mais dóe mais uma ironia,  
Quando adeja o pensar no firmamento.  
Dóe muito... mas dóe mais um desengano,  
Quando se vive só de um sentimento,  
Quando o peito cifrou sua esperança  
Em beijar da mulher a negra trança.

Que loucura! Aos teus languidos olhares,  
Beber, louco de amor, seiva de vida...  
Sorver perfume em teus cabellos negros,  
Sentir a alma de si mesma esquecida...  
E de goso de amar, louco, sedento,  
Viver a eternidade num momento!

Que ventura! Sorver com os lábios tremulos  
Em teus labios -- de amor o nome santo...

Que ventura! Fitar-te os negros olhos  
Desmaiados de amor e de quebranto...  
E reclinada a fronte no teu seio,  
Sentir languido arfar em doce enleio...

Mas que louco sonhar!... O'minha amante,  
Que nunca nos meus braços desmaiaste,  
Que nem sequer de amor uma palavra  
Dos meus labios em fogo inda escutaste,  
Perdoa este sonhar vertiginoso!  
Foi um sonho do peito deliroso!

E se um dia, entre as scismas de tu'alma,  
Minha imagem passar um só momento,  
Fita meus olhos, vê como elles falam  
Do amor que eu te votei no esquecimento.  
Recorda-te do moço que em segredo  
Fêz-te a fada gentil de um sonho ledoo...

Recorda-te do pobre que em silencio  
De ti fez o seu anjo de poesia;  
Que tresnoitou, scismando em tuas graças,  
Que por ti, só por ti é que vivia,  
Que tremia ao roçar de teu vestido,  
E que por ti de amor era perdido...

Sagra ao menos uma hora em tua vida  
Ao pobre que sagrou-te a vida inteira,

Que em teus olhos, febril e delirante,  
Bebeu de amor a inspiração primeira,  
Mas que de um desengano teve medo,  
E guardou dentro d'alma o seu segredo!

Bahia. Junho de 1863.

---



## A CRUZ DA ESTRADA

Tu que passas, descobre-te. Alli dorme  
O forte que morreu.  
A. HERCULANO.

Invides quia quie.  
LUTHERO.

---

Caminheiro que passas pela estrada,  
Seguindo pelo rumo do sertão,  
Quando vires a cruz abandonada,  
Deixa-a em paz a dormir na solidão.

Que vale o ramo do alecrim cheiroso  
Que lhe atiras nos braços ao passar?  
Vaes espantar o bando buliçoso  
Das borboletas, que lá vão pousar.

E' de um escravo humilde sepultura,  
Foi-lhe a vida o velar de insomnia atroz;  
Deixa-o dormir no leito de verdura  
Que o Senhor, entre as relvas, lhe compoz.

Não precisa de ti. O gaturamo  
Geme por elle á tarde no sertão ;  
E a juryty, do taquaral no ramo,  
Povôa, soluçando, a solidão.

Entre os braços da Cruz a parasita,  
Num abraço de flores, se prendeu ;  
Chora orvalhos a grama, que palpita,  
Lhe accende o vagalume o facho seu.

Quando á noite o silencio habita as mattas,  
A sepultura fala a sós com Deus ..  
Prende-se a voz na bocca das cascatas  
E as azas de ouro aos astros lá nos ceos.

Caminheiro ! do escravo desgraçado  
O somno agora mesmo começou !  
Não lhe toques no leito de noivado,  
Ha pouco a liberdade o desposou.

Recife 22 de Junho de 1865.

---

## ESTROPHES DO SOLITARIO

---

Basta de covardia! a hora sôa...  
Voz ignota e fatidica revôa,  
    Que vem... De onde? De Deus.  
A nova geração rompe da terra  
E, qual Minerva armada para a guerra,  
    Pêga a espada... olha os céos.

Sim, de longe, das raias do futuro,  
    Parte un grito, p'ra os velhos surdo, obscuro,  
    Mas para os moços, não!  
E' que em meio das luctas da cidade,  
Não ouvem o clarim da Eternidade,  
    Que troa na amplidão.

Quando as praias se occultam na neblina,  
E como a garça, abrindo a aza latina,  
    Corre a barca no mar,

Se então sem freios se despenha o norte,  
E' impossivel parar... volver é morte...  
Só lhes resta marchar.

E o povo é como a barca em plenas vagas,  
A tyrannia é o tremedal das plagas,  
O porvir-a amplidão.  
Homens! esta lufada que rebenta  
E' o furor da mais lobrega tormenta...  
— Ruge a revolução.

E vós cruzaes os braços... Covardia!  
E murmuraes com fera hypocrisia :  
— E' preciso esperar...  
Esperar? mas o que? que a populaça,  
Esse vento que thronos despedaça,  
Venha abysmos cavar?

Ou quereis, como o satrapa arrogante,  
Que o porvir, na ante-sala, espere o instante  
Em que o deixeis subir?  
Oh! parae a avalanche, o sol, os ventos,  
O oceano, o condor, os pensamentos...  
Porém nunca o porvir!

Meu Deus! da negra lenda que se escreve  
Com o sangue de um Luiz, no chão da Grêve,  
Não resta mais um som!  
Em vão nos déste, p'ra maior lembrança,

Do mundo — a Europa, mas da Europa — a França,  
Mas da França — um Bourbon!

Desvario das fronte coroadas!  
Nas paginas das purpuras rasgadas  
Ninguem mais estudou!  
E no sulco do tempo, embalde dorme  
A cabeça dos reis — semente enorme  
Que a multidão plantou!

No entanto, fôra bello nesta idade  
Desfraldar o estandarte da Igualdade,  
De Byron ser irmão...  
E, prodigo, na Grecia brasileira.  
Legar no testamento — uma bandeira,  
E ao mundo — uma nação!

Soltar ao vento inspiração de Graccho,  
Envolver-se no manto de Spartaco,  
Dos servos entre a grei;  
Lincoln — o Lazaro acordar de novo,  
E da tumba da infamia erguer um povo,  
Fazer de um verme-um rei!

Depois morrer... que a vida está completa;  
— Rei ou tribuno, Cesar ou poeta,  
Que mais quereis depois?  
Basta escutar, do fundo lá da cova,  
Dansar em vossa lousa a raça nova  
Libertada por vós!...



## AQUELLA MAO !

---

Era uma mão de luxo! Era um brinquedo!  
Mão tão bonita que metteria medo,  
Se não tivesse uma feição tão franca...  
Mão p'ra se encher de gemmas e brilhantes,  
De suspiros, de anseios palpitantes...  
Mão p'ra quebrar... as joias e os amantes,  
— Aquella mão tão branca!

Era uma mão fidalga... exigua, escassa...  
Mão de duqueza! Era uma mão *de raça*,  
De sangue azul em veios de Carrara!  
Alva! tão alva... que vencia a idéa  
Das neblinas, dos gelos e da garça...  
Amassada no *leite de Amalthéa*,  
Aquella mão tão rara!

Era uma mão de musa! mão que voa,  
Que, do piano na ideal lagoa,

As azas molha em rapidez não vista!  
Como andorinha que se arroja á tóa,  
Cruzando em beijos a extensão das teclas!  
Accendendo no seio a luz dos Heclas...

Aquella mão de artista!

Mão de criança! Era uma mão de arminho,  
Tendo essas covas, esses alvos ninhos,  
Lares que a terra desconhece ainda,  
Lembrando as conchas dos parceiros marinhos,  
A polpa branca dos nascentes lírios...  
Covas... porque se enterram mil delirios

Naquella mão tão linda!

No theatro uma noite, casta, esquiva,  
— Na luva de pellica a mão captiva  
Recordava um eclipse da lua...  
Mas um momento após, deixando o guante,  
Vi salvar-se da espuma rutilante,  
Como Venus despida e palpitante,

Aquella mão tão nua!

Era uma régia mão! Que largas vezes  
Sonhei torneios, morriões, arnezes,  
Bravos ginetes de nevada crina,  
Justas feridas entre mil revezes,  
Da media idade a sanguinosa palma  
Só p'ra os louros... prender á lança! e a alma!

Aquella mão tão fina!

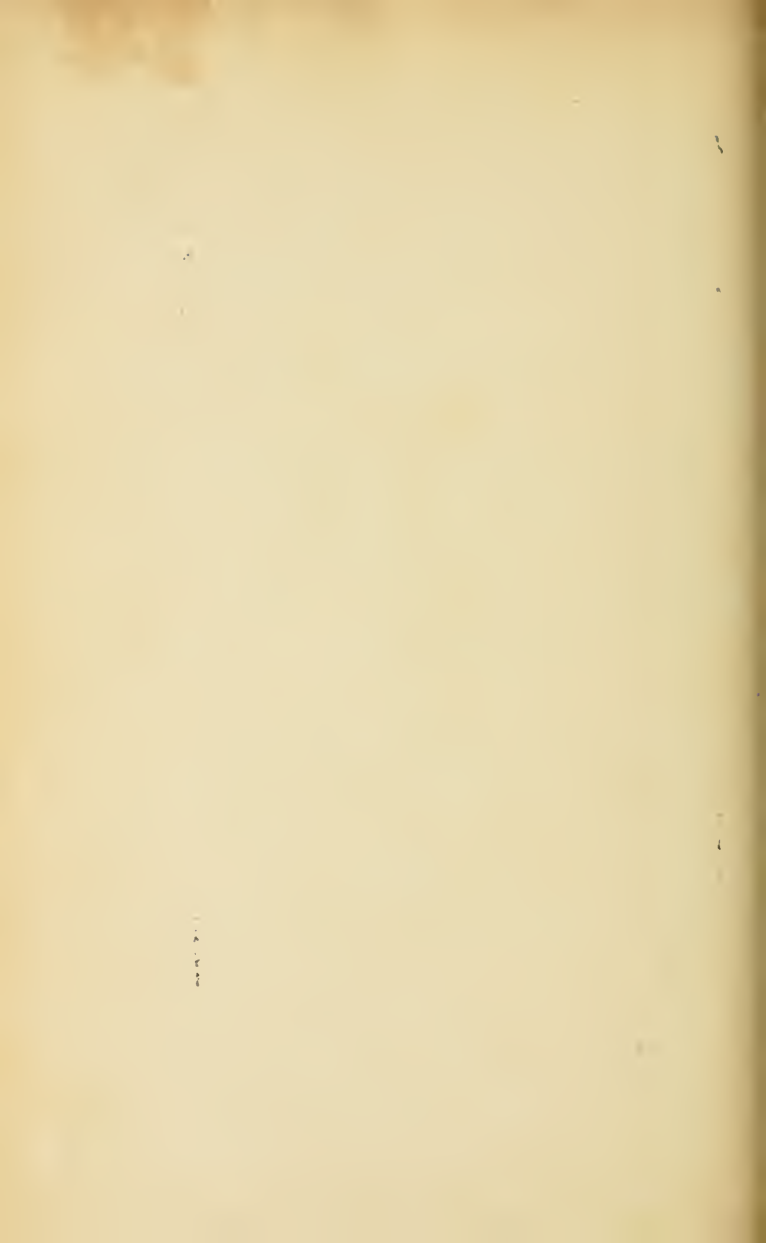


Uma noite sonhei que, em minha vida,  
Deus accendia a estrella promettida,  
Que leva os *Reis* ao berço da ventura ;  
Mas, quando, ao longo de poenta estrada,  
O suor me escorria d'amargura...  
Passava em meus cabellos perfumados  
    Aquella mão tão pura!

Era uma mão que illuminara um sceptro !  
Mão que ensinava da harmonia o metro  
Às espheras de luz que o dia encobre !  
Tão santa, que uma perola indiscreta  
Talvez manchasse essa nudez tão nobre...  
Vasia... era a riqueza do poeta  
    Aquella mão tão pobre !

Era uma mão que provocava o roubo !  
Era uma mão para cortar o globo !  
Tinha a luz — que arrebata ! e a luz — que espanca !  
Fôra o genio de Socrates, o grego !  
Domara em Roma os Consules e o lobo !  
Mão que em trevas buscava Homero cêgo,  
    Aquella mão tão branca !

---



## LUCIA

---

Na formosa estação da primavera,  
Quando o matto se arreja mais festivo,  
E o vento campesino bebe ardente  
O agreste aroma da floresta virgem,  
Eu e Lucia corriamos — crianças !  
Na veiga, no pomar, na cachoeira,  
Como um casal de colibris travessos  
Nas laranjeiras que o Natal inflora...

Ella era a cria mais formosa e meiga  
Que jamais na fazenda vira o dia ;  
Morena, esbelta, airosa... Eu me lembrava  
Sempre da corça arisca dos silvados,  
Quando lhe via os olhos negros, negros,  
Como as plumas nocturnas da grauna ;  
Depois, quem mais mimosa e mais alegre ?  
Sua bocca era um passaro escarlata,  
Onde cantava festival sorriso ;

Os cabellos caíam-lhe annellados,  
Como doidos festões de parasitas,  
E a graça, o modo, o coração tão meigo !  
Ai ! pobre Lucia ! como tu sabias,  
Festiva, encher de afagos a familia,  
Que te queria tanto e que te amava,  
Como se fòsses filha e não captiva !

Tu eras a alegria da fazenda;  
Tua senhora ria-se contente  
Quando enlaçavas seus cabellos brancos  
Com as roxas maravilhas da campina.  
Quando á noitinha todos se juntavam,  
Aos reflexos dourados da candeia,  
Na grande sala, em tórno da fogueira,  
Então, Lucia, sorrindo, murmurava :  
— Meu Deus, um beija-flôr fêz-se criança !  
Uma criança fez-se mariposa !

Mas um dia a miseria, a fome, o frio,  
Foram pedir um pouso nos teus lares ;  
A mesa era pequena... Pobre Lucia !  
Foi preciso te ergueres do banquete !  
Deixares teu lugar aos mais convivas !

Eu me lembro, eu me lembro... o sol raiava.  
Tudo era festa em volta da pousada.  
Cantava o gallo alegre no terreiro,  
O mugido das vacas misturava-se

Ao relincho das eguas, que corriam,  
De crinas soltas, pelo campo aberto,  
Aspirando o frescor da madrugada.

Pela ultima vez, ella, chorando,  
Veio sentar-se ao banco do terreiro...  
Pobre criança ! que conversas tristes  
Tu conversaste, então, com a natureza !

— « Adeus ! p'ra sempre, adeus, ó meus amigos,  
Passarinhos do céu, brizas do matto,  
Patativas saudosas dos coqueiros,  
Ventos da varzea, fontes do deserto !  
Nunca mais eu virei, pobres violetas,  
Arrancar-vos das moutas perfumadas !  
Nunca mais eu virei, risonha e louca,  
Roubar o ninho ao sabiá choroso...  
Perdoae-me, que eu parto para sempre !  
Venderam, para longe, a pobre Lucia ! »

Então ella apanhou do matto as flôres,  
Como outrora enlaçou-as nos cabellos,  
E, rindo de chorar, disse em soluços :  
— Não te esqueças de mim, que te amo tanto !

Depois... além, um grupo informe e vago,  
Que cavalgava o dorso da montanha,  
Ia esconder-se, transmontando o topo...  
Nesse momento eu vi, longe, bem longe,

Ainda se agitar um lenço branco...  
Era o lencinho tremulo de Lucia !

Muitos annos correram depois disto.  
Um dia, nos sertões eu caminhava  
Por uma estrada agreste e solitaria.  
Deante de mim uma mulher seguia,  
Com o cantaro á cabeça, os pés descalços,  
Com os hombros nús, mas pallidos e magros.

Ella cantava, com uma voz extineta,  
Uma cantiga triste e compassada.  
E eu, que a escutava, procurava embalde  
Uma lembrança juvenil e alegre  
Do tempo em que aprendera aquelles versos.

De repente lembrei-me... — Lucia ! Lucia !  
A mulher se voltou... fitou-me, pasma,  
Soltou um grito... e, rindo e soluçando,  
Quiz para mim lançar-se, abrindo os braços...  
Mas sabito estacou... nuvem de sangue  
Córou-lhe o rosto pallido e sombrio...  
Cobriu com a mão crispada a face rubra,  
Como escondendo uma vergonha eterna.

Depois, soltando um grito, ella sumiu-se  
Entre as sombras da matta, a pobre Lucia !

A CASTRO ALVES





## A' MARGEM DA CORRENTE

Companheiro! uma cruz na selva corta  
E planta-a no meu toco monumento!  
(CASTRO ALVES.)

---

Eu ouvio cantar...

O sabiá pousava

Da lorangeira em flôr no verde galho,

A' margem da corrente!

E que doce gorgueio!... — a manso e manso

Em mûmuro ruido as aguas trepidas

Deslisavam sorrindo; e na carreira

A prateada esteira colleando,

Pelo formoso valle,

No fremito das auras, no sussurro

Das folhas seccas, no cicío brando

Do remechar das flôres — parecia

Gemer, gemer com elle!

E o sabiá cantava! — a endeixa triste,

Da veia crystallina ao som tremente,

Expandia-se ao longe... e as doces notas  
— Solução indefinível,  
Perdiam-se no ar, como o respiro  
Das mattas virgens em manhãs serenas,  
Quando na excelsa coma a flôr e as folhas  
Tremem, sentindo em lagrimas de orvalho  
Da madrugada os beijos !...  
Vinha surgindo a aurora ! — o firmamento,  
Em mar de azul, as ardentias d'oiro  
Ondulava contente !

Tingindo alegre os largos horizontes  
De suave carmim — a luz brotava...  
E o sol, o rei ativo do oriente,  
Tirando o carro de corseis de fogo,  
Em purpureos cochins  
A laureada frente reclinava,  
Medindo o espaço infindo !

E o sabiá cantava  
Na laranjeira em flôr !...  
Vagos rumores do cahir das folhas ;  
Mysteriosos sons ; brando estalido  
Das ramas a quebrar ; frescor das relvas ;  
Suaves pios ; bater macio d'azas  
Das aves voejando : echos longinquos  
Da recatada selva !... a natureza,  
Abrindo os olhos humidos de pranto,  
Nas pompas de seu leito

Meiga sorria aos canticos festivos  
Do despertar do somno !

E a luz subia... e o sabiá cantava  
A' margem da corrente !

Dizia a borboleta — eu dou-te os vôos...  
As folhas verdes — aqui tens frescura ;  
A flôr dos bosques... eis o meu perfume...  
Eu sou teu echo — a sonora gruta ;  
Sou teu espelho — a limpida corrente ;  
Os anilados céus — guardo teu ninho ;  
O sol — vem procurar-me!...

E a flôr, e a borboleta e a folha verde,  
E a torrente, e o sol e o céu e a gruta  
Eram d'ave inspirada — a immensa orchestra  
No concerto do amor !...

E o sabiá cantava !...

Na lorangeira o galho estremeia,  
Como se o orvalho lhe afagasse as flores,  
Ou aquella voz, nas dulcis harmonias,  
A raiz lhe tocasse...

Depois eu vi-o, as pennas sacudindo,  
Ainda humedecidas  
De sereno e de luz, cantando sempre —  
Bater... bater as azas anciosas...  
Voar... voar... até sumir-se ao longe  
Ultimo som e nota !

Da larangeira as flôres desfolhadas  
No vivo aroma o derradeiro leito  
Cercaram-lhe de incenso...  
E a brancura finissima fingia  
Dos cantos matinaes a nivea campã !...  
Ouvi... ouvi... ternissima  
A extrema nota, repetida ainda...  
— Echo saudoso das canções d'outr'ora,  
Nas gemebundas auras !  
E veio a noite — e na manhã seguinte  
Novo sol, nova luz ;  
Só não voltara o sabiã das mattas,  
E o galho — era uma cruz.

Dorme, dorme feliz!.. Oh! não despertes  
À margem da corrente!  
Dorme, ó creança, ao resonar das brisas,  
Filho da luz! descansa! Atravessaste  
Entre sepulcro e berço a terra ingrata,  
Mais feliz do que nós !...  
Não sentirás neste areial deserto  
— Na morte d'alma a vida!...  
No vivo coração a propria tumba!...  
Não has de vêr as lagrimas estanques  
— Supplicio da saudade !  
E a cada hora — uma illusão que vac-se...  
Para não mais voltar... oh! nunca... e nunca...  
Nem pedirás a inspiração de um sonho  
A um punhado de terra!...

---

Dorme, criança, dorme! os que ficaram  
— À sombra do caminho,  
Por entre os laranjaes sentem chorando  
O aroma de teus cantos!  
Foste do sonho á morte!... oh! dorme, dorme!  
Talvez sonhes ainda...

JOSÉ BONIFACIO.



## A GRANDE SOMBRA

... Hear me but speach word  
(SHAKSPEARE.)

---

Boia — sobre as « espumas fluctuantes »  
Do oceano do tempo — acalentado;  
E foge assim pela maré levado,  
Ao hymno das estrellas scintillantes;

Echo apenas dos canticos gigantes,  
Que em chammas ideaes tinha moldado,  
Das mãos caiu-lhe a lyra d'ouro em antes  
De ter os mundos, que sonhou, formado.

Que epopéas passaram-lhe na frente,  
Como vulcões a arder n'um vasto monte!  
Ergueu-se na attitude de um colosso...

No oceano do tempo hoje emfim dorme;  
E a sombra, que deixou, a sombra enorme  
Viu-se que era de um sol, morrendo moço.

LUIZ DELFINO.





## NO DECENNARIO DE CASTRO ALVES

« Tinha na mão brilhante a trompa bronzada. »  
CASTRO ALVES.

---

Foram-se todas já. Uma era a bella  
Musa das notas lyricas, sombrias;  
Outra empunhava a taça das orgias;  
Outra o pincel da americana tela;

Esta era torva e extravagante; aquella  
De Henri Heine lembrava as phantasias;  
Eis as musas gentis do Abreu, do Dias,  
Do Azevedo, do Freire e do Varella...

Cada uma destas pallida sustinha  
Na mão uma harpa d'oiro, e a desejada  
Gloria a seguir cada uma destas vinha...

De Castro Alves, porém, a illuminada  
Musa, em lugar de uma harpa d'oiro, *tinha*  
*Na mão brilhante a trompa bronzada.*

RAYMUNDO CORRÊA.



E Deus para o poeta o céu desata,  
Semeado de lagrimas de prata.

CASTRO ALVES.

---

Baixaste á campa, sonhador, na hora,  
Hora melhor da vida e da Poesia;  
Mergulhaste na Noite eterna e fria,  
Todo ensopado do orvalhar da aurora.

A Patria, — a triste mãe que te deplora,  
Já não sorri, ai não! como sorria :  
E que futuro amigo promettia  
Tua alma brava, esplendida e sonora !

Dorme, porém, feliz e socegado :  
O mundo ainda é o mundo gangrenado,  
E a dôr que te matou tambem nos mata :

A morte, sim, é o somno immaculado :  
« E Deus para o poeta o céu desata  
« Semeado de lagrimas de prata ! »

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

## A' MARGEM DA CORRENTE

Ao publicar esta formosa poesia, acompanhou-a a *Republica* das seguintes palavras, sob o titulo — José Bonifacio e Castro Alves :

« Quando o moço, que teve o segundo destes nomes, foi a S. Paulo cursar as aulas de direito, encontron como mestre e amigo, rival e admirador, aquelle primeiro orador de seu tempo, modelo de honestidade civica e de honradez.

Felizes os que naquella terra de tantas tradições ouviram n'uma mesma sala, em uma mesma festa, aquelle orador e aquelle poeta !

Além do encanto, sentia-se a gente feliz de ser desta America e de contemplar os dous astros. E quando os dous cessavam, erguiam-se outros talentos admiraveis, como por exemplo, os de Joaquim Nabuco, Luiz Gama e outros.

Dessas festas só S. Paulo pôde, nestes dias de materialismo, ser theatro.

.....  
Quanto ao pobre Castro Alves, mais feliz talvez, deitou-se para sempre e sonha os sonhos da vida.

Feliz ! A patria na figura da *Mãe dolorosa* vela em seu tumulto, e a poesia — amante Magdalena — o pranteia.

Ferido pela morte de Castro Alves, José Bonifacio aproximou-se á tumba gloriosa, onde dorme o poeta da Republica e disse-lhe o ultimo adeus ! Sentido até á lagrima, tocante, como a prece, danol-o á apreciação dos leitores.

É mais um toque revelador do talento esplendido de José Bonifacio.

O Castro, o pobre Castro, o audaz cantor de Pedro Ivo, certo merecia um canto destes.

## INDICE

---

Ao publico . . . . .	1
Castro Alves . . . . .	3
Prologo . . . . .	13
Dedicatoria . . . . .	17
O livro e a America . . . . .	19
Hebréa . . . . .	25
Quem dá aos pobres, empresta a Deus . . . . .	27
O laço de fita . . . . .	31
Ahasverus e o genio . . . . .	35
Mocidade e morte . . . . .	39
Ao Dous de Julho . . . . .	43
Os tres amores . . . . .	47
O fantasma e a canção . . . . .	49
O gondoleiro do amor . . . . .	53
Sub tegmine fagi . . . . .	57
As tres irmãs do poeta . . . . .	63
O vôo do genio . . . . .	65
O adeus de Thereza . . . . .	69
A volta da primavera . . . . .	71
A Maciel Pinheiro . . . . .	73
A uma taça feita de um craneo humano . . . . .	77

Pedro Ivo. . . . .	79
Oitavas a Napoleão . . . . .	91
Boa Noite. . . . .	95
Adormecida. . . . .	99
Jesuitas. . . . .	101
Poesia e mendicidade . . . . .	107
Hymno ao somno . . . . .	113
No album do artista L. C. Amoedo. . . . .	117
Versos de um viajante. . . . .	119
Onde estás ? . . . . .	121
A Boa Vista. . . . .	123
✓ A uma estrangeira . . . . .	129
Perseverando . . . . .	133
O coração. . . . .	137
Murmurios da tarde. . . . .	139
Pelas sombras. . . . .	143
Ode ao Dous de Julho. . . . .	147
A duas flôres . . . . .	151
O tonel das Danaides . . . . .	153
A Luiz . . . . .	155
Dalila. . . . .	157
As duas ilhas . . . . .	161
Ao actor Joaquim Augusto. . . . .	165
Os anjos da meia noite. . . . .	169
O hospede. . . . .	177
As trévas . . . . .	181
Aves de arribação. . . . .	187
Os perfumes. . . . .	193
Inmensis orbibus anguis. . . . .	197
A uma actriz . . . . .	201
Canção de Bohemio . . . . .	205
É tarde . . . . .	209

A meu irmão Guilherme de Castro Alves. . . . .	213
Quando eu morrer. . . . .	215
Uma pagina de escola realista. . . . .	217
Coup d'otrier . . . . .	227
Notas . . . . .	231

## SUPPLEMENTO

Durante um temporal . . . . .	239
Se eu te dissesse . . . . .	241
Saudação a Palmares . . . . .	243
Horas de saudade . . . . .	247
Fé, Esperança e Caridade. . . . .	249
Deusa lineruenta . . . . .	251
No meeting do comité du pain . . . . .	257
Menina e moça . . . . .	261
O derradeiro amor de Byron. . . . .	263
Rezas. . . . .	267
Fatalidade. . . . .	271
Passaros viajantes. . . . .	273
Consuelo . . . . .	275
Remorsos . . . . .	281
*** . . . . .	285
Elegia . . . . .	287
Meu segredo. . . . .	291
A cruz da estrada . . . . .	297
Estrophes do solitario . . . . .	299
Aquella mão . . . . .	303
Lucia. . . . .	307
A Castro Alves . . . . .	311





PQ  
9697  
C35E8  
1913

Castro Alves, Antonio de  
Espumas fluctuantes  
Nova ed. corr.

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

